

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

TERÇA-FEIRA
13 DE JANEIRO DE 2004
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO N.º 106

ESTUDANTES VOTAM QUEIMA AMANHÃ

Referendo decide o futuro da festa estudantil

JONAS BATISTA



A Assembleia Magna de Voto marcada para quarta e quinta-feira vai deliberar sobre a realização da maior festa da cidade. A academia é chamada às urnas para votar a suspensão daquela que é também uma das principais fontes de receitas da Associação Académica de Coimbra. Os resultados de uma questão que suscita muita polémica são dados a conhecer na madrugada de sexta-feira. PÁG. 5

VICTOR HUGO SALGADO
“ACREDITO EM
PESSOAS E EM
PROJECTOS”

PÁGS. 2 e 3

PRISÃO EM PORTUGAL
REPORTAGEM DO
OUTRO LADO DAS
GRADES

PÁGS. 12 e 13

PRÉMIO PESSOA
“ESTUDANTES TÊM
RAZÃO”, DEFENDE
GOMES CANOTILHO

PÁGS. 6 e 7

O futuro da Queima passa por acabra.net

Tudo sobre a Assembleia Magna de Voto em www.acabra.net

SUMÁRIO

Destaque	2	Reportagem	12
Opinião	4	Ciência	14
Academia	6	Desporto	15
Universidade	8	Cultura	17
Cidade	9	Artes Feitas	20
Nacional	10	Agenda	22
Internacional	11	Vinte&três	23

“Sinto nostalgia na partida”

Victor Hugo Salgado, actual presidente da DG/AAC, sai de “consciência tranquila” após dois mandatos

PEDRO COSTA GOMES

Em altura de balanço, o presidente cessante da AAC refere alguns dos momentos que marcaram a sua actuação e acrescenta que este foi um “passo de gigante” na procura de melhores condições

Tiago Azevedo
Ana Martins

Após dois anos de mandatos, Victor Hugo Salgado, presidente cessante da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, diz que sai de “consciência tranquila” do cargo que ocupa. Referindo-se ao que foi feito e ao que ainda há por fazer, não esconde alguma preocupação em relação ao futuro da contestação nacional.

Dois anos de mandato com diferentes contextos e uma atitude mais agressiva no segundo ano. O que marcou a tua passagem pela Associação Académica de Coimbra (AAC)?

Interpreto o primeiro mandato como mais calmo, onde o governo tinha acabado de chegar e encontrava-se num “estado de graça” e perspectivava-se o lançamento de bases para um trabalho consistente, com força, dinamismo e uma progressiva consciencialização. O segundo mandato destaca-se com um maior reconhecimento estudantil, maior projecção mediática e com um dinamismo e vivacidade em contestação, justificado pelo novo pacote legislativo, com a necessidade de se definir o conteúdo e a sua estratégia. Conteúdo no que toca à redução do peso dos estudantes nos órgãos, uma nova política, o insucesso político, a acção escolar. A nível de estratégia uma maior contestação face às medidas mais negativas das últimas décadas e uma nova metodologia que se impunha. Dentro da acção de contestação fizeram-se manifestações, encerramentos, greves enquadradas nas linhas tradicionais. Numa vertente mais alternativa dada a premência de se alterar e inovar o figurino de contestação foram criadas iniciativas como a volta das propinas ou o leilão das faculdades, que destacaram a academia de Coimbra pela diferença.

Durante o primeiro mandato existiu uma divergência entre a AAC e a Federação Académica do Porto (FAP). Não foi uma luta de carisma pessoal com Nuno Mendes que prejudicou o movimento associativo nacional?

Num período em que o movimento associativo nacional se despoletava, o que foi preponderante nesta questão FAP/AAC prende-se com as formas distintas de

avaliar e de ver a contestação. Para a academia de Coimbra já tinham sido dadas, a determinada altura, provas suficientes dos problemas que nós tínhamos e que tendiam a agudizar, o que nos deu certezas e consciência da situação. A FAP tinha outro modo de estar, uma outra postura que divergia da AAC. Mas a luta direccionou-se sem-

pre contra a má política do ensino superior. Na minha perspectiva pessoal não posso dizer que não haja divergências que tenham passado para o campo profissional mas houve inteligência de parte a parte para “darmos as mãos” e começar a trabalhar num sentido comum. É importante dizer que se existisse um contínuo agudizar do mau entendimento entre a FAP e a AAC, isso poderia prejudicar e nesse caso não teríamos tido a maior manifestação do ensino superior e teríamos tido 90 dias de luta local em vez de 90 dias de luta nacional.

“Passos significativos” no processo AAC/OAF

A problemática do símbolo da AAC e a questão da dívida com o Organismo Autónomo de Futebol (AAC/OAF) foi algo que referiste durante os períodos eleitorais que antecederam os mandatos. Ao longo deste anos quais foram as vitórias nestes campos?

Demos passos significativos, conseguindo um encaixe mais visível e preponderante. Logo na altura da tomada de posse saldamos dez mil euros da dívida, ainda com a presidência de Campos Coroa. Passado algum tempo, já com João Moreno como presidente, elaboramos um protocolo que garantiu um encaixe de vinte mil euros. Sendo este um assunto interno, o interesse é de salvaguardar a imagem da Associação Académica de Coimbra e do Organismo Autónomo de Futebol.

Acabar com a utilização indevida do símbolo e regularizar a utilização por parte da OAF são passos que têm ser dados, mas ainda é um processo que está sobre a mesa. No que toca à utilização indevida do

símbolo, existiu um controlo mais rigoroso e mesmo a apreensão de algum material. Mas é necessário lembrar que a questão do símbolo não surge exclusivamente inerente ao OAF, surge associada no projecto de criar no símbolo da AAC uma mais valia significativa para a própria associação. Temos uma nova dinâmica na Loja da Associação, completamente distinta que visa marcar pela diferença e prestigiar a imagem da associação académica.

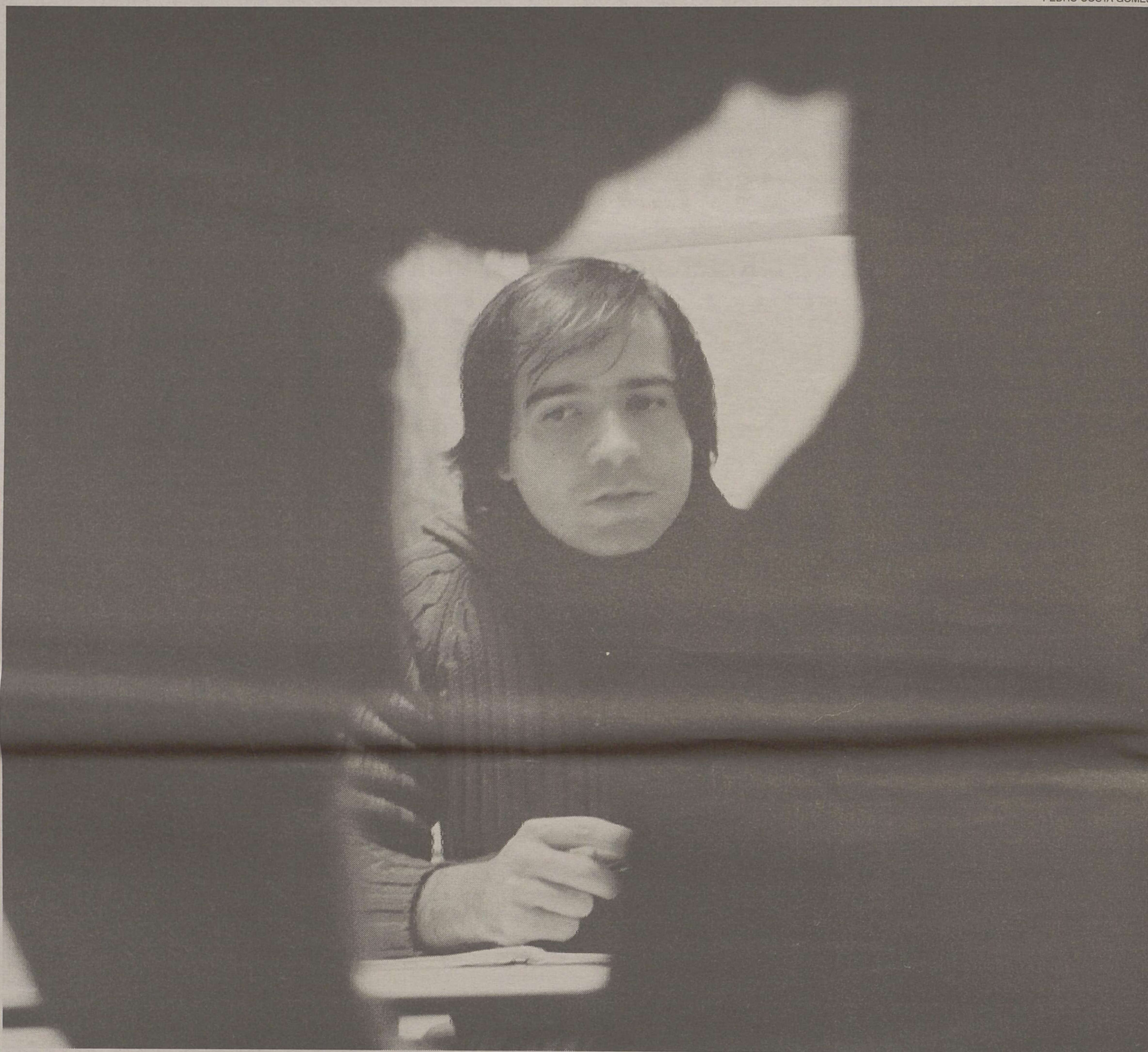
Na prática, que resultados podes apresentar no fim dos teus dois mandatos?

Antes de tudo tentamos marcar posições internas e externas no que toca a vários aspectos. Internamente, no que diz respeito a infra-estruturas, Queima das Fitas, consciencialização e interligação com os núcleos. Existiram tomadas de posição em relação à Queima das Fitas e conseguiu-se um maior lucro.

A nível de reestruturação das infraestruturas também se desenvolveu um trabalho importante. A sala de estudo, o acesso aos jardins, os sanitários que já estavam algo degradados, a criação da loja do cidadão estudante, a reconstrução da tesouraria, a nova sala de ensaios, são alguns dos exemplos que posso destacar. Para isto tudo foi essencial os apoios conseguidos nas Latadas e Queimas e outros apoios

externos. Houve um maximizar de recursos, com a consciência da necessidade de uma nova imagem. O Cartão de Sócio, associado ao Cartão Jovem, é um protocolo essencial neste campo, garantido uma série de privilégios aos estudantes da Universidade de Coimbra (UC).

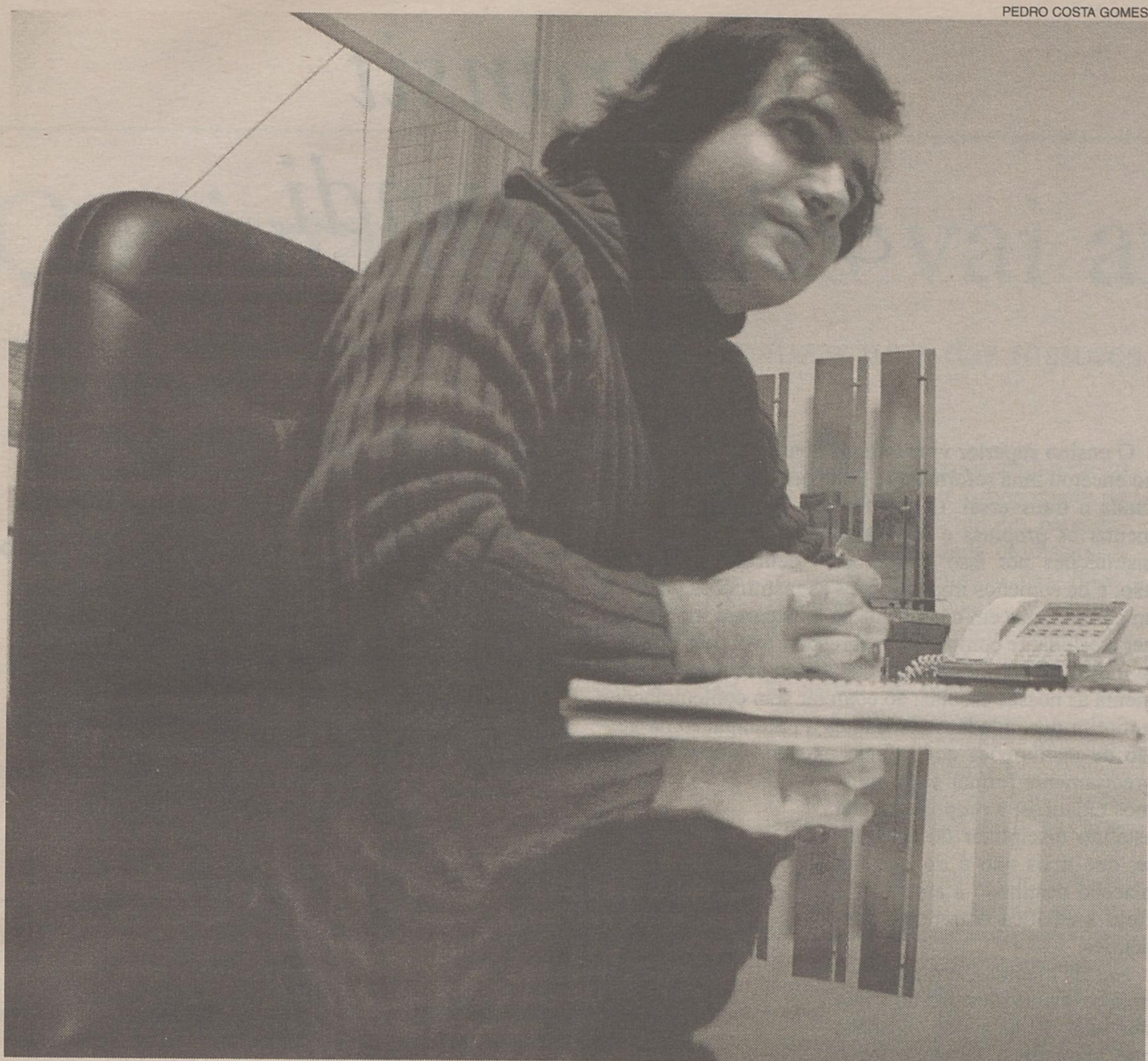
O Fórum AAC foi também preponderante para marcar a posição da AAC, congregando esforços a nível da contestação. Do Gabinete de Apoio ao Estudante, passando pelos pelouros de intervenção de



Victor Hugo Salgado sente-se orgulhoso de ter presidido a Associação Académica de Coimbra durante dois anos

“A luta direccionou-se sempre contra a má política para o ensino superior”

“Existiram tomadas de posição em relação à Queima das Fitas e conseguiu-se um maior lucro”



PEDRO COSTA GOMES.

"Há um claro e profundo gozo em sair de uma direcção-geral e levar amigos que hei-de recordar", afirma Victor Hugo

De alguma forma esperas que a presidência da DG/AAC seja uma rampa para as lides políticas? Há rumores de uma aproximação ao PS...

É lógico que se fale, que seja PS, PSD ou PCP, quando um presidente de uma direcção-geral que tem um trabalho ao longo de dois anos, que tem uma imagem pública, tem posições formadas e uma mais valia significativa a adquirir. Começa-se desde logo a especular. Não sei se me vou enquadrar ou não em qualquer tipo de estrutura partidária. Mais do que acreditar em partidos, acredito em projectos e em pessoas, sempre o afirmei. O que é fundamental é que as pessoas tenham consciência, e eu tenho a minha tranquila. Tudo o que fiz em nome da AAC voltava a fazer. Penso que são poucas as pessoas que possam ter dúvidas de que alguma vez tenha feito algo que não tenha sido em prol da academia, da qual me orgulho de ter sido presidente e que me deixa, sem dúvida alguma, nostalgia na hora da partida.

"Fico preocupado com as caras e as estratégias que se prevêem para o movimento associativo nacional"

do de um momento para o outro. Mas também existem novos projectos e acções inovadoras. São ciclos e têm como base a Associação Académica de Coimbra, que deve ser cada vez mais igual a si própria.

E agora que abandonas o movimento associativo nacional, como antevês o futuro da contestação?

Acho que todos os presidentes contribuíram e conseguiram marcar um grande espírito de união, sobretudo neste último período de contestação. Mas fico com alguma preocupação perante algumas conversas de corredor que tenho ouvido face a novas ideias e notas, que também tenho lido nos jornais, com uma viragem na política e na estratégia para o movimento e n t o associativo nacional. Daí que fico preocupado com as caras e as estratégias que se prevêem para o movimento associativo nacional.

E quanto à AAC e ao futuro do estudante Victor Hugo Salgado, o que podemos esperar?

Eu estou também no Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior, enquanto representante do ensino superior concordatário e público, o que quer dizer que continuarei ligado ao ensino superior. Em Coimbra estou, como sempre estive, disposto a ajudar e a participar activamente. Não vou deixar de passar pelos corredores da associação mas a prioridade agora é acabar o curso o mais rápido possível, porque os anos também começam a pesar.

No que toca a outras actividades, apesar de não ter tempo para me dedicar como me dediquei à Pitagórica, irei passar pela Orxestra e pela Secção de Fado, bem como por outras secções que me digam algo. Quanto a manifestações, se defendia que os estudantes tinham que ir às manifestações, agora, que volto a ser um estudante regular, irei às manifestações e continuarei a apelar aos meus colegas porque sempre tive consciência de que a mobilização estudantil não se ganha com papéis, mas sim a passar palavra "boca a boca".

"Novos projectos e acções inovadoras"

O que esperas desta direcção-geral que foi agora eleita?

Eu espero, como de todas as direcções-gerais, que, mais do que pensar em criar uma melhor AAC, criem a academia de Coimbra à sua verdadeira imagem. Todas as candidaturas e direcções-gerais têm algo tanto de continuidade como de inovador. São de continuidade porque existem projectos, uma história e uma tradição que ficam, pois não se pode derrubar tu-

política educativa, procurou-se unir esforços. É também importante referir a situação financeira estável da academia, conseguindo até pagar parte do plano Mateus.

Externamente, procuramos marcar posições para a reitoria da UC, para a câmara municipal e para o Governo, no sentido de demonstrar a importância da AAC.

No que toca à câmara municipal, exemplificando a nível do Conselho Cultural, adquiriram-se verbas que em nada têm haver com o passado, chegando-se a quadruplicar os montantes que são distribuídos. No que toca à reitoria, procurámos saber de que forma o reitor se assume e tomar posições concretas nos órgãos de gestão da universidade. Já ao governo colocamos as nossas questões, as nossas dúvidas de forma clara e demonstramos o nosso

descontentamento. Este é um passo de gigante para uma contestação que não pode parar e que só depois de concretizada e afirmada é que se vai saber se valeu a pena.

"Tentei construir uma quipa de amigos"

Dois anos em frente à Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra... Como foi coordenar estes grupos de trabalho? Há quem afirme que foi uma actuação individual.

Acho que quando me candidatei à AAC sempre tentei trazer as pessoas que estavam mais próximas de mim, sempre tentei construir uma equipa de amigos. E acho que isso foi desenvolvido ao longo deste tempo. Obviamente que existe uma ou outra divergência pontual

"Uma única pessoa não consegue fazer sozinho o trabalho destes dois anos"

"A posição da DG/AAC é a posição da academia"

Com o início da Assembleia Magna de Voto amanhã, Victor Hugo Salgado esclarece a posição da DG/AAC e explica o porquê das duas datas

Acreditas na eventual suspensão da festa académica?

A Queima das Fitas e a discussão que está a ser tida desde a última Assembleia Magna já teve resultados práticos positivos. Isso é algo que deve ser tido em conta. Quer haja, quer não haja. Quer seja parcial quer não seja parcial, a Queima das Fitas está a ser discutida com tanta antecedência que já de-

monstrou efectivamente duas questões essenciais: algo está errado na academia de Coimbra para a suspensão ser discutida com tanta antecedência. A Queima das Fitas deste ano não pode ser concretizada apenas pelo presidente da direcção-geral e pela sua equipa, terá que ser concretizada por todos que intervêm na Queima das Fitas. Este ano, a haver Queima das Fitas, tem que haver uma forte politização, que não caia em saco roto.

Como explicas a divisão da Assembleia Magna de Voto em duas datas? Será que a segunda data, onde se vota a suspensão parcial da Queima, demonstra a posição da DG/AAC?

Pareceu-nos que, de acordo com a questão

que se coloca, se colocássemos as três questões num só boletim, o "Não" ficaria prejudicado. Ahamos melhor decidir primeiro se existe Queima ou não e só depois referendar a suspensão parcial. A posição da direcção-geral da AAC é a posição da academia. Nós vamos lutar para que a academia nos diga o que temos que fazer. A decisão final não vai ser a posição de Victor Hugo Salgado, não é a posição da DG/AAC, não é uma posição de contestação mas é uma posição da academia de Coimbra. É uma posição que vai marcar a academia, uma vez que não pode ser revogada. Neste momento, nenhum estudante desta academia pode acusar a DG/AAC ou a Assembleia Magna de tomar uma posição sem a possibilidade de participação seja de quem for.

E quanto à tua posição pessoal acerca deste assunto?

A minha posição não pode ser expressa aqui porque quem ler a posição de Victor Hugo Salgado vai associar à posição do presidente direcção-geral. Neste momento chegámos a uma situação ridícula em que os estudantes são criticados por tudo, inclusive pela Queima das Fitas. De um momento para o outro, passam a ser criticados quando decidem não fazer a Queima das Fitas, o que é uma total contradição. Daí que é importante que a AAC assuma uma posição e que a mantenha para não cair em descrédito. A melhor maneira de a AAC chegar a uma posição e de não voltar atrás é através de uma Assembleia Magna de Voto.

EDITORIAL

Queima em fogo ardente

Amanhã, a academia de Coimbra vai referendar a realização da Queima das Fitas 2004. Em cima da mesa está um conjunto de hipóteses que promete agradar a todos: suspensão integral do evento, realização parcial ou realização total da maior festa estudantil do país. Apesar da grave falta de divulgação - a que os elementos da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), da nova e da velha equipa (ou será da equipa renovada?...), não são alheios - espera-se que mais de 7331 estudantes participem nesta Assembleia Magna de Voto (AMV), única forma de ela ser considerada válida. Uma tarefa claramente monstruosa, tendo em conta que os habituais caciques não estarão tão activos como de costume a levar os "maus eleitores" às urnas...

No entanto, o fulcral do debate mantém-se: suspender a Queima das Fitas vai dar à luta estudantil o fulgor e a projecção que esta tão

desesperadamente procura? Mais, o falhanço (mais do que previsível) da AMV, ao não conseguir reunir o número necessário de votantes, não será apenas mais uma forma de lançar a confusão no movimento associativo e, mais importante, junto do estudante comum, alheio aos estatutos da AAC e ao desenrolar burocrático deste tipo de processos?... Ou, pelo contrário, não será uma forma de finalmente demonstrar junto da sociedade civil e da classe política a unidade dos estudantes e o maior alcance da sua férrea oposição a um conjunto de políticas para o ensino superior que consideram prejudiciais?... As possibilidades são muitas, mas a certeza apenas uma: a decisão que sair deste acto irá determinar muito dos próximos episódios da vida associativa e académica da AAC.

Irá influenciar muito porque irá capitalizar a massa estudantil rumo a um objectivo, a realização da "não realização" da Queima das Fitas (é necessário mais do que apenas não realizar a festa - é preciso realizar o seu oposto, a "não festa") ou, no caso contrário, irá determinar uma quebra anímica e a consequente morte prematura do movimento estudantil durante o primeiro semestre de 2004.

Por isso, dada a importância do momento, é incompreensível o silêncio e o desaparecimento do futuro presidente da DG/AAC, Miguel Duarte, ao mesmo tempo que é estranho o alheamento demonstrado por Victor Hugo Salgado, presidente cessante. Afinal, qual é a posição da DG/AAC, actual e futura, em relação a esta questão? Qual é o rumo que defendem para Coimbra? Uma academia de luto (embora não declarado) contra o actual elenco executivo e as suas políticas para a área do ensino superior, uma academia sem vontade de festejar o aumento das propinas, as prescrições, a falta de uma acção social condigna e a ausência de qualidade do ensino? Ou, pelo contrário, uma academia espumando de raiva que, utilizando a Queima em todas as variantes e recordando cortejos passados de forte carga política do tempo da velha senhora, canalize toda a energia que envolve a festa dos estudantes contra a ministra da tutela, Maria da Graça Carvalho?

Qualquer opção é legítima. Da mesma forma que é legítimo apelar à participação dos estudantes na próxima AMV, não só àqueles 7331 que votaram na primeira volta das últimas eleições para DG/AAC, mas aos 20 mil que enchem as ruas da Lusa Atenas e que, inevitavelmente, devem acordar para os seus problemas. Porque mesmo que não se considerem particularmente afectados com a liberalização do ensino, visto que as suas capacidades financeiras lhes permitem comprar um lugar (mesmo que no chão...) no ensino superior público, devem essa responsabilidade cívica aos seus colegas menos abonados. Como o deviam, de resto, aqueles cinco senhores que, há menos de um mês, avidamente se batiam por um lugar na cadeira do poder, ou aquele outro, que depois de dois anos de lutas académicas, preferiu lavar as mãos desta questão, tal e qual como Pílato...

Emanuel Graça

Sic transit gloria mundi

Nuno Mendes *

O ensino superior vive tempos conturbados. O governo encetou uma reforma que tinha por objectivo ser profunda e transversal. O que fez foi, sensivelmente, aumentar as propinas e responsabilizar os dirigentes das instituições por isso; favorecer - deliberadamente ou não, é de somenos importância - as instituições privadas ao cortar vagas em cursos que só existem no litoral; eleger o estudante como principal responsável pelo brilhante índice de 40 por cento de insucesso escolar que atormenta as nossas escolas; ao coarctar sem contemplações o direito dos cidadãos estudantes à participação na gestão de instituições que, afinal, existem sobretudo para precisamente formar esses mesmos cidadãos; a proposta de um estatuto disciplinar do estudante, que mais não é do que um placebo destinado a amenizar a fúria mediática anti-praxe académica.

Nestas medidas, um traço comum: o ataque desmedido e inédito aos direitos dos cidadãos que, num dado tempo e local, exercem o direito constitucional à educação. Nada mais de relevo foi feito que não acarrete prejuízo para os estudantes.

Agora cumpre dizer por quê qualificar estas políticas tão negativamente:

Das propinas: justifica-se o governo com o argumento da justiça social - aqui respondemos dizendo que justiça social far-se-ia se houvesse a coragem para aplicar o sistema fiscal a todos e não apenas aos mais desprotegidos da sociedade. Mas este governo já mostrou que não quer (ou não pode) incomodar os supra-poderes instalados. Justifica-se o governo dizendo que quem fica a ganhar com a obtenção de um grau académico é o próprio indivíduo - respondemos, perguntando se o governo acha que Portugal já tem a sua população devidamente qualificada, quando sabemos que o nosso país tem menos de metade da percentagem de população com formação superior quando comparada com a média europeia - 9 para 23 por cento -, ou seja, se não é verdade que o primeiro a ganhar será Portugal, se for decidido investir seriamente na Educação. O problema é que este tipo de políticas produz resultados apenas a longo prazo, não rendendo por isso votos...

Dos cortes nas vagas: os cortes foram feitos nos cursos públicos das ciências sociais, políticas e humanas - cursos que só existem praticamente nas universidades do litoral. Adicionalmente convém verificar que as instituições privadas, quase todas concentradas nos grandes centros urbanos do litoral, mantêm na sua grande maioria cursos daquelas áreas do saber. Dois mais dois ainda são quatro.

Das prescrições: o índice de insucesso escolar português cifra-se nos 40 por cento. Uma análise objectiva diria que concorrem para este valor vários factores, a saber: a ineficácia da acção social escolar, a falta de formação pedagógica dos docentes (não basta que os docentes

saibam, é necessário também que saibam ensinar), a falta de equipamentos didácticos, técnicos, informáticos e infraestruturais que permitam um estudo de qualidade e já agora também, em alguns casos, a negligência dos estudantes. Mas pelos vistos, o governo partilha do argumento incipiente e grotesco que diz que os estudantes, todos eles, preocupam-se apenas com noitadas e gastos supérfluos. Portugal está condenado ao cataclismo, quando esta geração fútil dirigir o país.

Da participação nos órgãos: a proposta de lei de autonomia afirma categoricamente que é devido à sobre-representação dos estudantes e dos funcionários nos órgãos das instituições de ensino

que a gestão é difícil e alegadamente ineficiente. Este subterfúgio torpe que serve apenas para satisfazer a já antiga reivindicação do lóbi docente de reforço de poderes e da reposição do status quo pré 25 de Abril dentro das instituições, quando é sabido que, se os ordenados dos docentes não sorvessem 95 por cento dos orçamentos, talvez o ensino superior não atravessasse uma crise financeira deste tipo. O sol de Abril não iluminou os escuros cantos das nossas velhas escolas.

Por fim, o associativismo estudantil necessita também de proceder a uma reflexão sobre os caminhos que tem trilhado e os horizontes que quer alcançar. Os dirigentes estudantis têm de dizer "Basta" à condição de reféns sob a qual vivem quotidianamente. Fruto de mentalidades pequenas e subservientes aos escombros de uma certa esquerda mais moribunda que revolucionária ou a uma ambição pessoal de ascensão social, os dirigentes estudantis, mesmo os apartidários, em ordem a garantir a todo o custo que não serão acusados de colagem ao governo, são confrontados com esta

lógica absurda: a única forma de luta idónea é a que envolve a rua, manifestos, greves, etc. Quem não for para a rua, quem não cumprir a missão de ser elemento de desestabilização social, está com o governo. Porque não pode haver estudantes com o governo. Não há meio-termo; não pode haver verdadeiros independentes. Esta é uma subversão de tal maneira vil, que urge um "grito do Ipiranga" dos dirigentes estudantis. E os principais actores desse processo de libertação dos dirigentes estudantis são os próprios estudantes, que têm de compreender que às vezes aqueles que, tentando credibilizar a luta de forma serena e menos mediática, servem mais e melhor os reais interesses dos estudantes do que outros, que talvez radicalizem essa luta com interesses bem a jusante que os que clamam defender.

Sic transit gloria mundi. É o país que temos. A nossa obrigação é fazer melhor que os nossos antecessores. Boa sorte aos que ficam.

*Presidente cessante da Federação Académica do Porto

JONAS BATISTA



ACADEMIA 5

Queima das Fitas vai amanhã a votos

Estudantes decidem até quinta-feira se vão realizar uma das maiores festas académicas do país

A primeira Assembleia Magna de Voto dos últimos sete anos vai determinar o futuro de uma das principais fontes de receitas da Associação Académica de Coimbra

Ricardo Duarte
João Pereira

Nos próximos dois dias, os sócios da Associação Académica de Coimbra (AAC) são chamados às urnas. Em causa está a suspensão da Queima das Fitas 2004 como forma de credibilizar o protesto contra as políticas educativas do Governo.

Caso a votação seja favorável à realização da festa, terá lugar um novo referendo, desta feita nos próximos dias 21 e 22. Em alternativa passariam então a estar a realização integral da Queima das Fitas ou apenas de alguns eventos da festa. Esta opção deixaria de fora as Noites do Parque, a Garraiada, o Chá Dançante e o Baie de Gala, bem como o programa cultural e desportivo.

A convocatória daquele que é o órgão máximo de deliberação na academia de Coimbra decorre do pedido feito pela Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra durante a última Assembleia Magna, a 16 de Dezembro do ano passado. O presidente cessante da direcção-geral, Victor Hugo Salgado, justifica esta posição alegando que “o assunto merece uma decisão participada das pessoas”, que não esteja “limitada ao espaço de algumas horas de uma Magna normal”. Quanto à necessidade de

um total de votantes superior ao das últimas eleições para que o resultado seja vinculativo (ver caixa), Victor Hugo Salgado diz apenas ter “a consciência de que haverá uma participação superior à da última Assembleia Magna”. No caso de se verificar um número insuficiente de votos, o dirigente sublinha que a posição da direcção-geral será a posição que a academia tiver tomado e que devem então ser discutidos quais os passos a dar.

Quando questionado acerca da divisão do referendo em duas etapas, Victor Hugo Salgado defende ser esta a melhor alternativa para que nenhuma das hipóteses levada a votação seja prejudicada.

Uma questão polémica

O último referendo entre os estudantes realizou-se durante o segundo mandato de Zita Henriques. Discutia-se então o destino a dar ao dinheiro das propinas dos estudantes da Universidade de Coimbra, que permanecia “congelado” na reitoria. Já em 1993 havia sido levada a cabo uma Assembleia Magna de Voto. A causa era a inclusão de um novo artigo nos Estatutos da Associação Académica de Coimbra, que instituiu uma Assembleia de Revisão dos Estatutos. Foram mais de oito mil os votos que nesse ano entraram nas urnas.

A realização desta Assembleia Magna de Voto é uma opção que causa alguma surpresa ao presidente do Núcleo de Estudantes de Arquitectura (NUDA), Pedro Baía. Recorde-se que foram os estudantes de arquitectura os responsáveis por lançar o debate em torno das festas académicas. De acordo com Pedro Baía, o NUDA defende, depois de ter discutido o assunto em plenário, que “dadas as condições actuais não se deve realizar a Quei-

ma das Fitas”.

Foi na Assembleia Magna de 20 de Novembro que o presidente do NUDA subiu ao púlpito para defender a necessidade de discutir a realização da Queima das Fitas, numa altura em que os estudantes deviam protestar pelo estado do ensino em Portugal. De seguida, a estudante de arquitectura Joana Anes, afirmando que falava em nome do curso, apresentou uma moção em que propunha a organização de um debate subordinado ao tema “Legitimidade das festas académicas”.

A discussão acabou por ter lugar a 9 de Dezembro, quando as opiniões se dividiam já entre a suspensão total da Queima ou apenas de alguns eventos, nomeadamente as Noites do Parque. Victor Hugo Salgado afirmou então que a luta dos estudantes seria mais credível se não fosse realizada a festa. Uma posição que mantém, embora afirme que a politização da Queima também constitui uma medida viável de credibilização. “O que descrédibilizaria a luta dos estudantes seria um retrocesso relativamente à decisão que for tomada”, salienta. O presidente da direcção-geral garante existir hoje “uma consciência por parte da academia de que a Queima das Fitas tem de ser politizada como nunca foi até aqui”. Já o dux veteranorum, João Luís Jesus, e o presidente da Comissão Organizadora da Queima das Fitas 2004, Carlos Pinheiro, mostraram-se a favor da Queima. O dux veteranorum defendia o uso da festa para efeitos de contestação.

A este propósito, o presidente da câmara municipal, Carlos Encarnação, chegou na altura a afirmar que a suspensão da Queima tem repercussões no comércio, na indústria e no desenvolvimento empresarial da cidade e de toda a região.



A maior festa de Coimbra pode ser suspensa esta semana

O que é a Assembleia Magna de Voto?

A Assembleia Magna de Voto é o órgão máximo deliberativo da Associação Académica de Coimbra. Só pode ser convocada por iniciativa da direcção-geral ou por dez por cento dos sócios efectivos da academia.

A Assembleia Magna de Voto é considerada deliberativa apenas no caso de votarem um número de sócios superior ao número máximo de votantes para as eleições dos corpos gerentes da associação, nos últimos dois anos. Assim, para que a Magna de amanhã seja vinculativa terão de votar mais de 7331 sócios - o número de estudantes que foram às urnas na primeira volta das últimas eleições. O processo toma a forma de referendo em que o voto é secreto e directo e terá, de acordo com os estatutos da AAC, de ser precedido por um debate público sobre a questão levada a votação.

Academia de Évora na corda bamba

A não atribuição do subsídio do Instituto Português da Juventude põe a academia de estudantes de Évora em situação irregular, gerando opiniões divergentes

Filipa Oliveira
Carla Santos

A Associação de Estudantes da Universidade de Évora (AEUE) está a viver “momentos caóticos”. As palavras são do presidente, Francisco Costa. A situação deve-se ao facto do subsídio anual concedido pelo Instituto Português da Juventude (IPJ) não ter sido atribuído.

A AEUE, que conta já com 25 anos de existência, atravessa um período difícil, es-

tando mesmo à beira da falência. A associação está paralisada, visto que muitas das actividades culturais, ambientais e desportivas foram suspensas por falta de verbas, e apenas os serviços mínimos têm sido assegurados. A situação económica tem vindo a agravar-se desde a anulação do subsídio extraordinário dado pelo IPJ. É um processo que se arrasta há já seis meses e que, segundo Francisco Costa, “parece não ter fim”.

Anualmente, a associação candidata-se ao subsídio extraordinário do IPJ, que corresponde a cerca de 45 por cento do seu orçamento, e recebe também fundos monetários da Universidade de Évora e da câmara municipal. Nos últimos dois anos houve uma redução significativa por parte dos apoios da universidade, justificada com a crise financeira do país. Para agravar a situação, este ano a candidatura da AEUE foi indeferida pelo IPJ por falta de documentação essencial. Após tentar rectificar a situação, com a

apresentação de um novo relatório de contas, fazendo renascer na associação a esperança de que tudo se resolveria, não obtiveram qualquer tipo de resposta. Segundo o presidente, a associação foi alvo de uma inspecção fiscal que o Instituto Português da Juventude mandou realizar, quando o mesmo instituto não apresenta contas fiscais há dois anos.

Todavia, após longos meses de silêncio e sem obter uma resposta definitiva por parte do IPJ, a AEUE resolveu levantar uma queixa junto do gabinete da Presidência da República, do Senado Universitário e, posteriormente, na Provedoria da Justiça, que abriu um inquérito. Mais tarde apresentaram a situação à Câmara Municipal de Évora, onde a Assembleia Municipal demonstrou ter vontade de tentar desbloquear a questão.

O presidente da Câmara Municipal de Évora, Luís Capoulas Santos, lamenta o sucedido e não crê que a acção política levada

pela associação no que concerne à problemática das propinas seja a causa do sucedido, como muitos teimam em alegar.

Contrariamente às alegações de Francisco Costa, o delegado regional do IPJ de Évora afirma que a AEUE foi avisada de que a sua candidatura se encontrava em situação irregular e que o instituto não beneficiou qualquer associação que tenha requerido o mesmo subsídio.

O estado financeiro de muitos dos movimentos associativos de estudantes do ensino superior é similar à de Évora. Trinta e duas associações de estudantes sofrem de meios monetários deficitários e de falta de apoios económicos.

A Associação de Estudantes da Universidade de Évora não consegue prever para quando o regresso à normalidade e o funcionamento na totalidade de todos os seus serviços. Receia mesmo vir a ter que fechar definitivamente as portas.

6 UNIVERSIDADE



LUÍS SOUSA

"Ter sido vice-reitor foi a experiência mais traumática que tive"

"Não esperava ganhar o Prémio Pessoa"

Gomes Canotilho defende que o prémio foi atribuído "à comunidade jurídica no seu conjunto"

Ter ganho o Prémio Pessoa 2003 foi uma surpresa para o professor de Direito, que na altura dos protestos estudantis que levaram ao fecho da Porta Férrea discordou com a medida, mas sempre com a certeza de que os estudantes tinham razão

Cecília Santos

O Prémio Pessoa 2003, uma das maiores distinções nas áreas da cultura e da ciência em Portugal, foi atribuído a José Joaquim Gomes Canotilho, professor de ciências jurídico-políticas na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Um prémio de que não estava à espera mas que partilha com toda a comunidade jurídica portuguesa num ano especialmente difícil para os seus membros.

É natural de Pinhel. Com que idade veio para Coimbra?

Com 14 anos. Tinha feito o 5º ano em Pinhel e vim para Coimbra fazer o 6º ano do liceu, na altura.

Vio já com a ideia de tirar o curso de Direito?

Sim, foi uma decisão da minha mãe. Já que tinha de sair de Pinhel, vinha directamente para Coimbra, porque aqui havia universidade.

Licenciou-se com uma média notável de 17 valores. Era um aluno muito dedicado?

Digamos que os bons alunos da altura eram capazes de estudar menos que os bons alunos de agora. Eu era de certo modo disciplinado, estudioso. Não era uma coisa excepcional, mas era estudioso.

Já depois de ter terminado o curso, quando tinha 24 anos, foi mobilizado para a Guiné...

Nessa altura já dava aulas há um ano na Faculdade de Direito como

2º assistente, o que corresponde aos assistentes estagiários de hoje. Fui para a guerra, onde estive três a quatro anos.

Que recordações guarda desse período?

No início eu nem sabia porque é que tinha ido. Suspeitava, e depois confirmou-se, que tinha sido por motivos políticos. Mas posso dizer que não fui das pessoas que vieram traumatizadas pelo serviço militar na Guiné. Nunca estive doente, cumpri a minha função.

O período no Partido Comunista

Pouco tempo depois do 25 de Abril, aderiu ao Partido Comunista Português, vindo mais tarde a sair. Que razões levaram a esse afastamento?

Foi de certo modo uma evolução sustentada. Lembro-me que a última vez que tinha participado activamente tinha sido a pedido do meu ir-

mão Mário para a Assembleia Municipal.

O seu irmão que era um activo militante do PCP...

Sim. Ele pediu-me que aceitasse essa missão. Isto foi para as eleições de 1985. Era precisamente a altura em que já se tinha desenvolvido a Perestroika e eu já tinha vindo da Alemanha, onde tinha tido a oportunidade de verificar algumas contradições. Tinha contactado com todo o tipo de pessoas, desde imigrantes portugueses, até imigrantes de Leste, e comecei, não propriamente num processo de rotura, mas de vigilância em relação às minhas próprias opções. Ainda não era o processo de rotura mas já tinha muitas inquietações e muitas angústias. A Perestroika veio acelerar esta revisão das minhas ideias. E hoje verifica-se que o projecto, tal como ele foi tentado, na realidade é um grande fracasso: no plano económico, no plano social, no plano político, no plano ambiental... Mas há coisas que ficaram. Os emigrantes da Ucrânia ou da Bielorrússia que chegam a Portugal demonstram que há coisas que esse projecto realizou com coerência. Penso que não podemos fa-

Perfil

José Joaquim Gomes Canotilho nasceu em Pinhel há 62 anos, tendo-se mudado para Coimbra aos 15, já com a intenção de cursar Direito. Licenciou-se com uma média notável de 17 valores, e pouco tempo depois de ter começado a sua carreira docente, foi mobilizado para a Guiné por motivos políticos. Autor de uma vasta obra no campo do Direito Constitucional e da ciência jurídica pública, reconhecida internacionalmente, sobretudo no espaço da lusofonia, Gomes Canotilho foi durante dois anos vice-reitor da Universidade de Coimbra, uma experiência que recorda como uma das mais traumáticas da sua vida. Aderiu ao PCP pouco depois do 25 de Abril, tendo vindo mais tarde a sair do partido, quando concluiu que o projecto político defendido pelos comunistas se tinha revelado um grande fracasso. A sua carreira universitária e a sua vasta bibliografia fazem dele um dos mais respeitados especialistas em Direito Constitucional.

zer um juízo negativo absoluto. Houve coisas importantes e que são importantes em qualquer altura. Mas como projecto político, como se está a demonstrar, falhou.

É conhecido o seu hábito de começar o dia logo de madrugada. Porque é que se levanta às quatro da manhã?

Porque também me deito cedo, às 22h30. Quando me deito faço, dois tipos de leituras: por um lado a poesia, e por outro lado um tipo de leitura que não é da minha formação mas que tem um encantamento muito grande para mim, que é o da física e das ciências cognitivas. Habituéi-me a este horário matutino. Na Guiné, o dia nascia às cinco da manhã. Quando nascem os filhos, também começam a berrar às quatro da manhã, e quando vão para a escola, também é cedo... E assim acabei por ter um estilo de vida que me permite fazer os estudos, escrever cartas pessoais, que gosto de fazer à mão... Desde as cinco da manhã até ao meio-dia são sete horas de trabalho com que eu fico, o que é bom, porque nada é possível sem este trabalho persistente quotidiano. Nada é possível se formos diletantes.

A reitoria não é uma possibilidade

Foi durante dois anos vice-reitor da Universidade de Coimbra. A ideia de vir a ser reitor é um desafio que lhe daria gozo?

Não. Nestas últimas eleições isso foi discutido, e eu estive absolutamente indisponível para ser reitor. Por um lado porque me parece que o reitor deve ser uma pessoa mais nova, entre os 45 e os 50 anos, e oriunda da ala das ciências, com propostas organizativas que tenham experiência internacional e tenham vivido o ambiente de investigação e de trocas científicas no campo internacional. Portanto, o perfil que eu desenhei a priori leva-me a excluir-me a mim mesmo.

Essa é uma opção definitiva?

É uma opção definitiva. Além disso, os meus dois anos de vice-reitor foram os piores.

Para quem?

Para mim. Foi a experiência mais traumática que tive. Primeiro, não me entendia com os estudantes relativamente a algumas coisas, como a gestão das residências universitárias, das cantinas... Depois porque verifiquei que daquela ideia de revolução organizativa que tinha não consegui fazer nada relevante e acabei por ser demitido pela televisão pelo meu amigo Sottomayor Cardia, que era o ministro. É uma lembrança um pouco traumática.

Mudando de assunto... O conceito de Constituição da União Europeia começou nos últimos tempos a tomar formas mais definidas. Que vantagens e desvantagens pode haver numa carta de direitos e deveres fundamentais comum a todos os cidadãos da União Europeia (UE)?

Eu tenho-me pronunciado a favor da Constituição da União Europeia, porque o sistema organizativo da UE mais tarde ou mais cedo teria que ter um tratado deste tipo. E uma Constituição na UE iria ter as funções que sempre tiveram as constituições no plano interno: por um lado, definir o estatuto dos cidadãos, estabelecendo os seus direitos, liber-



LUÍS SOUSA

“O cadeado na Porta Férrea foi uma prova de fraqueza”

dades e garantias, e por outro vincular os poderes da própria UE, os seus órgãos de poder político e organizativo. Em relação à definição destes esquemas do poder político, isto para os países que já fazem parte da UE trata-se de um desenvolvimento do esquema organizativo, mas para os países que vão entrar, é definir claramente as regras do jogo político. Trata-se também de definir patamares em termos políticos relativamente aos que estão e aos que vão entrar. Com a entrada destes cidadãos temos a inclusão de milhões de pessoas que vão ser cidadãos europeus. Trata-se também da integração de milhões de cidadãos que deveriam saber qual é a lei fundamental. Mas também tem aspectos mais discutíveis, como as hierarquias das normas, a igualdade dos estados em termos de representação dos comissários. Eu tenho desvalorizado esse aspecto, não sei se com razão, dizendo que os países bálticos são três, pelo que deveriam ter três comissários e a Suécia um, a

ex-Jugoslávia sete comissários e a Alemanha um... E a União Europeia não pode ser uma nova ONU, tem que ser uma grande união com capacidade de organização e decisão em termos políticos. O meu nacionalismo afinal é este: não sermos os últi-

mos da UE. E eu incluo a luta dos estudantes nesta perspectiva: o grande desafio que nós temos é não sermos nove milhões de periféricos. Só temos um destino, que é sermos melhores que os outros, porque não temos matérias-primas, não temos grandes indústrias. O que podemos ser é nove milhões de cérebros que só estarão na sociedade de conhecimento se nós próprios tivermos armas para criar essa sociedade de conhecimento.

Um prémio para a comunidade jurista

Ganhou o Prémio Pessoa 2003. Acha que tem algum significado simbólico o facto de, num ano tão turbulento em termos de justiça como foi o que passou, esta distinção ter sido entregue a um homem do Direito?

Não esperava ganhar o Prémio Pessoa. Por um lado porque a área do direito aparentemente não era incluída nesses prémios, porque o perfil dos vencedores era mais científico e artístico. Eu assumi a cumplicidade de receber o prémio mas de convocar também a comunidade jurídica portuguesa. Isto porque sinto-me também no banco dos réus como se sentem todos os juristas em Portugal, porque neste espec-

táculo que andamos a ver, parece que não conseguimos sedimentar uma verdadeira comunidade jurídica. Penso que é injusto tomarmos a parte pelo todo, e interpreto isto como um prémio que vem num ano turbulento e que é atribuído à comunidade jurídica no seu conjunto, que tem profissionais excelentes. Creio que os operadores jurídicos se reconhecem num prémio dedicado às pessoas de direito.

Que opinião lhe merece todo este circo mediático que se tem vivido em Portugal em torno da justiça, neste último ano?

Eu acho que devemos encerrar rapidamente este ciclo. Agora, se me pergunta se este processo me veio chamar a atenção para algumas coisas, chamou, nomeadamente no que respeita às liberdades: a prisão preventiva e a sua demora, a intersecção das comunicações, dos telefones... Eu próprio, que ensino aos alunos a inviolabilidade dos domicílios, da correspondência, percebi que esses direitos são violados com muita mais frequência do que julgava. Foi um processo que deu origem a uma profunda reflexão da minha parte em relação a algumas coisas que tenho defendido e me levou a fazer uma revisão de tudo isto. Acho que devemos comunicar isto uns com os outros e em certa medida partilhar isto com os nossos alunos. Não devemos considerar isto apenas uma questão de juristas, devemos reflectir.

“Os estudantes têm razão”

Aquando do encerramento a cadeado da Porta Férrea durante os recentes protestos estudantis, Gomes Canotilho foi um dos docentes que manifestou a sua discordância com esta medida. Apesar disso, o defende que, no que toca ao conteúdo das reivindicações, a razão está do lado dos estudantes.

Quando as os estudantes encerraram a Porta Férrea para protestar contra a actual política educativa, foi uma das vozes que censuraram esta atitude. Porquê?

Porque me parecia que o cadeado na Porta Férrea era uma prova de fraqueza e não uma prova de força. E etenho dito isto porque analiso as coisas da seguinte forma: aqui há dez, onze anos, eu tinha feito parte de uma comissão de financiamento do ensino superior, com várias pessoas ilustres. Todos nós concordávamos com o pagamento de propinas. A certa altura, penso que fui eu que perguntei: “Verdadeiramente, para que é que o Governo quer propinas?” E pensei: “O Governo quer propinas porque temos que assegurar às universidades receitas autónomas para despesas de investimento, mas ao serviço do ensino da universidade”. E alguém me disse que achava que o Governo quer propinas para descontar esse dinheiro no orçamento. Depois, os sucessivos Governos acabaram por ir por uma lógica de descontar no orçamento o dinheiro das propinas. Portanto, o primeiro ponto é esse: não era nova a minha posição quanto às propinas, sempre com este enquadramento. Depois, como antigo dirigente associativo, tinha a memória dos cavalos da GNR e da polícia de choque em cima de nós. E aqui há uma dimensão intransponível: é que essa polícia não vem à universidade. Não é fácil resolver estes problemas de conflitualidade, porque mesmo em acções que nós julgamos justas e que não têm a ver com os estudantes, nós verificamos que não é muito fácil utilizar a força. Por exemplo, em Barrancos, quem teve que resolver aquela telenovela foi o Presidente da República, portanto, também não foi o Governo. Mas eu discordei porque havia aqui uma espécie de conflitualidade dialógica, que foi rompida unilateralmente por parte dos estudantes, que além disso aprisionaram o reitor, que sempre esteve a favor das suas posições. Portanto, havia aqui dimensões de turbulência que não me pareciam muito correctas. Mas isto são as formas de luta, o enquadramento, e era com isso que eu não concordava. Mas o último ponto, e eu já tive oportunidade de dizer isso ao ex-presidente da AAC, é este: os estudantes têm razão. As formas de luta é que foram, no meu entender, orientadas no sentido de meios que não me pareceram adequados, que revelavam fraqueza e não força. O que os estudantes têm que denunciar é o desinvestimento, grave, no ensino superior público. E eu tenho experiências muito próximas de mim: o meu filho anda em Arquitectura e chove no convento de São Jerónimo; os estudantes de Ciências do Desporto e Educação Física têm aulas debaixo das bancadas do Estádio Universitário... Portanto, em termos de conteúdo os estudantes têm razão, mas em termos de forma, ela não foi a mais correcta. O que é importante afinal de contas é mantermos uma dimensão republicana no ensino superior: que seja para todos e que tenha qualidade.

8 CIDADE



PEDRO BONIFÁCIO

Da concentração dos trabalhadores da empresa amanhã, na Assembleia Municipal, devem sair novas acções referentes ao futuro da empresa Sociedade de Porcelanas

Protestos prosseguem nas Porcelanas

Trabalhadores concentram-se amanhã na Assembleia Municipal

Os operários continuam a criticar as decisões da administração e a última quarta-feira foi passada em reuniões. A autarquia já prometeu tomar medidas

João Pedro Campos

Os trabalhadores da Sociedade de Porcelanas continuam indignados com a situação actual da fábrica e mostraram esse descontentamento junto dos órgãos de soberania da cidade. A situação da unidade fabril vai conhecer novos desenvolvimentos amanhã, no decorrer da Assembleia Municipal.

A situação da empresa continua em dúvida após a decisão da administração de transferir o local da fábrica da Arregaça para S. Mamede, próximo da Batalha. A decisão é vista pela administração como provisória, pois refere que pretende redimensionar o espaço da fábrica. Os trabalhadores estão insatisfeitos e

criticam esta mudança. Perante esta situação, tomaram medidas de protesto e mobilizaram-se no passado dia 29 junto da Assembleia Municipal. Um dos objectivos desta medida era lembrar o protocolo assinado entre a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) e a fábrica, no qual a sociedade teria a funcionar uma unidade fabril em Coimbra.

Este protocolo entre a autarquia e a empresa exige a manutenção da unidade e dos seus postos de trabalho na cidade, mas Ramiro Vieira pretende que 39 trabalhadores se desloquem para uma outra unidade industrial em S. Mamede, na Batalha. Os trabalhadores recusam de forma veemente esta decisão, e afirmam que o empresário pretende pôr término aos postos de trabalho em Coimbra e fechar a empresa.

O presidente da câmara, Carlos Encarnação, referiu que o protocolo é uma "arma" importante para a vontade dos trabalhadores e para conseguir a manutenção da Sociedade de Porcelanas em Coimbra. O edil afirmou também que a empresa já fez chegar aos paços da CMC o projecto da nova unidade, mas que o

mesmo só vai ser aprovado se o consagrado no protocolo for cumprido.

Na passada quarta-feira os trabalhadores da fábrica, apoiados pelo coordenador da União de Sindicatos de Coimbra, António Moreira, e pelo secretário-geral da CGTP-IN, Manuel Carvalho da Silva, decretaram greve e marcaram reuniões com vários órgãos da cidade. Na agenda de encontros estiveram o governador civil, Fernando Antunes, os deputados da Assembleia Municipal e Carlos Encarnação. Os deputados da assembleia já assinaram uma moção de apoio aos trabalhadores.

Contactado pelo Jornal A CABRA, António Moreira considerou as reuniões "fundamentais para os direitos dos trabalhadores". Para o sindicalista, todos os órgãos foram unânimes em considerar a atitude da administração "inqualificável" e prejudicial, quer para os trabalhadores, quer em termos de visão empresarial (devido às deslocações diárias).

Tanto o governador civil como o edil prometeram ajudar à resolução do caso, pressionando o empresário a voltar atrás na sua decisão e garan-

tir o trabalho aos operários da sociedade. Carlos Encarnação afirmou não aprovar qualquer projecto de redimensionamento ou reconstrução no local enquanto os trabalhadores não tiverem a situação laboral resolvida.

Atento a este processo, o secretário-geral da CGTP-IN, Carvalho da Silva, afinou pelo mesmo diapasão de António Moreira, e defendeu a posição dos trabalhadores da fábrica e da manutenção de uma unidade com grande número de postos de trabalho na cidade de Coimbra. Esta presença de Carvalho da Silva foi também vista como uma forma de mediatizar e criar um maior impacte a nível nacional para esta situação, considerada "pouco honesta" pelo secretário-geral.

Mais tarde, em plenário, os trabalhadores da Sociedade de Porcelanas decidiram suspender a greve e apresentar-se ao trabalho na quinta-feira, dia 8, com vista a um recuo por parte da administração. Foi também decidida nova mobilização junto da Assembleia Municipal, que decorrerá amanhã, com vista a uma rápida resolução do problema.

Estatutos da área metropolitana aprovados

Na semana passada foi dada carta branca aos Estatutos da Grande Área Metropolitana de Coimbra (GAMC), necessários para a escritura pública da área.

No documento está prevista a presença dos chamados municípios fundadores: Coimbra, Cantanhede, Condeixa-a-Nova, Góis, Figueira da Foz, Mealhada, Lousã, Mira, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Penacova, Penela, Vila Nova de Poiares e Soure. É também referida como tendo carácter obrigatório a permanência destes municípios na GAMC durante cinco anos.

Nos estatutos da GAMC figuram a coordenação entre os vários municípios e os serviços centrais ao nível das infraestruturas de saneamento e abastecimento públicos, mas também nos campos do ambiente, saúde e educação, entre outros.

Nos estatutos da GAMC prevê-se a criação de um Conselho Metropolitano, de uma Junta Metropolitana e de uma Assembleia Metropolitana. Estes estatutos ficam agora a carecer da avaliação e posterior votação da Assembleia Municipal de Coimbra.

Resíduos com resolução em breve

Em Coimbra, onde se reuniu com os cinco presidentes das Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR), o ministro do Ambiente, Amílcar Theias referiu que a questão dos resíduos urbanos sólidos da região vai ser resolvida num mês.

Este problema tem sido cada vez mais mencionado, principalmente após a Empresa de Resíduos Sólidos da Região Centro (ERSUC) - de que são accionistas o Estado e 36 câmaras dos distritos de Aveiro, Coimbra e Leiria - ter anunciado a intenção de construir uma incineradora. Sobre esta questão, Amílcar Theias referiu existirem apenas ainda estudos, e que esta opção se encontra actualmente a ser avaliada pela CCDR do Centro.

Após o anúncio da ERSUC da possível construção de uma incineradora, o PEV ameaçou proceder judicialmente contra a empresa, se esta dentro de dez dias não lhe providenciar o estudo que serve de base à decisão. "Os Verdes" questionam esta decisão por considerar que a incineradora prejudica o ambiente e é uma opção despesista que vai custar 150 milhões de euros.

Na passada quinta-feira já representantes da Quercus se tinham deslocado à ERSUC para requerer o acesso ao estudo. A resposta foi negativa, alegadamente por vontade dos accionistas. A Quercus advertiu então a empresa de que iria recorrer aos tribunais se no prazo de dez dias não lhe fossem facultados os documentos.

Novo ano na Assembleia da República

Código do Trabalho e reforma da administração pública prometem ser alguns dos diplomas mais quentes

O PSD espera avanços na revisão constitucional e a oposição reclama atenção para a justiça e saúde. Já o Bloco de Esquerda quer focar o tema do aborto

Maria João Lopes
Gustavo Sampaio

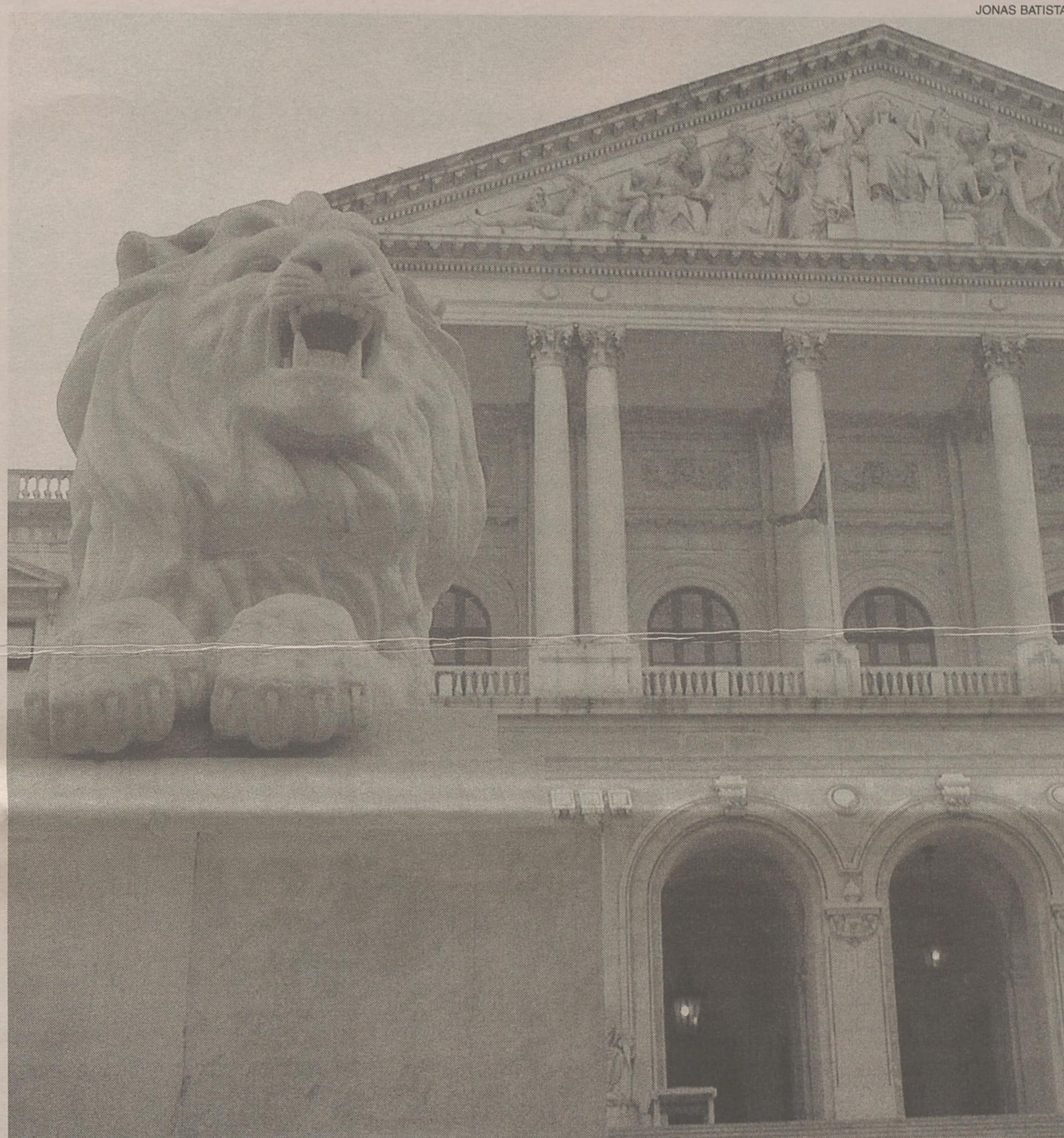
Os objectivos da coligação governamental para o ano de 2004, ao nível parlamentar, passam sobretudo por consolidar as reformas estruturais anteriormente iniciadas. Na administração pública, na saúde, na educação ou na segurança social, diversos projectos-lei vão ser discutidos na Assembleia da República (AR) ao longo deste ano.

Na opinião do deputado do PSD Gonçalo Capitão, os temas mais importantes "centram-se na reforma da administração pública, na reforma do sistema de saúde e na introdução do Código de Trabalho", o qual entrou parcialmente em vigor no dia 1 de Janeiro. "São questões prementes que, à primeira vista, me parecem ser as essenciais, embora não descurando outros temas igualmente importantes", acrescenta.

O deputado social-democrata prefere não referir a questão do aborto, considerando que "este não é o momento propício para voltar a discutir a despenalização do aborto". "Não é um assunto primordial para os interesses do país", argumenta. Relativamente à revisão constitucional, Gonçalo Capitão entende que "deveria ser conseguido o maior consenso possível sobre esta questão". "Os trabalhos da comissão tiveram um início pouco auspicioso, mas estou esperançoso que seja conseguido um acordo e que a revisão constitucional possa ser concretizada", refere.

Perspectiva da oposição

Nas propostas parlamentares para 2004, João Teixeira Lopes, do Bloco de Esquerda, antevê um ponto alto: "Vamos discutir na especialidade a lei-base da educação". O bloquista acredita que este "é um momento crucial, porque vamos saber se haverá ou não a dissolução daquilo que é a especificidade do ensino público". O deputado espera, neste aspecto, "conseguir algum consenso", o que considera "difícil", já que "este Governo não é propenso a consensos, mas direc-



Em 2004, o Parlamento deve ver concluídos o Código do Trabalho e a Reforma da Administração Pública

cionado para imposições".

O BE vai ainda apresentar vários projectos-lei, entre os quais se destacam a segurança rodoviária, os arrendamentos e a educação sexual nas escolas.

Já o deputado do PCP Lino de Carvalho salienta as comemorações do 25 de Abril que o grupo vai levar a cabo: "É preciso fazer a pedagogia do funcionamento das instituições democráticas." Para o deputado a necessidade destas comemorações prende-se também com "a discussão de inquietações públicas que têm decorrido dos processos mediáticos que estão a passar pelos tribunais". Neste contexto, os comunistas vão "procurar realçar a importância das instituições democráticas".

Para o PS, as prioridades são as

áreas da justiça e da saúde. Os socialistas recusam o "desvirtuamento do Serviço Nacional de Saúde". Quem o diz é Luis Filipe Pereira, da comissão política nacional do PS. Admite "desencadeamentos de mecanismos parlamentares e até fiscalização de constitucionalidade nesta matéria" e acredita que "é natural que o PS apresente um diploma no sentido da criação de uma entidade reguladora, que fiscalize os novos hospitais". O socialista defende "um controlo nesse novo modelo de gestão empresarial dos hospitais públicos".

O grupo parlamentar do PS tem também em "fase de preparação avançada a revisão do Código de Processo Penal". As alterações dizem respeito, entre outras matérias, às questões do "segredo de justiça e

das escutas telefónicas".

Revisão constitucional

Luis Filipe Pereira reafirma que os socialistas "pretendem que a revisão constitucional seja só cirúrgica". Neste sentido, "limita-se à questão da lei eleitoral para as regiões autónomas, à limitação de mandatos dos titulares de órgãos de soberania e a uma redefinição da alta autoridade para a comunicação social". Admite que "haja alguma coisa para além dos moldes" para já defendidos, mas a haver "será algo muito ligeiro", porque "o PS não está disponível para reformas materiais da Constituição e alteração do preâmbulo". Contudo, relembra que "um processo de revisão constitucional é negociado" e, por isso "nunca está fechado".

PS bloqueia revisão Constitucional

Os trabalhos da Comissão Eventual de Revisão Constitucional (CERC) iniciaram-se no dia 6 de Janeiro. O líder parlamentar do PS, António Costa, participou excepcionalmente na primeira reunião, assumindo oficialmente que o partido rejeita a proposta global de alteração à Constituição, apresentada pela coligação governamental. Sem a participação do PS, torna-se impossível obter dois terços da votação, premissa fundamental para aprovar qualquer alteração constitucional. A posição anunciada pelos socialistas foi prontamente apoiada pelos restantes partidos da oposição - PCP, BE e Partido Ecologista os Verdes.

A proposta avançada por Francisco Louçã, do BE, no sentido de se discutir a revisão em dois momentos distintos (primeiro os temas que geram consenso e só depois os restantes), foi rejeitada pelos dois partidos da maioria. Pelo contrário, foi estabelecida uma discussão da proposta ponto por ponto.

Perante a aparente intransigência dos socialistas, não são esperados grandes resultados práticos relativamente aos trabalhos realizados pela CERC. Ainda assim, determinadas questões que reúnem um maior consenso, tais como a limitação de mandatos, as autonomias regionais e a entidade reguladora da comunicação social, poderão vir a obter novos desenvolvimentos.

Lino de Carvalho está de acordo com a posição do PS e espera que esta se mantenha, já que "o PS é decisivo para formar a maioria de 2/3 necessária a qualquer revisão constitucional". Contudo, alerta que "muitos processos se iniciam com um tipo de discurso e terminam bastante diferentes". Os comunistas entendem que "não há razões para este frenesim revisionista que perpassa sobretudo pela direita".

João Teixeira Lopes critica os partidos do Governo por defenderem "uma nova versão do 25 de Abril, do modelo social, dos direitos fundamentais". Para o deputado do BE, este "conservadorismo" está patente na "direita mais aguerri-da, na extrema-direita, que neste momento tem o leme do país nas mãos".

PUBLICIDADE

ORADORES

Pedro Roseta,
Abílio Hernandez
Manuel Maria Carrilho
Entre outros

10h - 19h

Conferência
**COIMBRA 2003:
E DEPOIS DA FESTA?**
Sábado, 24 de Janeiro de 2004
Oficina Municipal do Teatro
Vale das Flores, Coimbra

**CIDADE,
CULTURA
E POLÍTICA(S)**
Projecto integrado na programação da
Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003

10 INTERNACIONAL

Cabul e o outro Afeganistão

Lei da força e fidelidades tribais não deixam de vigorar na terra dos afegãos

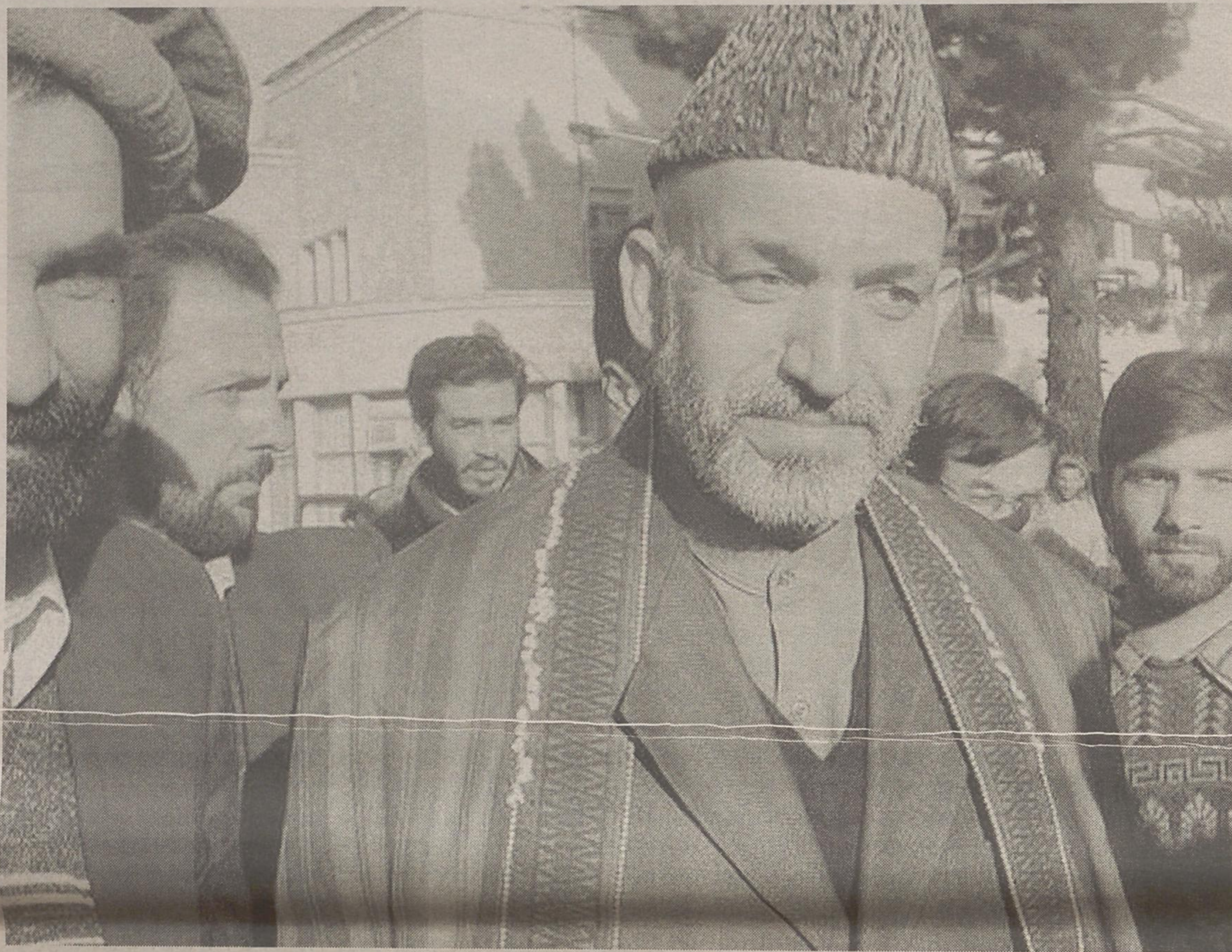
Fragmentado entre um contestado Governo transitório, uma aliança entre taliban e Al-Qaeda, poderosos senhores da guerra e líderes tribais, o Afeganistão procura deixar para trás um quarto de século de guerra

Ana Rita Dellille
Pedro Costa Gomes

A nova Constituição para o Afeganistão foi aprovada no dia 4 de Janeiro de 2004, após quase três semanas de discussão da Loya Jirga (grande assembleia tradicional), presidida por Sibghatullah Mujaddedi, um mujahidine moderado.

A decisão afigurou-se demorada principalmente devido às profundas divisões étnicas da República Islâmica do Afeganistão. A Constituição confere ao presidente um considerável poder legislativo, a chefia das forças armadas e a determinação de políticas fundamentais da nação. A Assembleia Nacional é constituída por uma câmara alta (Meshrano Jirga) e por uma câmara baixa (Wolesi Jirga), que tem poder de veto. O presidente é responsável para com a nação e para com a câmara baixa.

A futura legislação não pode contradizer princípios nem valores éticos do Islão, considerada "religião sagrada". O correspondente da BBC em Cabul, Crispin Thorold, relata a existência de um artigo no documento que pode permitir que a "sharia" (lei islâmica) passe a ser a lei oficial do país. Esta decisão agradaria a muitos conservadores, mas seria para outros uma constatação da relação entre estado e religião, que condenam por ser demasiado estreita. As associações dos direitos humanos conseguiram, por outro lado, que



Hamid Karzai, presidente do Afeganistão, conseguiu ver aprovada a Constituição que abre as portas à democracia

fosse incluído um artigo inovador que defende direitos iguais para homens e mulheres. Como solução para uma das mais polémicas discussões foram consideradas línguas oficiais o Pashtun e o Dari. Outras línguas de minorias foram consideradas oficiais nas áreas em que são faladas.

Um senhor da guerra

Apesar da aprovação da constituição, a economia dos senhores da guerra não pára de florescer no Afeganistão. A maior parte das suas receitas está ligada ao contrabando, cobrança ilegal de direitos aduaneiros e controle de alfândegas. Ismael Khan, ex-governador da província de Herat, junto à fronteira com o Irão é talvez o mais poderoso desses "magnatas". Khan é xiita e tem boas relações com o outro lado da fronteira. A

Guarda Revolucionária Iraniana tem-lhe dado apoio militar e financeiro. Citado pela al-Jazeera, Mark Sedra, especialista no Afeganistão do "Bonn International Centre for Conversion", afirma que Khan consegue amealhar entre 500 mil a um milhão de dólares diariamente. Tal quantia resulta de taxas aduaneiras a bens provenientes do Irão para o Afeganistão. No último ano o Governo de Cabul deveria ter recebido 100 milhões de dólares de Herat mas recebeu apenas 10 milhões. O Governo de Hamid Karzai, apelidado por vezes como o "mayor de Cabul", recolheu a nível nacional em 2002 oitenta milhões de dólares, valor inferior ao que Khan consegue em Herat. Este "magnata" tem um exército privado com perto de 20 mil elementos. Entre outros senhores da guerra encontram-se o ge-

neral e ministro da defesa Muhammad Fahim, também com exército privado com artilharia pesada mas em Jalalabad, junto à fronteira com o Paquistão, e o seu auxiliar no ministério da defesa, o Uzbeque Rashid Dostum, com a sua base de poder em Mazar-i-Sharif, no norte do país junto ao Uzbequistão. Dostum tem fortes laços com este país.

Um ataque taliban

No país, a influência dos taliban ainda se faz sentir. Dois dias após a adopção da constituição em Cabul, dá-se uma violenta explosão em Kandahar que provoca 16 mortos, entre os quais oito crianças, e 50 feridos. Esta cidade é um antigo bastião taliban no sul do país. Depois de inicialmente recusarem ser os autores do atentado, os taliban acabaram por admiti-lo. "Foi um erro dos nossos mujahidine [guerreiros sagrados]", afirmou o alto comandante dos "estudantes de Teologia" Mullah Sabir Momin, por telefone de satélite. O objectivo era atingir o escritório da Provincial Reconstruction Team (PRT) na cidade, "mas por causa de um pequeno erro, esse plano falhou", declarou à Reuters. Os PRT são grupos de cariz civil e militar, a maior parte dos quais sob ordens das forças norte-americanas, distribuídos pelo país para aumentar a segurança e apoiar os esforços de reconstrução. O PRT em Kandahar está sob um comando norte-americano. Missões de assistência humanitária têm sido suspensas em mais de um terço do território devido à deterioração da segurança. De acordo com Momin, forças

norte-americanas e da coligação atravessam regularmente a rua em que a explosão ocorreu. Uma pessoa foi detida pelas autoridades afegãs logo após o rebentamento. Momin disse não conhecer o indivíduo e que os guerreiros taliban tinham saído de mota do local. Os taliban e os seus aliados, incluindo elementos da al-Qaeda, declararam uma "Jihad" (guerra santa) a forças estrangeiras, ao Governo apoiado por americanos em Cabul, a tropas afegãs e a missões humanitárias.

Eleições já em Junho

Está prevista a realização de eleições em Junho. O eleitorado afegão está estimado em dez milhões e meio de pessoas e a ONU esperava que os seus oito centros regionais tivessem recenseado mais de 900 mil pessoas até agora. O total não ultrapassa, no entanto, 259 mil. A neve de Inverno e um clima de grande insegurança tornam o recenseamento quase impossível em vastas regiões do país. As equipas de recenseamento terão que acelerar dramaticamente o seu trabalho na Primavera para que as eleições ainda se possam realizar este ano.

Segundo o jornal "Guardian" parece impossível que os trabalhos se finalizem até Junho, sendo Outubro o último mês praticável para a realização do escrutínio, pois a neve tornará impossível a colocação de urnas eleitorais por todo o país. O diário britânico afirma também que o presidente Bush quer usar umas eleições bem sucedidas no Afeganistão para a sua campanha eleitoral.

Constituição afegã



Presidente afegão
Hamid Karzai

Out 7, 2001: Forças dos EUA e do Reino Unido lançam ataque aéreo contra Governo taliban e al-Qaeda

Nov 13: Aliança do Norte entra na capital, Cabul, após a fuga dos taliban

Dez 5: Criada base de trabalho para entrada em cena de Governo de transição

Dez 20: Forças internacionais de manutenção de paz iniciam trabalho em Cabul

Dez 22: Governo interino chefiado por Hamid Karzai é ajuramentado

Jun 2002: Loya jirga (grande conselho) completa trabalho sobre novo Governo

Set 5: O Presidente Karzai escapa a uma tentativa de assassinato

Nov 2003: Projecto de constituição revelado

Jan 4, 2004: Loya jirga adopta nova constituição, instalando sistema presidencial no seio de um Estado islâmico tolerante

Jun: Primeiras eleições democráticas

© GRAPHIC NEWS

Paquistão anti-terrorista

O exército paquistanês lançou no dia 8 uma operação contra militantes islâmicos em território de líderes tribais junto à fronteira com o Afeganistão. Um porta-voz militar afirmou que a missão que decorreu no Waziristão do Sul visou deter terroristas estrangeiros, tendo-se dado alguns contactos com um grupo de suspeitos a quem foi pedida rendição. O Waziristão é uma região semiautónoma na província paquistanesa da Fronteira do Noroeste. É forte a possibilidade do líder da al-Qaeda, bin Laden, se encontrar nas montanhas desta região. Nos últimos meses o Paquistão lançou algumas operações bem sucedidas em zonas tribais. Em Outubro, o exército disse ter morto oito suspeitos da al-Qaeda e talibans e ter detido 18 numa operação perto da fronteira com o Afeganistão. O deposto regime taliban recebeu um considerável apoio de líderes tribais pashtun na Fronteira do Noroeste.

É no leste e sul do Afeganistão que a instabilidade

mais se tem feito sentir. Há actualmente 12 mil militares norte-americanos por todo o país e uma força internacional de paz em Cabul. Esta, com 5700 elementos, é comandada pela Nato desde Agosto de 2003. Mais de 400 pessoas foram mortas desde o início de Agosto numa onda de violência atribuída aos taliban e à al-Qaeda. Segundo Gomes Cravinho, docente da licenciatura de Relações Internacionais da faculdade de Economia, "a tática dos países ocidentais é ganhar tempo até que se consolide um exército nacional e um espírito de governação com unidade institucional para depois se retirarem lentamente ao longo de vários anos". O mundo ocidental não estará assim a procurar a curto ou médio prazo conseguir um regime mais estável para todo o território. Cravinho afirma que se trata de uma "política de ganhar tempo na convicção de que o tempo é aliado."

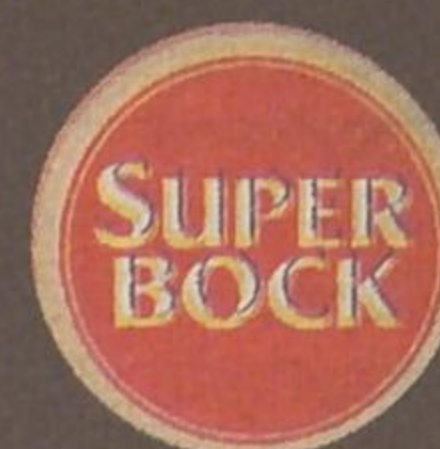
Super 2004



Seja responsável. Beba com moderação.

www.superbock.pt

SUPER BOCK
Sabor Autêntico





O sistema prisional português sofre de um grave problema de sobrelotação: com uma capacidade de para oito mil reclusos, alberga actualmente cerca de 14 mil presos

Retrato de um sistema quando esgotado

Uma viagem pela realidade prisional portuguesa

São os pequenos escapes que dominam o mundo prisional. Um universo fechado onde o quotidiano adquire outros preços. Onde tudo o que afasta o pensamento da reclusão soa a liberdade. Liberdade que se imagina onde não existe e onde tem de ser reinventada. “Estórias” das vidas que se escondem por trás da criminalidade

Paulo Nuno Vicente

Se a lei é o tom, eles são ilegalmente os desafinados. Eles, músicos da ilicitude, a quem o fado conduziu ao improviso, ao desconcerto dos costumes, por rotas que fugiram ao código que a justiça baptizou de penal. Por definição, chamam-lhes “reclusos”.

28 de Novembro de 2003. 21h30. Dia e hora em que o fado visita os desafinados do Estabelecimento Prisional Regional de Coimbra

(EPRC). O concerto pela Escola da Guitarra, da Viola e do Fado de Coimbra, organizado pela Capital Nacional da Cultura, promete ser uma lufada de ar livre...

Antes do início do espectáculo, falamos com Paulo Soares, director da escola de fado que hoje actua. Sereno, o também professor de guitarra admite que “é insólito tocar numa prisão. Causa uma certa surpresa, o que acaba por ser um desafio”.

O ambiente está visivelmente agitado. Enquanto guardas prisionais se revezam no detector de metais, o público que vai chegando apressa-se a tirar da carteira o bilhete de identidade, sem a apresentação do qual não é permitida a entrada.

Domingos de nome próprio, Torrado de apelido. É guarda prisional e reconhece que a noite é de excepção, mostrando-se visivelmente intimidado pelo microfone. “É uma noite diferente, mas confiamos nas medidas de segurança”. Domingos Torrado há-de ser o último a abandonar o portão por onde agora entramos, rumo ao palco do espectáculo.

A medida que nos aproximamos do local do concerto - epicentro de um mundo onde as leis se querem draconianas - ouvem-se os primeiros sons da noite. Ecoam os gritos clubísticos, ora em nome da Brio-

sa, ora do FCP, ora do Sporting, num desafio entre os reclusos das várias alas. O recinto lembra os antigos circos romanos, pela disposição dos espectadores em semi-círculo e pela imagem de alguns reclusos empoleirados nas grades que a toda a volta nos circundam. A única luminosidade é a proveniente de umas, poucas, tochas acesas.

21h55. Paulo Soares inicia o concerto com um pedido de silêncio, alegando que as condições acústicas não são as melhores, que “o som fica aqui muito tempo”. O silêncio que se pede é tanto o dos inocentes como o dos culpados. O pedido encontra receptividade, a crer nos aplausos que se fazem ouvir de imediato. Silêncio que se vai tocar o fado.

O espect*culo principia com um tema instrumental e uma viola audivelmente... desafinada. No fim de cada fado, a respectiva salva de palmas. Mas o momento alto da

actuação estava reservado para a última canção. Em uníssono, a noite terminava ao som de “Balada da Despedida” entoada por todos os presentes. Nas palavras de Carlos Encarnação, edil de Coimbra que não faltou à noite de fado, “to-

dos reclusos, todos homens livres por uns momentos”.

C o m uma população de 14 mil reclusos, um valor muito acima dos oito mil que deveria suportar, o sistema prisional português padece de um mal antigo - a sobrelotação. Dos 57 estabelecimentos prisionais portugueses,

a maioria está a rebentar pelas costuras. Segundo dados da Direcção Geral de Serviços Prisionais (DGSP), a 15 de Novembro de 2003, o Estabelecimento Prisional Regional de Coimbra (EPRC) re-

gistava uma taxa de ocupação a rondar os 103,7 por cento. Mas há mesmo casos em que a lotação é duas e três vezes superior à capacidade real das cadeias, como o EPR do Montijo (250,3 por cento) ou o Estabelecimento Prisional Central da Carregueira, com uma taxa de ocupação de 355,3 por cento.

O excessivo recurso à prisão preventiva é uma das críticas patentes no Relatório sobre o Sistema Prisional 2003, divulgado pelo Provedor de Justiça, Nascimento Rodrigues. Com uma taxa de preventivos de 29 por cento, Portugal é apenas ultrapassado, no espaço comunitário, pela Bélgica (35 por cento) e Itália (43 por cento).

João Portugal, coordenador da Provedoria de Justiça, reitera a existência de “um grande bloqueio da estrutura física das cadeias portuguesas, que não oferecem condições para um tratamento personalizado dos reclusos”. Com este cenário, “torna-se difícil evitar a constituição de estruturas paralelas de poder, como as redes de tráfico de droga”, conclui. Sublinha, por isso, que “sem uma profunda alteração do parque prisional, não é possível encarar com viabilidade uma reforma do sistema”.

No que toca aos Direitos Humanos, a directora da secção portuguesa da Amnistia Internacional, Cláudia Pedra, denuncia como



principais enfermidades do sistema "a violência entre prisioneiros, os casos de ferimentos auto-infligidos e os assassinatos dentro das prisões". Manifesta-se indignada com o abuso de autoridade por parte de funcionários das prisões portuguesas, com a falta de tratamento médico e com as condições sanitárias precárias. Segundo dados fornecidos pela Amnistia Internacional, 17 por cento dos reclusos das cadeias portuguesas utilizam o chamado "balde higiênico" em vez de sanitários.

Kowalski, o libertador que veio do leste

17 de Dezembro de 2003. 21h30. No EPRC, "Só entra se vier às fatias" - peça de teatro do encenador polaco Andrzej Kowalski que recupera muita da gíria da realidade prisional, a começar pelo nome do espectáculo, inspirado num pequeno cartaz endereçado às visitas dos detidos no EPRC que reza "Tudo o que possa camuflar um objecto de agressão ou facilitador de fuga só entra se vier às fatias". A evasão pela arte.

A peça desenvolve-se a partir de textos dos detidos e é levada a público no âmbito da programação da Coimbra 2003. A crer nas palavras do encenador, que veio do leste europeu para através do teatro "dar vazão à liberdade dos reclusos", a selecção dos actores foi muito baseada num princípio remotamente darwinista. "Foi a chamada selecção natural. Comecei a trabalhar com 40 reclusos, sem fazer nenhuma audição prévia. O elenco final é composto por 12 pessoas", remata.

É durante os ensaios que conhecemos Jeremias [nome fictício], o fora-da-lei que não é mais personagem da canção celebrizada por Jorge Palma, nem sequer uma figura criada por Kowalski. Jeremias há, em Portugal, 14 mil. O nome é variável. Tal como a idade, a naturalidade, o crime cometido ou a pena a cumprir.

Com mais de três décadas de idade, Jeremias está detido há cerca de ano e meio por crimes relacionados com a toxicodependência,

cia, de que agora foge. A pena, ainda longe de cumprida, é aliviada por momentos como o que "Só entra se vier às fatias" proporciona. "No meio da reclusão, para além das experiências que se adquirem dentro destas casas, o teatro acaba por ser dos únicos escapes que temos cá dentro. Tal como o desporto e as actividades escolares, é das poucas actividades que nos fazem sair daqui espiritualmente", afirma Jeremias, alegadamente religioso, enquanto é audível o som provindo do saxofone que interpreta um dos temas da peça de teatro que ainda se ensaia.

Nem só os "libertadores" provêm de outras latitudes. Também os reclusos das cadeias portuguesas são oriundos de países tão longínquos como a Moldávia, Cabo Verde ou o Brasil. São mais de quatro mil os cidadãos estrangeiros, representantes de 99 nacionalidades, presos nas cadeias portuguesas. O que equivale a dizer que 30 por cento dos 14 mil reclusos que compõem a população prisional do país são oriundos de outras geografias que não a portuguesa.

No pódio dos crimes mais assinalados, a falsificação de documentos, o tráfico de droga e os abusos sexuais. Segundo números da Polícia Judiciária, em 2002, foram constituídos, em Portugal, 1356 cidadãos estrangeiros.

Dados da DGSP demonstram que há cada vez mais detenções relacionadas com as máfias transnacionais oriundas do leste europeu, em particular dos antigos países satélites da ex-URSS, geralmente ligadas ao tráfico de seres humanos e à mão-de-obra ilegal.

Em 2002, a comunidade com mais elementos indiciados foi a cabo-verdiana, com 224 arguidos. Na lista, seguem-se Angola (221) e Brasil (147). O tráfico de droga foi o segundo crime mais praticado por não-portugueses, com 327 casos registados. No topo da lista, com 367 casos, a falsificação de documentos.

Está para breve a divulgação das conclusões tiradas pela Comissão de Estudo e Debate da Reforma do Sistema Prisional, designada pelo Ministério da Justiça (MJ) e presi-

dida por Diogo Freitas do Amaral. São objectivos da comissão "analisar as características estruturais e a situação actual do sistema prisional português, assim como definir um modelo de organização e gestão mais adequado". Só depois de divulgados aqueles dados, o MJ apresentará uma nova lei de bases do sistema prisional, bem como um novo mapa do parque prisional.

Aventuras e desventuras de uma 6.35 mm

De novo Jeremias, que antes de chegar ao EPRC, passou já por outros estabelecimentos prisionais. Confessa que é pai de três filhos e que, por ironia do destino, a família está ligada à polícia. O seu primeiro desejo é curar-se da dependência da heroína. "Quando sair daqui, tenho em perspectiva retomar a minha vida, no meu país de origem, uma vez que tenho uma boa profissão [que, por motivos de pedido de anonimato, não referimos nesta reportagem]. Só pesa o facto de sair com o rótulo de ter sido recluso. É algo que nunca mais sai dos nossos registos". Confissões, mais uma vez, norteadas pelo timbre do saxofone, desta feita acompanhado pelo riso de Jeremias.

Quando questionado acerca do acompanhamento que recebe no tratamento da toxicodependência, Jeremias não deixa cair de imediato a máscara do politicamente correcto e contorna a questão, refugiando-se num "É complicado falar disso". Insistimos, perguntando directamente ao nosso interlocutor se os narcóticos circulam abundantemente dentro do EPRC. Com a mesma voz tranquila a que nos habituou desde o início da entrevista, Jeremias tenta de novo rodear o assunto, alegando que a questão é indiscreta. Alegamos que não é indiscreta, mas de interesse público e que, com tanto rodeio, está a dar-nos um 'sim' implícito. Sem fuga, Jeremias confirma o que tanta gente comenta: o tráfico de estupefacientes dentro das cadeias portuguesas, no caso, dentro dos muros do EPRC.

Segundo relata "é bastante difícil um ex-toxicodependente libertar-se da heroína dentro da cadeia. Os serviços clínicos não nos apoiam da melhor maneira. Para além disso, é-nos exigido que paguemos o nosso próprio tratamento dentro do estabelecimento prisional. Muitos de nós não têm condições e acaba por sair mais barato continuar a consumir".

Ainda antes de me pedir um cigarro, sussurra em tom de confis-

são. "Cá dentro há de tudo". Pergunto-lhe o que quer dizer com "tudo". "Álcool, telemóveis, facas e mesmo...armas de fogo". Conta-me que teve em mãos uma 6.35 mm, mas que, por saber o que isso implicava, se afastou de imediato. "Cá dentro tudo tem um preço". Jeremias silencia-se e pede-me um cigarro.

Um estudo do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, divulgado há dois anos, revela que cerca de três quartos das penas estão relacionadas com estupefacientes e que mais de metade da população prisional portuguesa (47,4 por cento) consome narcóticos.

A troca de seringas, já enraizada no meio civil não foi ainda introduzida no meio prisional. O relatório de Nascimento Rodrigues alerta para a necessidade de se estudar os meios de redução de riscos ligados à toxicodependência no meio prisional. Fontes ligadas ao MJ reiteram o que Celeste Cardona já anunciara ao comentar o relatório apresentado pelo Provedor de Justiça - as "salas de chuto" não serão aplicadas a título experimental nas prisões portuguesas. Alega-se a falta de experiência da sociedade civil nesse campo.

Fernando Negrão, há um ano presidente do Instituto da Droga e da Toxicodependência (IDT), acredita que implementar de momento as salas de injeção assistida seria um erro. "O sistema prisional português não tem condições para adoptar essas soluções de ponta. Precisamos resolver os problemas básicos para depois pensar essas soluções mais avançadas".

A Amnistia Internacional, pela voz de Cláudia Pedra, adverte que a existência de estupefacientes no interior das prisões não gera apenas a degradação das condições de saúde, mas tem também um impacto negativo nas relações sociais dentro dos estabelecimentos prisionais. "O tráfico de droga nas prisões contribui para um clima de violência generalizada. É, de resto, uma situação complexa que não tem tido por parte das autoridades um acompanhamento eficiente", sublinha.

Arménio Pereira, sociólogo do Instituto de Desenvolvimento Social e ex-recluso alega que "o tratamento da toxicodependência nas prisões é medieval" e que "os reclusos não têm uma estrutura capaz de os ajudar a caminhar no sentido da reinserção". Mostra-se céptico quanto à reforma do sistema, defendendo que "não vai alterar nada de substancial".



AMI denúncia violência nas prisões

Maria José Morgado: "Adoptar as salas de chuto seria uma confissão de falência do sistema prisional"



Atualmente exerce funções de Procuradora-Geral Adjunta no Tribunal da Relação de Lisboa, mas já foi o rosto mais visível da Polícia Judiciária e do combate à corrupção e à criminalidade económica e financeira. Maria José Morgado na primeira pessoa.

Está em preparação a reforma do sistema prisional português. Muito geralmente o que é que, em seu entender, há a reformar nas cadeias portuguesas?

Penso que o grande problema tem a ver com a execução das penas, que é uma ques-

tão relacionada com as doutrinas de tratamento penitenciário. Há irregularidades quando não se separam os presos preventivos dos presos em execução de pena de prisão, bem como os presos entre os 16 e os 21 anos do resto da população prisional. Além disso, há também a crónica sobrelotação das prisões portuguesas.

O que é que tem a dizer relativamente à polémica em torno da adopção de salas de injeção assistida nas cadeias portuguesas?

No tratamento da toxicodependência, tudo o que seja repressão autoritária pura e simplesmente não conduz a resultado nenhum. Como a toxicodependência existe no interior dos estabelecimentos prisionais é melhor que ela seja tratada. Porque se não for, trans-

forma-se numa forma desumana da execução das penas de prisão que pode levar à morte por HIV. É um problema de saúde pública e, como tal, há que controlá-lo.

Esse controlo seria mais eficaz com a adopção das salas de injeção assistida?

Sim, é isso que estou a tentar dizer. É óbvio que a adopção dessas salas seria uma confissão de falência do sistema. Mas não adoptando, a falência ainda é maior. O melhor é adoptá-las como forma de procurar ganhar um espaço de controlo do consumo de drogas. Porque senão elas continuarão a existir ilegalmente, com perigos para os reclusos, como para os seus familiares. [As salas de injeção assistida] são um método realista de controlo da toxicodependência.

Apesar disso, a ministra Celeste Cardona recusa categoricamente a implementação desses espaços.

Pois...essas posições são baseadas em preconceitos ideológicos que nada têm a ver com a análise dos problemas e a escolha de métodos realistas para os resolver. Essa não é uma medida proposta originalmente em Portugal e tem sido aplicada em quase toda a Europa. Essa recusa é, como disse, uma confissão de falência do sistema.

Seria um acto de coragem politicamente comprometedor para o Governo adoptar as salas de injeção assistida?

Não se trata de um acto de coragem. É realismo. É querer resolver os problemas. Há droga nas prisões, há toxicodependência, há sida. Isso tem de ser tratado, não é?

14 CIÊNCIA



CLÁUDIO VAZ

Rui de Brito investiga proteína responsável pela “doença dos pezinhos”

Proteínas causam doenças

Parkinson, Alzheimer e a “doença dos pezinhos” provocadas por dobragem incorrecta de proteínas

Compreender os efeitos da dobragem incorrecta ou desdobragem de uma proteína chamada transtirretina (TTR), fenómeno responsável pela “doença dos pezinhos”, é um dos objectivos de uma investigação a decorrer na Universidade de Coimbra (UC)

**Liliana Guimarães
Ricardo Machado**

Está a ser levada a cabo uma investigação no domínio da estabilidade e dobragem (ou “folding”) de proteínas, pelo Departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC. O projecto resulta de uma parceria com um grupo de trabalho do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto.

O docente responsável pela investigação em Coimbra, Rui de Brito, trabalha com a TTR, fazendo investigação ao nível da biofísica molecular. A professora Maria João Saraiva, do Instituto Abel Salazar, baseia o seu estudo em métodos da biologia celular e molecular.

Nos últimos anos foram identificadas várias patologias que são consequência dos estados estruturais de

proteínas alternativos à sua estrutura tridimensional comum. Alzheimer, Parkinson, a “doença dos pezinhos” são exemplos de patologias que resultam de um “folding” incorrecto de proteínas. As proteínas que se do-ram em estados alternativos formam depois fibras amilóides que se depositam nos tecidos.

Nos últimos sete anos, o trabalho do grupo de investigação da UC foi tentar perceber, no caso da TTR, como e porquê se chega da proteína normal até às fibras amilóides, assim como quais são as espécies moleculares que se formam nesse percurso e quais as responsáveis pela doença.

Inicialmente, a causa da morte celular parecia ser a pressão física das fibras amilóides finais sobre as células. No entanto, trabalhos dos últimos três anos em Polineuropatia Amilóide Familiar (FAP) mostram que as espécies moleculares mais tóxicas para as células parecem ser agregados moleculares solúveis, ou seja, espécies intermediárias na formação das fibras.

Utilizando técnicas biofísicas, espectroscópicas, termodinâmicas e computacionais foi possível publicar vários resultados. Actualmente, sabe-se que uma das primeiras coisas que acontece, em caso de formação errada da TTR, é a separação das quatro subunidades da proteína.

Rui de Brito explica que as subunidades têm pouca estabilidade termodinâmica, pelo que têm tendência para a agregação ordenada entre si, formando espécies solúveis e depois fibras amilóides, que se depositam nos tecidos. Estes agregados solúveis parecem ser os mais tóxicos e, por-

tanto, responsáveis pela “doença dos pezinhos”. Algumas variantes de TTR produzem mais fibras amilóides do que outras, o que pode explicar o facto de algumas variantes da doença se desenvolverem mais depressa.

Uma das terapias possíveis para esta doença reside no uso de drogas terapêuticas que estabilizem a proteína normal, não permitindo a dissociação. Nos últimos dois anos, têm-se testado nesta investigação drogas sintetizadas por um grupo espanhol de químicos orgânicos, que tem colaborado na investigação. O grupo de Rui Brito faz testes em tubos de en-

saio, enquanto o grupo de Maria João Saraiva testa as drogas em animais de laboratório.

Outro meio procurado para combater as patologias é intervir nas fases do processo. Ou seja, caracterizar e produzir anticorpos capazes de identificar as espécies intermediárias solúveis mais tóxicas, mobilizando assim os mecanismos de defesa do organismo para o combate à doença.

O investigador acredita que dentro de uma década existirão químicos capazes de diminuir a velocidade de propagação da doença e que venham a ser criadas vacinas.

A “doença dos pezinhos”

A Transtirretina (TTR) é uma proteína existente no organismo de todos os indivíduos. Entre as suas funções principais encontra-se o transporte de hormonas da tiróide através do sangue. Contudo, indivíduos que apresentam mutações no gene que codifica a formação de TTR tendem a desenvolver patologias caracterizadas pela incorrecta dobragem da proteína. Este fenómeno leva à formação e deposição de fibras amilóides. Os investigadores acreditam que estas fibras são responsáveis pelo desenvolvimento da Polineuropatia Amilóide Familiar, mais conhecida por “doença dos pezinhos”.

As fibras amilóides produzidas por dobragem incorrecta da TTR depositam-se no sistema nervoso periférico prejudicando o normal funcionamento deste. Inicialmente, ocorre uma paralisia progressiva dos membros inferiores. Esta paralisia estende-se, posteriormente, ao resto do corpo. Os pacientes da “doença dos pezinhos” acabam por morrer com falhas em órgãos vitais, como os rins, os intestinos ou os pulmões.

A única terapia existente actualmente para a “doença dos pezinhos” é o transplante de fígado. O paciente não recupera o movimento dos membros já paralisados. No entanto, a doença estabiliza. Uma vez que a TTR é produzida no fígado, quando ocorre o transplante passa a haver síntese de TTR com dobragem normal. Assim, a produção de fibras amilóides pára, levando à estagnação da progressão da doença. Os especialistas consideram que esta não é a terapia ideal, pois é bastante agressiva para o paciente, para além de ser complicado encontrar órgãos. O paciente tem, ainda, de continuar a tomar drogas imunodepressoras.

Construção da maior central solar do mundo

Suzana Marto

A maior central solar do mundo vai ser construída em Portugal, na vila da Almareleja no concelho de Moura, no Alentejo. Este local foi escolhido por ser um dos que tem a maior exposição solar do globo terrestre.

O projecto prevê a instalação de painéis fixos e móveis numa extensão superior a 100 hectares, o que corresponde a 12 vezes o que já se tinha feito na Alemanha, que tinha até agora a maior central do género. A antecessora só produz 5 megawatts contra os 36 previstos para Portugal. Esta energia renovável será recuperada e gerida pela Rede Eléctrica Nacional a partir da Barragem do Alqueva. A construção deste espaço necessita de um investimento de perto de 250 milhões de euros. A instalação desta central solar deverá começar já este ano apesar das dificuldades financeiras e da complexidade do projecto.

De facto, esta instalação gera a construção de indústrias de fabrico e a montagem de painéis que terão um custo de 10 milhões de euros. Implica também parcerias e cooperações de várias empresas como a Direcção Geral da Energia, AMPER Central Solar, a BP Solar Espanha, entre outras. O projecto cria a necessidade de mão de obra altamente qualificada para trabalhar tecnologia de última geração, pelo que o Ministério da Educação vai criar dois cursos nesta área na Escola Profissional de Moura.

Problemas de exploração em Marte

Os dois robots enviados à superfície de Marte, um pela Agência Espacial Europeia, o Beagle 2, outro pela NASA, o Spirit, estão com alguns problemas que podem comprometer o objectivo das missões.

Beagle 2 chegou ao solo marciano no dia de Natal, depois de se ter separado da sonda Mars Express a 19 de Dezembro. A principal missão do pequeno aparelho é tentar descobrir água abaixo da superfície do planeta. No entanto, o robot manteve-se em silêncio até agora, pelo que os cientistas não podem garantir que ele esteja operacional. A sonda Mars Express, que se encontra na atmosfera de Marte, foi reposicionada para tentar obter algum sinal do Beagle 2, mas as tentativas de contacto falharam.

Quanto ao Spirit, encontra-se imobilizado desde que chegou, a 3 de Janeiro, pois ficou preso na almofada de ar que lhe permitiu chegar ao solo sem danos. A NASA já comunicou que o problema está resolvido e o robot, que já enviou imagens do planeta, deverá começar a circular hoje ou amanhã.

DESPORTO 15

Vida difícil para a Académica

Estudantes não aproveitaram oportunidade de conquistar pontos na luta pela manutenção

A Académica perdeu com o Estrela da Amadora por 2-1, um resultado que Vítor Oliveira considerou "inglório"

Sónia Nunes
Tiago Pimentel

Estrela da Amadora e Académica encontraram-se no Estádio José Gomes, em jogo da 17ª jornada da Superliga. Num estádio despojado de público, realce para a falange de apoio que viajou de Coimbra, sempre ruidosa. Considerando os últimos resultados da equipa, Vítor Oliveira colocou Alvim em campo, relegando Fábio Felício para o banco de suplentes. Também Fouhami (chamado para a selecção marroquina) saiu dos convocados, tendo entrado o jovem Eduardo, habitual titular da Académica-B. Assim, a Académica alinhou com Pedro Roma na baliza e Nuno Luís, José António, Tonel e Alvim constituíram o quarteto defensivo. O meio campo contou com Rocha (mais recuado), Dionattan, Marinescu e Fredy. Akos e Marcelo eram os homens mais adiantados.

O jogo iniciou-se numa toada morosa, com muitas perdas de bola. A equipa da casa foi a primeira a criar perigo. À Académica valeu a atenção de Pedro Roma a sacudir a pressão. Aos 15 minutos, Sabry isola-se na área da Brios, mas, apenas com o guarda académista pela frente, não conseguiu concretizar a jogada. Nesta altura os estudantes ganham ânimo e equilibram a partida, ameaçando a baliza à guarda de Veiga.

Com 37 minutos de jogo, surge uma contrariedade para Vítor Oliveira. Alvim sai de campo muito queixo-



Académica soma nova derrota, no jogo que encerrou a primeira volta da Superliga

so (lembre-se que o jogador sofre de asma), e dá lugar a Dyduch. A Académica cria perigo na área do Estrela, dispondo de grandes oportunidades de golo, por Marinescu, aos 40 minutos, e Tonel, três minutos depois.

Após a actuação, no intervalo, do artista Sérgio Rossi e suas bailarinas, as equipas regressaram ao relvado para a segunda parte. A equipa da Amadora entrou melhor, proporcionando a Pedro Roma uma grande defesa. Insatisfeito com o decorrer dos acontecimentos, Vítor Oliveira decidiu efectuar as substituições que lhe restavam, colocando em campo Lucas e Delmer nos lugares de Akos e Marinescu.

O Estrela inaugurou o marcador aos 75 minutos, por Júlio César, num remate à meia volta sem hipóteses para Pedro Roma. A Académica tentou inverter a situação, pressionando o seu adversário. O empate chegou aos 88

minutos, resultado de um livre marcado por Dionattan. O resultado parecia feito, no entanto, a apenas um minuto do fim, a equipa da casa aproveita

uma distração defensiva e marca o golo da vitória. Com este resultado, a Académica mantém o 15º lugar na classificação, com 15 pontos.

Nas cabines...



Miguel Quaresma,
treinador do
Estrela da
Amadora

- "Com o decorrer dos minutos, a equipa enervou-se e a ansiedade levou à perda da bola".
- "A Académica equilibrou o jogo nos últimos dez minutos da primeira parte".
- "Acabámos por ser felizes na maneira como chegámos à vitória".
- "Ainda nada está decidido"



Vítor Oliveira,
treinador da
Académica

- "Este resultado representa um passo atrás nos nossos objectivos".
- "Atendendo à produção das equipas, até o empate era um mau resultado para nós porque falhámos oportunidades claras de golo".
- O segundo golo do Estrela é imperdoável e resulta de ingenuidade nossa. Foi um verdadeiro tiro no pé.

Basquetebol sofre primeira derrota

Após 15 vitórias consecutivas na Proliga, os estudantes cederam a primeira derrota na competição, frente ao Maia Basquet (76-74). O jogo destacou-se pela arbitragem duvidosa

Bruno Vicente

Mais tarde ou mais cedo, esperava-se a primeira derrota dos estudantes nesta edição da Proliga. Após um ciclo vitorioso notável, esse dia chegou no passado domingo, numa difícil deslocação da Brios, ao pavilhão do Maia Basquet. E se por um lado a AAC não entrou no jogo com

a agressividade habitual, por outro o trabalho da equipa de arbitragem entregou a Luís Lopes e Jorge Rodrigues causou, por diversas vezes, dificuldades extra aos estudantes.

No entanto, não se pode desvalorizar o trabalho da equipa da casa que entrou frenética na partida e defendeu compacta e com agressividade. Para fazer frente aos maiatos, o recém-chegado Samuel Veiga, treinador da Académica, encarou a partida com o cinco inicial frequentemente usado pelo antigo técnico Norberto Alves.

Logo de início, o Maia soube fechar o jogo à equipa de Coimbra, ao passo que os estudantes revelaram algumas fragilidades ofensivas. Ao fim do primeiro período, a equipa da Maia vencia por 24-18 e conseguiu levar a vantagem até ao intervalo. Faltava agressividade à

Brios e, como dizia ao intervalo o dirigente da Secção de Basquetebol, Cassiano Afonso, "os critérios de avaliação das faltas em termos de contactos que o árbitro marcou não permitiram à AAC ser tão agressiva a defender".

E de facto a postura dos estudantes alterou-se após o intervalo, o que levou a Académica a passar à frente no marcador pela primeira vez na partida (40-43), com a contribuição do inconformismo de Bruno Costa que esteve a bom nível neste período. Porém, a reviravolta não durou, ora devido a falhas individuais dos jogadores da Brios, ora devido à arbitragem com muitas falhas que prejudicou principalmente os líderes da Proliga.

A Académica entrou para os últimos dez minutos com uma desvantagem de 8 pontos, do qual viria a

cerca de quatro minutos do final, quando o marcador assinalava 63-63. Daí em diante o marcador progrediu taco a taco, o que levou a uma fase final imprópria para cardíacos, sempre com a arbitragem a dar que falar. A seis segundos do final, com a partida empatada 72-72, Gregory Morgan preparava-se para nova investida ofensiva quando lhe foi assinalado "passos". Na sequência dessa decisão muito contestada pelos académicos, o Maia fez o 74-72 quando havia um segundo para jogar. Deste modo, a Académica disputou a partida até ao final e, apesar da derrota, mantém a liderança na Proliga. Sobre o jogo, Samuel Veiga adiantou que a derrota vai começar a ser superada "já amanhã, durante o treino" e garante que "os jogadores estão mentalmente preparados para situações como esta".

Orabolos!

António Gil Leão

Opinião

A Província e o país dela

"Quando se 'obriga' a selecção a jogar no estádio do Porto, Benfica e Sporting, eu sorrio e digo: que provincianismo..."

Pois é. Já estamos no ano do Euro. Os estádios estão feitos, agora só falta o resto. O "resto" não é pouco, mas pouco importa. É esperar para ver, esperar, como disse um polícia em Lisboa antes do "derby", que as selecções não despertem tanta paixão como os clubes e que nada corra mal.

Muito se falou da megalomania da construção de dez estádios para a competição. É capaz de ser verdade. Mas o pior, creio, é a concentração de jogos em Lisboa e Porto. Apenas 13 dos 31 jogos não se realizam em Lisboa ou no Porto. Só o Algarve é que tem um jogo nos quartos de final, distribuindo-se os restantes pelos quatro estádios das duas cidades.

Fica a clara sensação de que quatro estádios tinham sido suficientes... Mas isto não é mais do que o reflexo da forma como se olha o país. Da cidade para a "província".

Ou porque são "sulistas", como o ministro (!) Bagão Felix, ou porque são "nortenhos", como outros. E o país, no meio deste zigue-zague, vai ouvindo as explicações toscas para a inevitabilidade desta concentração.

As cidades são evoluídas, modernas, cheias de gente de horizontes vastos. Na província não... são "taca-nhos", atrasados, rurais. Gostam de festas dedicadas a santos.

Mas é curioso que, nessas cidades, as maiores festas são "populares", não perdem uma oportunidade de lançar um foguete - veja-se no último Benfica/Sporting - e demonstram uma profunda e gritante ignorância em relação ao país.

Ainda não começou o Euro e já se concorreu para a organização da Taça América, em vela. Perdido esse combate, fala-se da organização dos Jogos Olímpicos, em 2016, em Lisboa. Mas, pergunto eu, que raio de visão é esta? Como se pode pensar em realizar uns jogos olímpicos em Portugal (mesmo Lisboa...)?

Quando o próprio presidente do Comité Olímpico Português reconhece que falta fazer "tudo" em Lisboa, eu pergunto: onde está o provincianismo?

Quando ministros se permitem definir como "sulistas", num país como Portugal, eu pergunto: Quem é provinciano?

Quando qualquer motivo serve para lançar foguetes, quando se inauguram as mesmas obras várias vezes, eu pergunto: de onde vem o provincianismo?

Quando se "obriga" a selecção a jogar no estádio do F.C. Porto, Benfica e Sporting, eu sorrio e digo: Que provincianismo...

“Poderiam ter sido mais, não fosse o facto de a Académica ter estado dez anos na segunda”

ANA MARIA OLIVEIRA

O jogador Rocha completou cem jogos ao serviço da Académica no escalão maior do futebol português

Bruno Costa

O jogador da Académica comemorou no dia 5 cem jogos ao mais alto nível do futebol nacional. Esta conquista vem coroar a dedicação que o jogador tem dado ao clube, desde há muitos anos. Actualmente com 34 anos, Rocha orgulha-se da marca atingida, mas admite que já pensa num futuro fora das quatro linhas.

O facto de ter completado 100 jogos ao mais alto nível no jogo frente ao S.C. Braga tem algum peso no seu prestígio ou na sua carreira?

Não muito. Ter atingido essa marca deve-se ao facto de estar na Académica há muitos anos. E poderiam ter sido mais, não fosse o facto de a Académica ter estado dez anos na segunda divisão, o que não só prejudicou o clube, mas também a mim.

O facto do seu pai ter sido jogador de futebol, influenciou-o na escolha da sua carreira futebolística?

Não directamente. Estava muito ligado à Académica. Desde pequeno que acompanho a Académica, em parte devido ao facto do meu pai ter jogado neste clube. Foi como uma passagem de testemunho e, por isso, muito importante para mim. Não fui “empurrado” para o futebol, porque eu e o meu pai raramente falámos de futebol. Foi mais pelo facto de ter tido conhecimento da história da Académica que me foi transmitida principalmente por ele.

Conseguiu tirar o curso de Fisioterapia enquanto jogava ao mais alto nível. Como é que conseguiu conseguiu conciliar as duas coisas ao mesmo tempo?

É verdade. Acho que isso é um grande exemplo de que, com alguma flexibilidade de tempo, compreensão de alguns treinadores, co-

legas e professores, se consegue conciliar as duas coisas.

Como é que está o ambiente no balneário, após esta série de maus resultados do clube, principalmente em casa?

Está bom. Não são os últimos resultados que interferem com o estado de espírito da equipa. Nós somos jogadores, somos pessoas inteligentes e sabemos que o trabalho que estamos a fazer é um trabalho sério, um trabalho dedicado e que os resultados vão aparecer.

Há quem diga que o facto de não jogarem em casa terá interferido na prestação da equipa, nos últimos jogos. Mas isso não acontecia em Taveiro...

Isso é um facto interessante. O facto de jogarmos no Estádio Municipal de Coimbra não significa que jogamos em casa, porque nós nunca lá treinamos, ou seja, não há uma identificação muito grande com o relvado em que treinamos e aquele em que jogamos. Estamos muito contentes por termos esta infraestrutura em Coimbra. Ficariamos ainda mais contentes se pudessemos usufruir mais do novo estádio. Estou convicto de que mais tarde isso pode vir a acontecer.

O que tem a dizer sobre a actual classificação da Académica na Superliga?

Os maus resultados não serão por falta de empenho. Todos ambicionávamos estar numa melhor classificação. Embora não seja uma classificação desesperante, é preocupante.

Académica no coração

Alguma vez pensou sair da Académica ou viu o seu lugar em risco?

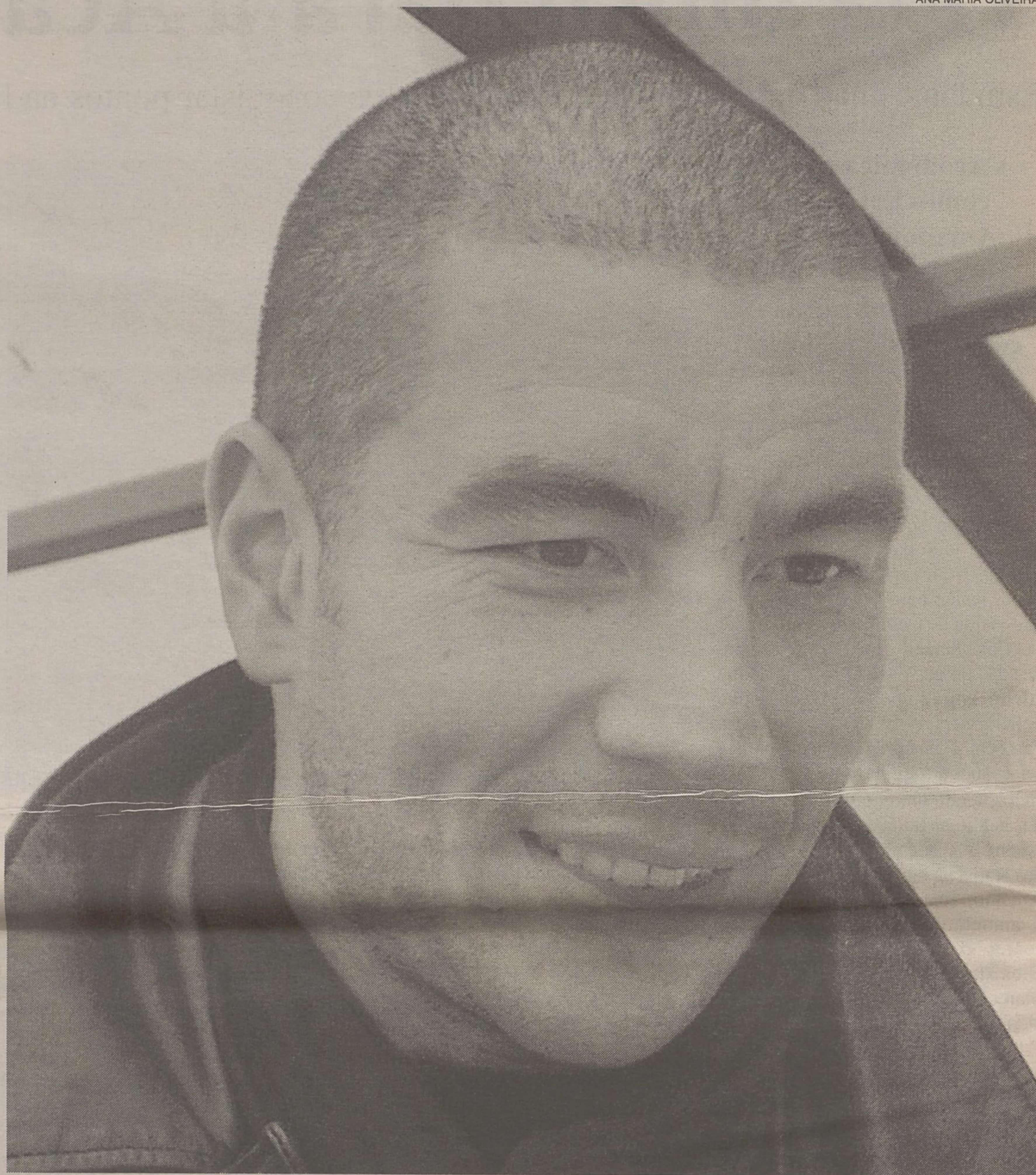
Não. Vivemos até uma certa idade em que pensamos que o futebol nos vai proporcionar um vida fan-

tástica e coisas muito boas, mas passa uma certa altura temos que pensar mais no futuro e que aos trinta anos acaba uma carreira futebolística e que a vida continua. Foi disso que me apercebi há um tempo atrás e, depois de ter decidido terminar o curso, foi muito importante permanecer na Académica.

Acha que a Académica vai conseguir alcançar os objectivos propostos para esta época?

Sim.

Acha que vai conseguir dar res-



O jogador com mais jogos ao serviço da Académica acredita na manutenção na Superliga

posta às necessidades que o novo estádio traz?

Penso que sim. É importante que a Académica consiga a manutenção na Superliga esta época, porque isso é fundamental para a rentabilização do estádio. E acho que a Académica vai conseguir.

Sentem-se bem com o novo estádio ou estavam melhor em Taveiro?

Estava-se igualmente bem em Taveiro, mas o estádio Cidade de Coimbra é que é verdadeiramente o estádio da Académica e era lá que nos devíamos sentir em casa. E, como já disse, isso não acontece porque nunca treinamos lá. Não temos grande identificação com o estádio.

Penso que isso irá acontecer mais para a frente. Quando utilizarmos o estádio com mais frequência, aí poderemos dizer que estamos em casa.

Pensa exercer fisioterapia quando acabar a sua carreira futebolística?

Foi para isso que estudei. Foi com esse objectivo que tirei o curso.

Não vai querer continuar ligado à Académica, uma vez que está ligado ao clube há tanto tempo?

Uma coisa não implica que a outra não seja verdade. Posso, eventualmente, ficar ligado à Académica, se as coisas se proporcionarem, por meio da fisioterapia, ou não. Nesta altura temos que dar um passo de cada vez e pensar mais no facto de ser jogador.

Cem jogos depois

Pedro Miguel A. C. Rocha, trinta e quatro anos, natural de Coimbra, completou, no passado dia 5 de Janeiro, com uma derrota, cem jogos no escalão maior do futebol português, ao serviço da Académica. Um jogo realizado no Estádio Municipal de Coimbra frente ao S.C. Braga, cujo resultado final foi 0-1.

Para Rocha, a marca atingida “deve-se ao facto de estar na Académica há muitos anos”. Vem, de certa forma, premiar o empenho e o amor que este jogador tem dedicado ao clube, desde muito cedo. Mostra-se satisfeito por jogar futebol, não escondendo o carinho que sente pelo clube que representa: “Jogar no clube de que gosto é uma boa sensação”.

Jogo de Palavras

Académica: amor
Vítor Oliveira: um treinador com prestígio
Euro 2004: um sucesso
João Moreno: um grande académista
Estádio Municipal de Coimbra: a futura casa da Académica
Coimbra: encanto

académica
empresa multidisciplinar

Coimbra é uma cidade de estudantes.

Se em 700 anos nunca tirou proveito de viver numa cidade universitária, procure a empresa multidisciplinar académica.

Agora você pode pô-los a trabalhar!

Telefone: 239410443 Fax: 239410439 Email: emacademica@hotmail.com



Sartre e Beauvoir reinventados

CITAC estreia peça inspirada nas memórias do casal

Dar a conhecer ao público fragmentos do mundo de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir é o propósito de uma peça centrada na textualização do corpo

Tiago Pereira de Carvalho
Sandra Dias

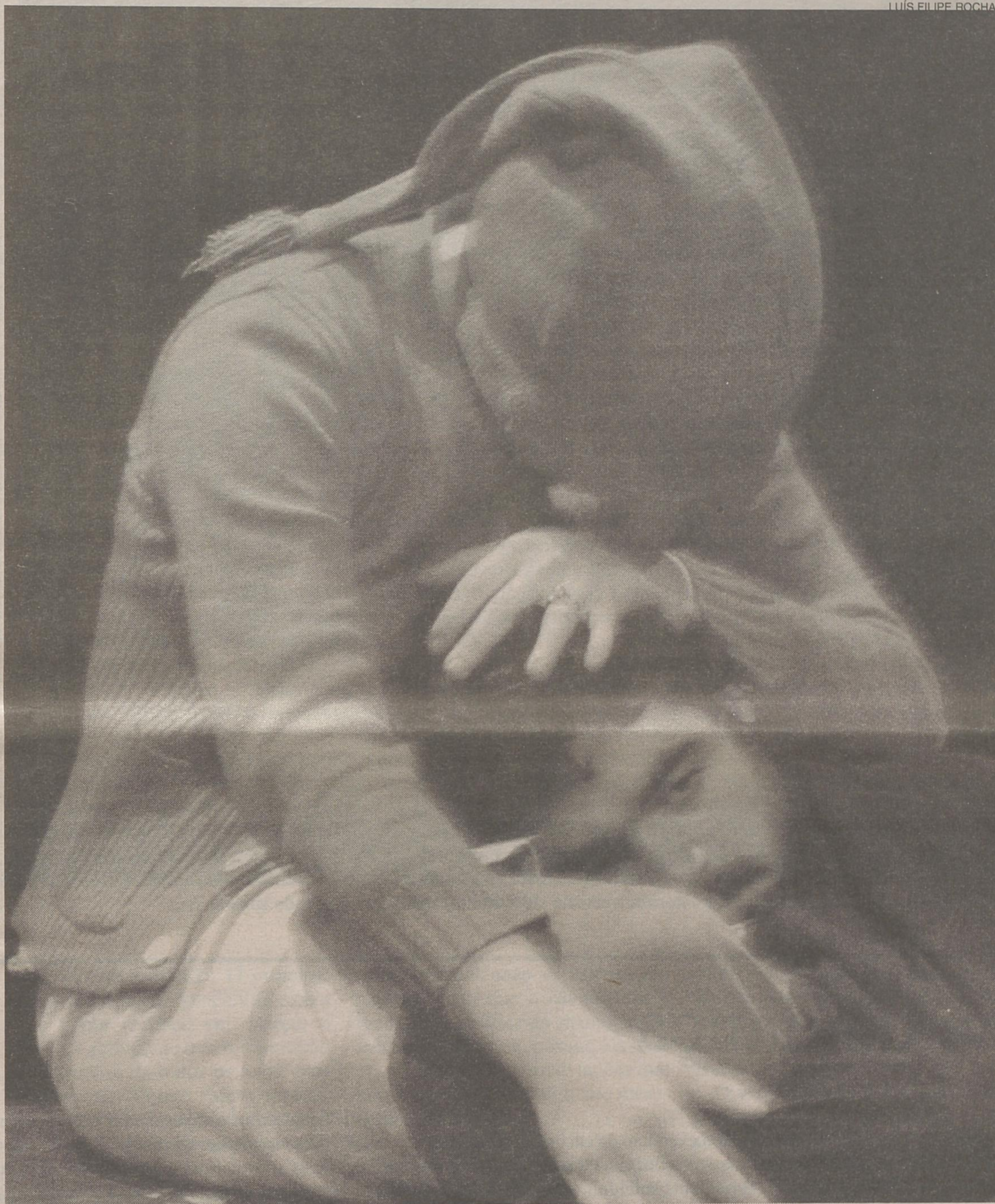
Entre amanhã e sexta-feira, sobe ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), pelas 21h30, a mais recente produção do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC). Intitulada "Aventuras extraordinárias do Príncipe e do Castor", trata-se de uma peça inserida no evento Sartre e Beauvoir, com encenação de Tiago de Faria.

O ponto de partida para esta peça é o universo fascinante da relação de amor, necessário e conjectural, intelectual e afectivo, transparente e existencial de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Quem o diz é Sílvia das Fadas, a mentora do projecto, que, em Maio do ano passado, propôs ao CITAC transpor para o palco o mundo tão particular e transcendente partilhado por um dos casais mais mediáticos do século XX.

A correspondência e as memórias da autora, sobretudo, testemunhos vivos da relação, constituem o suporte factual da concepção da peça. Nas palavras de Tiago de Faria, todo o processo "começou de uma perspectiva muito lata, em que se abordava o universo deles do ponto de vista dos acontecimentos, da vida corrente". O encenador prossegue: "À medida que a peça foi sendo escrita fomos nos concentrando mais nos episódios, e depois partimos deles para tentar moldá-los, obedecendo a imagens muito fortes e tentando trazer os corpos dos actores para essas imagens".

Os episódios que marcaram a relação dos dois intelectuais constituem, neste sentido, o germe de uma ficção que reduz as divergências interpretativas à linguagem de espectáculo. A este propósito, Tiago de Faria refere que o processo de montagem, neste caso, surgiu de uma mesa-redonda feita de ideias e rabiscos que foram e tiveram que ser coordenadas e harmonizadas pelo director de texto, Carlos Alberto Machado. O resultado é, assim, um "caleidoscópio de ideias, de universos criados à volta do universo de Sartre e Beauvoir", esclarece o encenador.

Levar a palco todo esse labutar construtivista da escrita, da reformulação e do aperfeiçoamento "nunca definitivo" do texto, transportando a ideia de laboratório para a concepção geral do espectáculo, é uma das grandes preocupações de Tiago



Evento Sartre e Beauvoir decorre até sexta-feira, no Teatro Académico de Gil Vicente

de Faria. O próprio processo de concepção da peça, afirma, não se esconde atrás do pano que serve de fundo ao palco, sendo antes trazido para o lado de cá desse pano. Por isso existem símbolos, uma maca, uma cadeira de rodas, corpos que preenchem espaços e imaginários que se movimentam. Esta definição de espectáculo despojado demonstra o carácter assombroso da cumplicidade patente na relação entre Sartre e Beauvoir, no sentido em que ambos se comprometiam singularmente com o mundo e com a liberdade deles próprios.

Deste modo, Tiago de Faria pretende desentorpecer os sentidos e levar até ao público esse universo estranhamente distinto e ambigualmente sedutor que caracterizava a relação do casal: "É um universo muito interessante porque põe precisamente muitos dos nossos valores em jogo. Projectamos na relação deles a nossa visão que é completamente contextualizada com os nos-

sos valores sociais e eles subvertem muitos desses valores nos meandros da sua relação, o que é algo que, pelo menos, dá que pensar".

Outras iniciativas

Ainda no âmbito do Evento Sartre e Beauvoir - que teve o seu início ontem -, o CITAC tem agendadas - para além da estreia da peça - algumas actividades a decorrer no Café-Teatro, no TAGV, até sexta-feira, data de encerramento do evento.

Segundo Sílvia das Fadas, estas actividades foram programadas com o intuito de expor "todo o outro lado factual" sobre o casal que a peça poderá ocultar, dado ser uma "reinvenção". O objectivo central foi, sobretudo, "recuperar o café como espaço privilegiado de debate" e, à imagem das vidas de Sartre e Beauvoir, "sentar as pessoas à volta de uma mesa, a falar sobre eles, a discutir".

Assim, hoje, pelas 18 horas, no Café-Teatro, é projectado "Sartre par lui meme", um documentário

com realização de Michel Contat e Alexandre Astruc. Quatro horas depois, é apresentada a banda-sonora da peça, sob a responsabilidade de Hugo Gama, Francisco Frazão e Bruno Matias. Amanhã, também às 18 horas, Zília Osório e Maria João Frazão conversam sobre Simone de Beauvoir.

O evento encerra na sexta-feira com um debate em torno da figura de Sartre, sob a orientação de António Pedro Pita e José Oliveira Barata.

Entretanto e até ao último dia do evento, pode-se visitar, ainda no mesmo local, a exposição "As palavras com o sangue dos outros - Corpos", que mostrará, entre outros objectos, quadros feitos pela irmã de Simone e livros dos dois autores (uma colaboração com a Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra). Novidade será também a publicação dos cadernos do CITAC sobre a peça e sobre todo o processo que envolveu este projecto.

O príncipe e a castor

Filósofo, escritor, dramaturgo, professor, activista político e biógrafo. Eis parte do extenso currículo que marcou a existência de Jean-Paul Sartre, considerado por muitos como um dos mais importantes pensadores do século passado.

Nascido em Paris, a 21 de Junho de 1905, Jean-Paul Sartre ingressa aos 19 anos na École Normale Supérieure, onde conhece Simone de Beauvoir. Já na década de 30, é nomeado para dar aulas de Filosofia em Le Havre, cumprindo a mesma função, posteriormente, nos liceus Pasteur e Candorcet.

O ano de 1934 marcaria a publicação do seu primeiro livro, "As Transcendências do Ego", que seria seguido, quatro anos volvidos, pela edição de "Náusea", um dos romances mais emblemáticos de Sartre.

No decorrer da II Guerra Mundial - período em que Sartre exerceu serviço militar -, é preso pelos alemães e enviado para um campo de concentração em Trevès, experiência narrada em alguns dos seus escritos. Após a sua libertação, regressa a Paris, participando na resistência.

É durante a década de 40 que Sartre reforça o seu activismo político, fundando o movimento Socialismo e Liberdade - que viria a dissolver anos mais tarde - e intensifica a sua relação com Beauvoir. O café de Flore, onde o par passava grande parte do tempo a trocar ideias, a escrever e a vaguear, tornou-se o local de eleição dos paparazzi franceses.

Neste período, Sartre lança "O Ser e o Nada" (1943), obra na qual revela ao grande público as ideias do existencialismo, considerada na altura pelo Vaticano como um "perigo muito maior que o racionalismo do século XVIII e o positivismo do século XIX". Enquanto isso, Simone lança "A Convidada", um romance bastante controverso. Reacção que até à sua morte nunca a largou, tal como a Sartre.

A autora de "O segundo sexo", tida por muitas mulheres como a matriarca do feminismo, nunca escondeu a influência de Sartre na sua obra e vida. A partilha de 50 anos de vida não é inocente. As suas autobiografias ("A Cerimónia do Adeus", entre outras) e as "Cartas a Sartre" são alguns dos registos que evidenciam com clareza um mundo particular de um casal também ele especial.

Juntos fundaram a revista "Les Temps Modernes" em 1945. Juntos viveram até ao dia em que Sartre morreu, a 15 de Abril de 1980, data em que tiveram que segurar Simone, que pretendia deitar-se ao lado dele na mesa da morgue. Seis anos volvidos, seria ela a defunta que muitas mulheres desejavam viva. "Mulheres, deveis-lhe tudo", diz, no funeral, Elisabeth Badinter.

Para a posterioridade, ficam os escritos e a história de um casal que marcou fortemente a cultura do século XX.

“Um prenda para Eugénio de Andrade”

Os 81 anos de Eugénio de Andrade são comemorados com uma homenagem especial. Um espectáculo híbrido de poesia, música, imagem, projecção e multimédia

Ana Maria Oliveira
Bruno Vicente

No próximo domingo, pelas 21h30, terá lugar no Teatro Académico de Gil Vicente o espectáculo “Um prenda para Eugénio de Andrade”, um tributo ao poeta, num esforço conjunto entre o Coro da Câmara de Lisboa e a Companhia de Música Teatral.

A iniciativa procura explorar a zona de convergência entre a poesia e a música, partindo das obras de Eugénio de Andrade para concretizar um espectáculo de música cénica. Deste modo, pretende-se criar um ambiente propício para “despertar a visão e audição do espectador, estimulando a sua sensibilidade”, segundo as palavras de Paulo Maria Rodrigues, músico e compositor e um dos responsáveis pela criação e produção do evento.

Para além de obras especificamente concebidas por Paulo Rodrigues, este projecto conta também com produções dos músicos José Atalaya, Fernando Lopes-Graça e João Camacho, todas elas baseadas em textos do poeta. Por sua vez, os recursos musicais do evento “envolvem um coro, piano, flauta e percussão” que, por vezes, entram em cena em simultâneo com uma gravação em estúdio da voz de Eugénio de Andrade.



Coro da Câmara de Lisboa e Companhia de Música Teatral prometem oferecer uma prenda muito especial a Eugénio de Andrade

de.

A ligação específica entre a obra literária do poeta e o espectáculo é feita em sete blocos diferentes, em que cada um deles é um género de alusão aos temas da poesia de Eugénio de Andrade: “Génese”, “Nascimento da Música”, “Os frutos e as Mãos”, “É Urgente o Amor”, “Esta e Outras Nuvens”, “É do Corpo que Falo” e “As Palavras”. Dentro destes quadros principais é possível assistir a diferentes performances, tais como canções infantis de Lopes Graça a partir de poemas que Eugénio de Andrade fez para crianças, a música que o maestro escreveu para tenor e

piano com o apoio de Eugénio de Andrade, uma peça para o coro que Paulo Rodrigues escreveu a partir do poema “cristalizações”, e até canções de embalar baseadas no poema “Nana”.

A concepção de “Uma Prenda para Eugénio de Andrade” esteve a cargo da Companhia de Música Teatral (CMT), que surgiu por iniciativa de Paulo Maria Rodrigues após a realização de diversos projectos artísticos apresentados em Portugal e pela Europa. A CMT parte da música e procura a interacção entre toda uma variedade de técnicas culturais como forma máxima de comunicação ar-

tística. Assim, o principal objectivo é dinamizar as obras de compositores que se enquadrem na designação de “música cénica”, bem como promover obras direccionadas para a formação da própria companhia.

A instituição procura também a realização de concertos em espaços concretos com o fim de explorar a “ecologia sonora” do local e difundir diversas obras através de multimédia, privilegiando o público infantil. Para já, Paulo Rodrigues garante que “Uma prenda para Eugénio de Andrade” é um espectáculo que “foge ao normal” e do qual se espera um “grande sucesso”.

O percurso de um poeta

Eugénio de Andrade, José Fontinhas de baptismo, nasceu na Póvoa de Atalaia, a 19 de Janeiro de 1923. A família vai de proprietários rurais abastados a mestres-de-obras, mas será a mãe a figura tutelar da vida do poeta. Em 1936 começou a escrever poemas depois de muitas horas passadas em bibliotecas públicas a ler Júlio Verne, Jack London, Alexandre Dumas, Eça de Queirós e Aquilino Ribeiro.

Em Lisboa vai viver e estudar, e em 1947 ingressa nos quadros dos Serviços Médico-Sociais, do Ministério da Saúde, onde desempenhará durante 35 anos a função de inspector administrativo. A transferência para o Porto, por razões de serviço, deu-se em Dezembro de 1950.

Eugénio de Andrade tem 55 títulos traduzidos e vários livros que têm conhecido sucessivas reedições. Apesar do seu prestígio viveu sempre extremamente distanciado da vida social ou mundana, avesso à comunicação social, arredado de encontros, colóquios, congressos.

A obra de Eugénio de Andrade, escrita ao longo dos últimos cinquenta anos, tem início em 1942 com “Adolescente” e estende-se até aos dias recentes. Traduzida em cerca de vinte línguas, a poesia desta autor tem sido estudada e comentada por muitas celebridades do universo cultural.

Vive no Porto, na Rua do Passeio Alegre, 584, onde foi inaugurada a 14 de Fevereiro de 1995 a Fundação Eugénio de Andrade.

Nova poética da dança

Três coreografias em interacção com outras linguagens

Liliana Guimarães

“Luz, Corpos, Fragmentos” é o nome do ciclo de dança contemporânea que chega a Coimbra nos próximos dias 22, 23, 27 e 28. Nos primeiros dois dias, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) recebe dois solos de dança: “One Woman Show” e “Materiais Diversos”. “Ariel” é o espectáculo reservado para 27 e 28 de Janeiro.

“One Woman Show”, solo criado e interpretado por Cláudia Dias, pretende substituir a força da afirmação por uma poética da dúvida. O TAGV vai acolher um espectáculo que aborda a questão da mulher partindo de uma reflexão de conteúdos do “corpo social”. Para isso, Cláudia Dias elaborou uma coreografia em envolvimen-

to com outras linguagens.

“One Woman Show” é um exercício de encontrar perguntas por entre as relações dialécticas. Feminino/masculino, ocidente/mundo, corpo/objecto, dominador/dominado são temas de uma abordagem política de dois pólos da mesma força.

A criação coreográfica procura uma pergunta que de tão incisiva seja uma concentração de vida. A obra de Cláudia Dias apresenta um olhar ficcional da existência real.

Este projecto não se resume à dança. Conta com a colaboração de António Coelho, responsável pelas imagens projectadas no espaço cénico, de João Miguel Fonseca, que trabalha sobre a música como um suporte emocional, e de Humberto Martins na criação de um vídeo/documentário sobre o processo criativo.

“Materiais Diversos”

Depois da Coimbra 2003 onde esteve com “Um Espectáculo com Estreia Marcada”, Tiago

Guedes volta ao Gil Vicente com o espectáculo “Materiais Diversos”. Trata-se de um confronto entre as artes plásticas e as artes performativas.

Este espectáculo pretende desenvolver as potencialidades dos materiais bem como a maneira como as suas significações usuais são facilmente mutáveis. As artes plásticas dão a “Materiais Diversos” um prolongamento no tempo, que não possuiria caso se tratasse de uma peça unicamente performativa.

A obra de Tiago Guedes apresenta-se em duas fases. Uma primeira de carácter exclusivamente museológico na qual o público entra em contacto com os materiais e os objectos. Aqui vive-se a total ausência de intérprete e interpretação. Posteriormente, o intérprete faz as coisas funcionarem de maneira diferente daquela que havia sido percebida. Será a sua inscrição e acção no espaço.

“Ariel”

A concepção e direcção artística de “Ariel” es-

tão a cargo de Lúcia Ramos. Desenvolvida a partir da obra homónima de Sylvia Plath, “Ariel” foi, no entanto, concebida com base na dramaturgia orgânica de Tatsumi Hijikata, criador do “Ankoku Butoh” (em japonês, “dança do corpo obscuro”). Também “A Tempestade”, de Shakespeare, foi utilizada para a composição do espectáculo.

Numa perfusão de dança e teatro contemporâneo, “Ariel” é apresentado ao mesmo tempo da instalação “Hanaike/Fujin” de Rui Soares. A “dança do corpo obscuro” cruza teatro, artes plásticas, literatura e dança, envolve o espectador e propõe-lhe uma nova filosofia de vida. Joga com o tempo, com as várias perspectivas do olhar e cria um novo estilo de dança. Assim, o corpo é o tempo e o espaço que existem entre a morte e a vida, entre o feminino e o masculino.

O original de Sylvia Plath foi publicado dois anos após o seu suicídio. “Ariel” é um conjunto de poemas obscuros e atormentados, escritos semanas antes da morte da autora.

SEXTA
informática Multimédia, Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

PUBLICIDADE

Coimbra em palco para 2004

Com o início do novo ano, as companhias culturais de Coimbra começam a delinear projectos. Ideias não faltam, mas as verbas continuam a ser um problema

Sónia Nunes
João Vasco

O Evento Sartre e Beauvoir do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC) é a principal novidade do primeiro mês do pós-Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003. Janeiro é também altura para as reposições de "O Juiz da Beira: Aula Prática" da Escola da Noite, na Oficina Municipal do Teatro, de "23 Centímetros", da Cooperativa Bonifrates, no Teatro-Estúdio Bonifrates na Casa Municipal da Cultura e de "Ariel", da Arexploratódiasartes, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). A apostar na formação está o Teatro Anónimo que, no final do mês, abrirá um curso de teatro de rua.

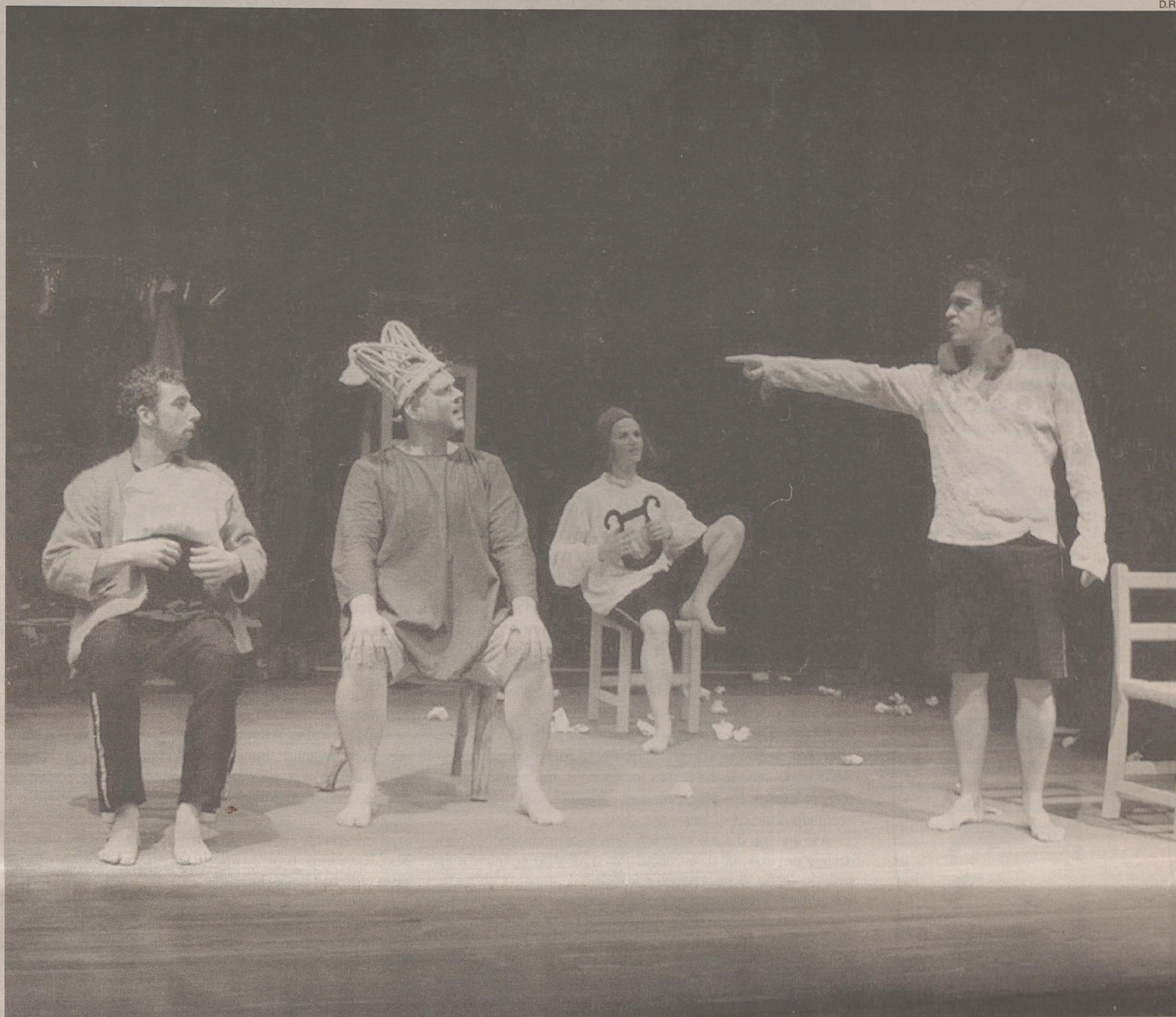
Mas é para Março que estão anunciadas as maiores novidades, com a Escola da Noite a preparar a apresentação da peça "O Cerejal" de Tchekov, a Marionet a apresentar o espectáculo "Tomada de Consciência", a Bonifrates a lançar um novo espectáculo e com a estreia de "N.N. '02", pela Arexploratódiasartes.

No mês seguinte é a vez do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) levar à cena o exercício final do curso de formação de jovens actores que começou a ser levado a cabo ainda em 2003.

Em ensaios está também o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC). "O Capote" e "Amor Desgarrado" são as peças na carteira. O GEFAC prepara ainda o lançamento de um livro de teatro popular com textos de cariz religioso e a apresentação de um espectáculo que reúne danças e cantares tradicionais portugueses.

Uma nova abordagem ao teatro universitário é uma das propostas do CITAC para 2004 - quando se assinalam os 50 anos do grupo. "Actus" é um projecto em agenda, assim como a reposição de "O Covil" e a estreia de "Labirinto". O CITAC pensa também levar em digressão a peça "As aventuras extraordinárias do Príncipe e do Castor". Certo é já o curso de iniciação, a começar em Outubro.

Mas apesar das ideias serem muitas, alguns grupos não sabem com o que contar para o novo ano, porque ainda não foram atribuídas as verbas da Câmara Municipal de Coimbra (CMC). O director da Marionet, Mário Montenegro, refere que este princípio de ano está a ser "complicado": "Devíamos ter recebido já o subsídio para 2003 da câmara, mas ainda não recebemos nada. Não temos dinheiro para arrancar". Também Afonso Pereira Francisco, da Camaleão, alinha pelo mesmo discurso: "Dinheiro é que, infelizmente, tarda em aparecer. Estamos a delinear estratégias para desenvolver projectos, mas



Apesar dos dinheiros para 2004 ainda não terem sido atribuídos, as associações culturais de Coimbra estão confiantes no novo ano

sem verbas é difícil". O principal responsável pela companhia refere que conta receber, em Março, o apoio à actividade que o município de Coimbra dá todos os anos, mas acrescenta: "O que vamos receber é o apoio para as actividades feitas em 2003. Acho que não é preciso dizer mais nada!".

Instado a comentar estas críticas, o vereador da Cultura da CMC, Mário Nunes, contra-ataca referindo que "antigamente dava-se dinheiro por tudo e por nada e não se procurava saber onde ele era gasto". O vereador diz que agora a situação mudou: "Eu exijo que me apresentem um plano de actividades, um relatório e contas, etc., por cada ano. Houve algumas companhias que se atrasaram em relação a isso. Logo, as coisas atrasam-se".

Indefinição de verbas que tem que ver também com a perda de autonomia financeira da Direcção Regional da Cultura do Centro. A partir deste ano, as companhias locais vão ter acesso aos montantes provenientes do Ministério da Cultura apenas através das câmaras. Lúcia Ramos, da Arexploratódiasartes, explica uma situação que a deixa agastada: "Temos menos vontade de solicitar seja o que for às instituições, porque os regulamentos estão sempre a mudar. Nem sequer têm tempo de assentar. São altamente burocráticos". A actriz diz que o seu grupo "tem tido um

apoio pontual, mas os valores são baixos. Acho que a câmara devia rever a sua política de atribuição de subsídios à cultura, porque existem casos flagrantes de associações que têm subsídios sem realmente merecerem".

2004 - um ano de mudança?

Confiante na abertura da CMC para dar continuidade aos projectos das associações culturais de Coimbra está Ricardo Seica, do Projecto BUIH: "A câmara, pela primeira vez, criou um programa que define muito concretamente os critérios de avaliação das propostas dos grupos. 2004 é um ano de mudança, com a câmara a clarificar o que é isto do apoio ao associativismo cultural". O actor considera que "não se pode dar à câmara o peso de assegurar a sobrevivência dos grupos. É preciso que os grupos provem que querem trabalhar juntos". Este ano, o Projecto BUIH quer dar continuidade aos projectos de 2003, como "Câmara Escura" e "Coimbra Persentida". As novidades serão "A Estante", uma peça para a infância e uma "spokenword", a ser apresentada em bares ou discotecas.

Este é um ano de grande indefinição para a principal companhia profissional de Coimbra, a Escola da Noite. Isabel Campante explica que o grupo vai deixar a Oficina Municipal do Teatro no segundo semestre do ano e, por isso, "para

além da peça de Tchekov, ainda não há mais nada em concreto. Não sabemos daqui a quanto tempo mudamos para o Teatro da Cerca de S. Bernardo", explica.

O espaço é um dos grandes problemas com que se debatem as companhias que constituem a M.A.F.I.A. (Marionet, Camaleão, Trampolim, Projecto Buih! e Encerrado para Obras). Mário Montenegro, principal voz da organização, explica que "ainda não há nada definido. Esta é sempre uma das grandes dificuldades quando arrancamos para novo projecto. Não tanto pela parte da apresentação, mas mais pela parte de produção do espectáculo. Nunca sabemos onde vamos ensaiar". Perante estas dificuldades, Patrícia Timóteo, da Trampolim, espera "fazer algumas reposições, nomeadamente, com a coreógrafa Amélia Bentes". Quanto a novos trabalhos, a Trampolim não tem nada definido: "Estamos à espera que a câmara nos forneça um espaço e os subsídios, para ver se podemos montar um novo espectáculo", refere Patrícia Timóteo.

Certezas em relação à segunda metade do ano, poucas companhias têm. O TEUC planeia mostrar uma criação colectiva, a Bonifrates quer apresentar "Putas de Prisão" - um conjunto de relatos de mulheres presas no pós-25 de Abril - e a Marionet projecta o espectáculo "A Bengala de Cegos".

Teatrão no Museu dos Transportes

Apesar do protocolo assinado com a Câmara Municipal de Coimbra (CMC), o Teatrão não será a companhia residente da Oficina Municipal de Teatro em todo o ano de 2004. A situação deve-se ao alojamento temporário da Escola da Noite naquele espaço, explica Isabel Craveiro, membro da companhia. Findo o contrato com o Colégio de S. Teotónio, o grupo inicia 2004 com o problema de arranjar um espaço para trabalhar. Daí a sugestão feita à câmara: "Desenvolver a actividade do Teatrão no Museu dos Transportes, enquanto a Escola da Noite não mudasse de teatro". Assim, em Janeiro, o Museu dos Transportes recebe o evento "Pessoa em Coimbra" que abre com "Insónia", um espectáculo do Teatro do Tejo. Marco António del Carlo será convidado para a iniciativa, para apresentar a peça "Passagem das Horas".

Março marca o regresso à programação infantil com a revisitação de "A história da Lua e do Março". No ano em que comemora 10 anos, o Teatrão fará uma pausa em Agosto pela "falta de financiamento e por ainda não estarmos na Oficina Municipal de Teatro", justifica Isabel Craveiro.

Vê-se...



Edward Zwick

“O Último Samurai”

Com Tom Cruise, Billy Connolly e Tony Goldwyn - 144 minutos, cor, M/12, Acção/Guerra

5/10

Mais do mesmo...

Nathan Algren (Tom Cruise), um condecorado veterano da Guerra Civil norte-americana, entretanto reformado, explora a sua imagem “heróica” para vender espingardas da “Winchester”. Constantemente assombrado por fatídicas recordações do campo de batalha, Algren refugia-se na bebida, abusivamente, como uma forma de não encarar a realidade, permanecendo num limbo suspenso onde a dor não o atinge. Recorda-se sobretudo de um massacre cometido pela cavalaria norte-americana contra índios civis, mulheres e crianças, indefesos, inocentes, no qual participou contra a própria vontade, fruto de ordens superiores.

Até que um dia é contratado pelo imperador japonês para treinar um exército de combate a uma rebelião no interior do próprio Japão. A insurreição é levada a cabo pelos samurais (os míticos guerreiros japoneses), liderados por Katsumoto (Ken Watanabe). Em finais do século XIX, o Japão vive uma fase de transição, marcada por uma maior abertura à cultura e aos costumes ocidentais. A tradição samurai, essencialmente militar, com mais de mil anos de existência, não se parece coadunar com os novos princípios impostos na sociedade japonesa. O imperador, manipulado pelo sistema político que o rodeia, procura reprimir a rebelião samurai e recebe o pronto auxílio dos Estados Unidos, através de avultados contratos para a compra de armamento.

O pouco tempo disponibilizado para treinar o exército, essencialmente constituído por camponeses, a par de uma precipitação forçada por ordens superiores, contribuem significativamente para a pesada derrota na primeira batalha contra

os samurais, exímios guerreiros que lutam com espadas resplandcentes em cima de imponentes cavalos. Mesmo com o poder de fogo das espingardas, o exército é vencido de uma forma concludente. Nathan Algren é feito prisioneiro, poupado por Katsumoto, o líder samurai, que fica impressionado com o grande espírito combativo do antigo capitão norte-americano.

Após a batalha, Algren é levado para o reduto dos samurais, nas montanhas. Inicia-se então um processo de aprendizagem mútua, a partilha entre diferentes culturas, costumes e valores. Enquanto Algren procura aprender os hábitos e as técnicas de combate da tradição samurai (tal como havia feito anteriormente em relação às tribos índias dos Estados Unidos), Katsumoto procura informações sobre as modernas técnicas militares dos ocidentais.

A experiência no seio dos samurais representa uma espécie de expiação para Algren, o qual acaba por reencontrar o equilíbrio espiritual. E, após ser libertado, prefere lutar do lado dos samurais contra o exército japonês, agora municiado com artilharia pesada fornecida pelos seus conterrâneos norte-americanos. No que acaba por ser sobretudo uma batalha de ideais.

“O último samurai”, realizado por Edward Zick, financiado pelo próprio Tom Cruise, conta uma boa história, defende valores dignos, apregoa o habitual discurso moralista e re-dentor, mas não consegue ser minimamente inovador. Como obra cinematográfica, representa pouco mais do que entretenimento. Ou seja, certamente um candidato aos Óscares 2004. **Gustavo Sampaio**

Em negativo...



Jorge Vaz Nande, vencedor do “Il Concurso Europeu de Argumentos para Curtas Metragens

Banda sonora - “On Connait la chanson”, Alain Resnais

Sala de cinema predilecta - A de Monção (que ainda não existe)

Uma actriz de sonho - Charlotte Rampling em “Stardust Memories”, de Woody Allen

Um filme preferido - “Talk Radio”, de Oliver Stone

A cena mais tocante da história do cinema - O final de “City Lights”, de Chaplin

Um beijo entre um casal de sonho - Catherine Deneuve e Fanny Ardant, “8 Femmes”

Um realizador - Orson Welles

Um argumentista - Billy Wilder

Navega-se...

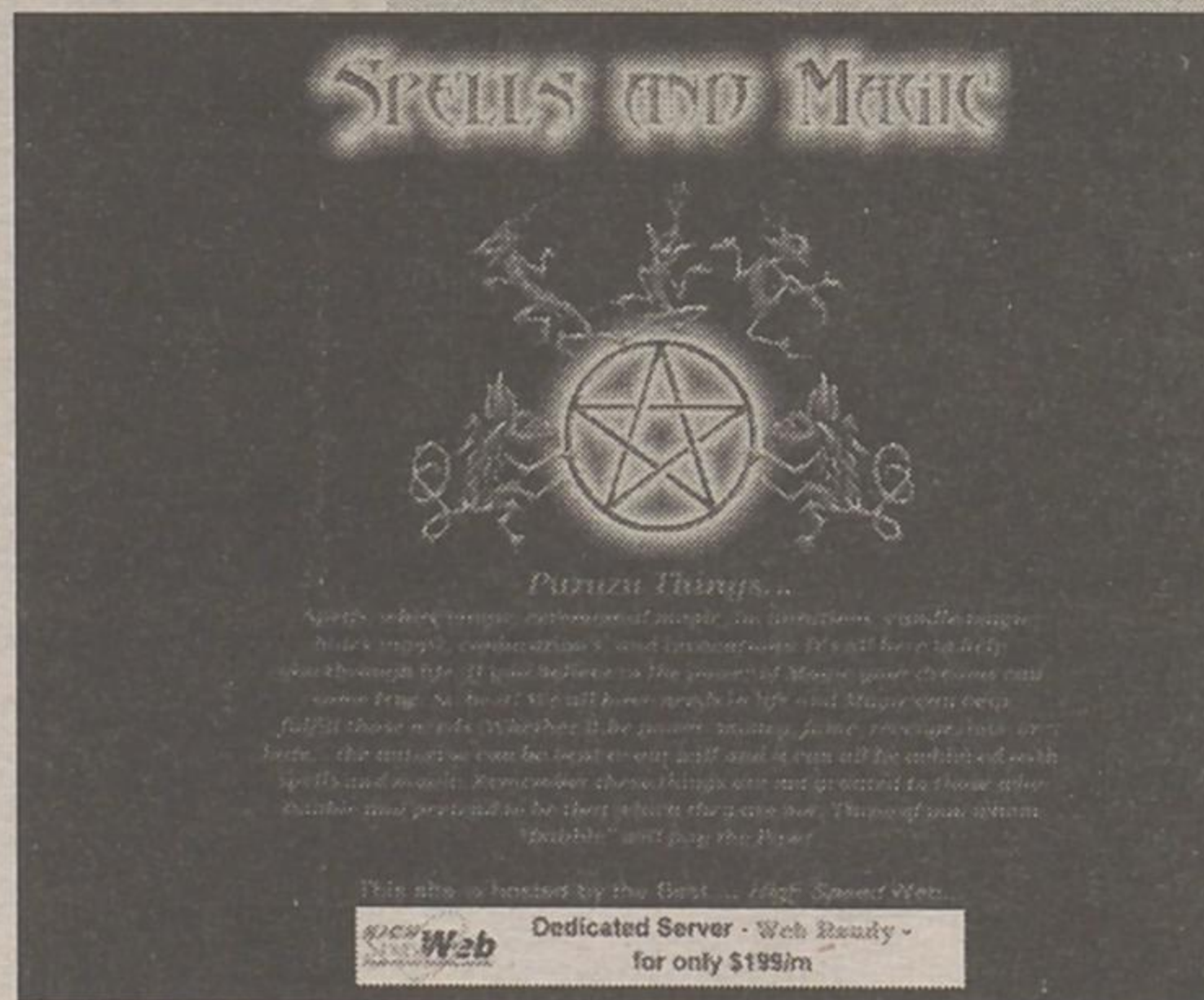
Para além da religião

Depois de passadas as festividades que ocorrem na última semana de Dezembro está na altura de voltar à carga, seja no trabalho ou nos estudos. Para os que estudam, no caso de quererem ajuda “externa”, fica a referência ao sítio meta-religion. A ideia é dar espaço para que seja possível conhecer o maior número possível das facetas do mundo esotérico e religioso. A página inicial permite escolher a língua a utilizar durante a visita, e há muita coisa para visitar. A divisão é feita através da espiritualidade. Cristianismo, Budismo, Taoismo são algumas das religiões que se encontram dentro da secção das religiões modernas. Na secção das religiões antigas podemos encontrar informação sobre mitos, deuses nórdicos, sumérios ou mexicanos. Há ainda espaço para o esoterismo através do tarot, cabala, satanismo ou runas, entre muitos outros exemplos. Se ainda houver tempo pode-se visitar a secção da espiritualidade com informações sobre o culto dos ovnis ou wicka ou magick. Ainda sobra espaço para ter biografias de pessoas famosas relacionadas com algumas ciências tais como a matemática ou a física.

<http://www.meta-religion.com>

Feitiços para todos

Precisa de recuperar o amor da sua vida ou que lhe quebrem um mau-olhado? Não visite os doutores que aparecem nas páginas do “Diário de Coimbra”, faça antes o seu próprio feitiço. O nome do sítio é Spells and Magic, o que é suficiente para se ter uma ideia do seu conteúdo. Claro que as coisas não são fáceis e é necessário ler tudo com atenção. A organização do sítio é simples e parte tudo de uma tabela com várias ligações. Há que começar pela página dos principiantes onde se encontram algumas dicas e instruções para se aventurar no mundo da magia. Depois é escolher o que se pretende fazer e avançar, seja na leitura de sonhos, nos sacrifícios de sangue, magia de velas ou hipnotismo, entre outras coisas. Há ligações para outras páginas do mesmo assunto e listas de livros do oculto e sobre a meditação.



Morte

“Taphophilia”

www.taphophilia.com

Um sítio para visitar com cuidado, não vão as coisas funcionar realmente.

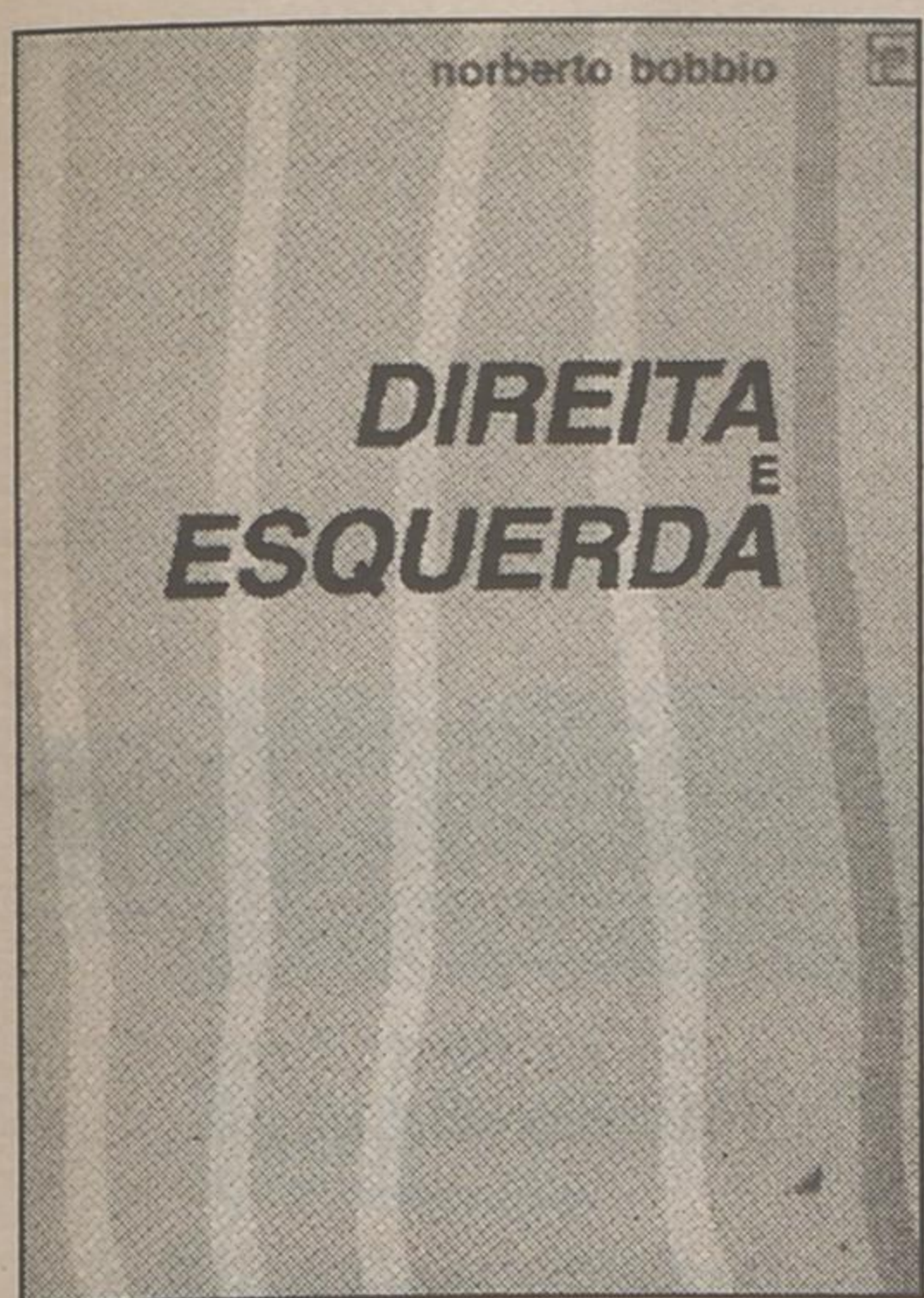
<http://www.spellsandmagic.com>

A morte

A morte fascina uma grande maioria da população, o que leva a que muito seja dito ou escrito sobre o que está depois da vida. O sítio Taphophilia é dedicado a curiosidades mórbidas. Histórias, uma galeria com coisas dos cemitérios, sondagens ou fóruns, há muita informação neste sítio. Há uma secção de dicionários com termos utilizados pelas agências funerárias e outro sobre o simbolismo utilizado nos cemitérios. Para aceder a algumas secções do sítio é necessário a inscrição. A galeria e os diários encontram-se nessa condição. Apesar de parecer mórbido (porque é mesmo) este sítio não deixa de ser uma boa visita para tirar dúvidas, partilhar perdas ou simplesmente por curiosidade.

<http://www.taphophilia.com>

Lê-se...



Norberto Bobbio
“Direita e Esquerda”
 Editorial Presença, 1995.
8/10

Norberto Bobbio morreu

Considerado por muitos um dos maiores pensadores políticos “ocidentais” e da filosofia política do século XX, Norberto Bobbio morreu no passado dia nove, em Turim, com noventa e quatro anos.

Com exaustão e rigor, Bobbio, abordou, nos seus escritos e nas comunicações proferidas, conceitos políticos que todos utilizamos, mas cujo sentido último nem sempre nos é familiar, como sejam o conceito de liberdade, autoridade, igualdade (e não igualitarismo!) e democracia, pautando-se o seu pensamento político pela noção de paz, sem que esta paz seja somente a “não-guerra”.

Neste livro, um dos três editados em Portugal, Bobbio apresenta uma discussão que para muitos já é vazia de sentido: a metáfora espacial de “direita política” por um lado e “a esquerda política” por outro.

Esta metáfora, esta dicotomia, nascida aquando da Revolução Francesa, passando a política de uma organização vertical para uma horizontal, não acaba com a queda do Muro de Berlim e, por isso, vai além do cliché habitual da sua ligação ao fascismo e ao comunismo, um dos argumentos utilizado como arremesso negativo de cada uma das alas à sua opositora.

Segundo Bobbio, esta diáde ainda está presente nos discursos políticos “O partido X está mais à direita”; “O político Y está com um discurso de esquerda”), nos media (“A esquerda perde eleitores na região Z em favor da direita”), no senso-comum e na própria cultura (o cineasta K é de esquerda, o autor é de direita, etc.). Mas com base em que critério proferimos e ouvimos estas afirmações de valor? O que é ser-se de esquerda? O que é ser-se de direita?

Para responder a estas questões, Bobbio faz uma breve mas incisiva análise dos critérios que subjazem a esta denominação valorativa, assim com a história da problemática desta dicotomia, reacendendo esta velha, mas pertinente, questão.

Para Bobbio a nossa política actual continua a fazer-se com dicotomias de várias ordens que é necessário auferir e delas tirar as conclusões necessárias. Mas, mais que esse pensamento, Bobbio encaminha-nos para uma nova leitura da política e para a reinvenção da própria política, ajudando-nos a ver mais além do que o cómodo da nossa situação de nos sentirmos ligados a uma ala e como se bastasse dizer “sou de esquerda” ou “sou de direita”.

Para este pensador, que se assume de esquerda pelo seu percurso de vida, a dicotomia que é necessário pensar ao mesmo tempo que a da “direita e esquerda” é a que existe entre extremistas e moderados, sejam eles de esquerda ou de direita, dando assim um empurrão para diante nas nossas conversas de café - nossas e dos políticos -, defendendo a democracia como paz.

“Compreende-se que, para se perceber o sentido deste grandioso movimento histórico, é preciso desviar os olhos das escaramuças diárias e olhar mais alto e para mais longe.” (p.101) **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Miguel Rocha
“A vida numa colher - Beterraba”
 Polvo Edições, 2003.
8/10

A busca pelo futuro

“A vida numa colher”, ou “Beterraba”, é o mais recente livro de Miguel Rocha, um dos autores portugueses que tem vindo a alcançar um cada vez maior reconhecimento por parte dos críticos e dos leitores. Este livro já tinha sido apresentado ao público antes do seu lançamento oficial, na mostra do Salão Lisboa.

A obra conta-nos a história de Oligário, um jovem residente no interior do país em meados do século passado que, durante uma época de crise, tenta cultivar uma plantação de beterrabas. Acompanhando o envelhecimento da personagem principal, da sua família, e a evolução da plantação, a história vai-nos revelando os anseios e tormentos interiores sentidos por Oligário. Incapaz de governar a sua família, o protagonista encontra-se numa busca incessante pe-

la ajuda de um filho que nunca mais aparece; e, vendo-se com cada vez mais filhas, recorre a estas para atingir os seus propósitos, o que resulta num isolamento destas em relação ao mundo exterior.

Em termos gráficos, Miguel Rocha cria efeitos semelhantes aos produzidos pelo pastel ou lápis de cera, em tons quentes, transmitindo sempre uma sensação de tranquilidade. É curioso observar que a arte contrasta com o argumento, na medida em que a calma mostrada pelos desenhos em nada reflecte a agitação emocional sentida pelas personagens.

Este álbum é actualmente uma das melhores obras disponíveis no panorama bedéfilo nacional, tendo sido também lançado simultaneamente no mercado francês, e havendo ainda ideias para uma possível adaptação ao mercado espanhol. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Air
“Talkie Walkie”
 Virgin, 2004.
9/10

Quando o homem regressa à Lua

Sairam pela primeira vez da estratosfera (e juraram nunca mais voltar) rumo à exploração de um universo maior com “Moon Safari” e só depois revelaram os planos preliminares dessa grande epopeia, em “Premier Simptomes”.

Com “Moon Safari” conseguiram atingir um estatuto raro e colocaram a França no mapa ao mesmo tempo que desenvolveram, eles próprios, um género que acabou por ser tão aclamado como apreciado e estimular outros sucessos de projectos como o francês Kid Loco (nos seus melhores tempos) e os ingleses Zero 7 (que estão prestes a lançar um segundo disco).

Construindo ambientes onde a melancolia se serve com doces tragos ora de toadas psicadélicas, ora de influências das pistas de dança, a dupla que cresceu com o punk, no que toca à utilização e manipulação das vozes aposta numa tripla (doces, intensas ou vocoder).

Depois da base lunar instalada, continuam a sua rota espacial servindo-se do melhor que já havia sido feito em tentativas anteriores para chegar mais longe, acompanham o nascimento de astros (fazendo a banda sonora para a estreia na realização de Sofia Coppola, em “The Virgin Suicides”) e aumentam o brilho das estrelas cadentes (atente-se à sonorização dos textos do italiano Alessandro Barrico que lançaram no passado ano).

Pelo meio, e enquanto os fatos de astronauta mal se restabeleciam do deslumbramento mas tinham alguma experiência e uso em ambientes aparentemente inóspitos, convidam alguns amigos para ver a terra a partir da Lua e, juntamente com Beck ou as nipónicas Buffalo Daughter (entre outros), geram o tão incompreendido como enigmático “10,000 Hz Legend”, cujos temas de eleição foram remisturados por nomes bem conhecidos e posteriormente re-lançados num disco para o efeito.

Quando se esperava ainda mais astúcia na ousada e gloriosa caminhada dos AIR, eis que, da própria estação lunar imaginada em “Moon Safari”, nos mostram dez etapas de melodias aparentemente simples e delicadas de puro deslumbramento ao longo de dez etapas que devem ser ouvidas de uma ponta à outra, ainda que o terceiro e o oitavo andamentos, por si só, nos encham as medidas a uma primeira audição. Que os AIR nunca tenham saído da Lua parece não haver grandes dúvidas, mas com este Talkie Walkie estão definitivamente de regresso ao seu local mais romântico de sempre. **Hugo Ferreira**



Dani Siciliano
“Likes...”
 Studio k71, 2004.

Dani likes Herbert

Poder-se-á afirmar que a música popular mais estimulante, tal como grande parte das circunstâncias da vida, sempre viveu no limiar do acaso? Se se restringir a interrogação ao fortuito encontro transatlântico entre o multifacetado produtor inglês Matthew Herbert e a cantora de San Francisco Dani Siciliano, haverá a tentação de resposta afirmativa. De facto, a dupla sempre tirou o melhor partido do imprevisto na composição musical não sendo, porventura, inocente que uma das editoras do primeiro se conheça como Accidental Records.

Juntos conceberam os álbuns “Around the house”, “Bodily functions” e “Goodbye Swingtime”, embora Siciliano tenha ainda colaborado com diversos artistas ingleses em algumas participações vocais espontâneas. Ainda na América (actualmente reside em Londres) aprendeu com sete anos a tocar clarinete formando, posteriormente, um quarteto com amigos que actuava em “jazz cafés” de diversas cidades.

Tal como nos álbuns supracitados, a linha que distingue o(s) autor(es) é tão ténue que só um esforçado exercício de abstracção permite alguma independência estética. A música desenvolve-se à volta da voz da americana e das relações do sampler com o instrumento real. Ouvem-se pequenas partículas sonoras que formam ritmos ou frágeis melodias a partir da manipulação tecnológica de sons pouco convencionais (ainda a questão do acaso...) como sejam máquinas de escrever, portas a bater, interruptores ou percussões em instrumentos de sopro.

As sonoridades oscilam entre o profundo lamento das letras em “Remember to Forget” e a agressividade semi-punk-new wave e lasciva de “Walk the Line” ou “She say Cliché”. Para além dos préstimos do seu companheiro habitual surgem colaborações pontuais de Max de Wardner, Gabriel Olegavich e do islandês Mugison, que em “All the Above” partilha um dueto vocal com a cantora e com o acordeão de Doctor Rockit.

Existe ainda uma curiosa reinterpretação de “Come as You Are”, a milhas do original de três acordes dos Nirvana, uma vez que lhe é dada uma roupagem sonora de velho dark jazz standard.

Numa altura em que a indústria discográfica atravessa a habitual letargia do balanço anual não será então por acaso que “Likes...” é um dos discos mais aguardados dos últimos tempos. **Rui Caniço**

22 AGENDA

Em palco...

Concerto de Ano Novo

"Concerto de Ano Novo"
Orquestra Nacional do Porto, acompanhada ao piano por Sequeira Costa
Direcção: Maestro Marc Tardue
Local: TAGV
Público: Casa cheia
Data: 8 de Janeiro
Hora: 21h30

Há sensivelmente um ano era inaugurada oficialmente a Coimbra Capital Nacional da Cultura. Nessa altura, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) recebia a Orquestra Gulbenkian acompanhada ao piano por Pedro Burmester.

Doze meses volvidos, o cenário voltou a repetir-se no TAGV. Uma formação de grande qualidade, a Orquestra Nacional do Porto (ONP), bem orientada pelo maestro Marc Tardue, acompanhada de forma irrepreensível por Sequeira Costa ao piano.

As boas vindas ao novo ano foram dadas por Johannes Brahms e a "Abertura Académica" em dó menor, opus 80. Peça interpretada apenas pela ONP e que, pelo vigor e imponência que transmite, faz-nos acreditar que tudo o que desejamos para 2004 se irá realizar.

Já com o solista Sequeira Costa em palco tocou-se Frederic Chopin, Concerto para piano nº2, em fá menor, opus



Orquestra Nacional do Porto, com Sequeira Costa ao piano

21, e na segunda parte, Sergei Rachmaninov com Concerto para piano nº2, opus 18.

Destaque-se aqui a orientação exemplar do maestro Marc Tardue. O casamento entre uma orquestra e um solista depende, em muito, de cedências de ambas as partes. Marc Tardue e a ONP souberam dar espaço a todo o virtuosismo de Sequeira Costa, surgindo muitas vezes em plano de fundo. Como num bailado, a orquestra embalava o piano e vice-versa, até que

um deles se libertava e conseguia encher toda a sala.

Uma nota final para a assistência. Depois de um ano de música clássica em Coimbra com os Mo(nu)mentos Musicais, o público ainda não se sabe comportar. Seria talvez boa ideia se o TAGV oferecesse à entrada para os espetáculos rebuçados para a tosse embrulhados em regras de conduta, como por exemplo: "Por favor não bata palmas entre os andamentos!" **Rui Pestana**

Outros rumos...

Montemor-o-Velho

O velho do monte

Construído para a defesa estratégica da região, o castelo de Montemor, de sentinelas militares e abrigo medieval, mais parece aquela figura do avô que sentado à distância observa os netos num sábio e contemplativo silêncio

A primeira pergunta que pode passar pela cabeça de um viajante ao chegar à estação de comboios de Montemor é "Porque é que a estação é tão longe da vila?". A ansiedade de chegar a um sítio que queremos conhecer pode provocar uma certa indignação quando descobrimos que alguns quilómetros ainda nos separam do nosso destino, mas nada como uma boa risada e observar a paisagem ao redor. Afinal, a viagem começa quando deixamos as nossas casas, e Portugal é o país da boleia e da boa conversa. Bom, vamos a Montemor.

Já no primeiro café, fui presenteado



A cidade de Montemor-o-Velho vista do monte

com uma boa história muito engraçada sobre a origem do nome da vila. Contavam senhores no café que o povo de Montemor, para provocar os que viviam na outra vila, diziam "Monte Mor, Monte Mor..." por causa das suas altas colinas, fazendo as pessoas das vilas vizinhas responderem «Maior Cá, Maior Cá...», numa brincadeira que, mais tarde, com a aproximação das palavras, acabou originando os nomes das vilas de Montemor e Maiorca.

As margens do baixo Mondego, a pa-

cata vila que cresceu à volta do grande castelo guarda, no seu passado, vestígios históricos valiosíssimos e uma melancolia com um sorriso no rosto que parece reger o dia-a-dia das pessoas: pescar enguias, festejar com caldeiradas de final de tarde, ou comentar sobre os viajantes que passam com olhares curiosos, conversando e fotografando aqueles prédios antigos já sem muita novidade. Tudo observado pela presença imponente e já familiar do velho sábio do monte. **Claudio Vaz**

A não perder...

Teatro

- TAGV -
Aventuras Extraordinárias do Príncipe e do Castor
Encenação de Tiago de Faria,
de amanhã a sexta-feira
Maximino!
Teatro de Objectos,
encenação de Pascal Sanvic,
de 20 e 21 de Janeiro

- Oficina Municipal do Teatro -
O Juiz da Beira: Aula Prática
Escola da Noite,
encenação de António Augusto Barros
Sexta-feira

- Teatro Estúdio Bonifrates -
23 centímetros
Cooperativa Bonifrates,
encenação de João Maria André,
quartas e sextas, até 21 de Janeiro

Música

- TAGV -
Uma prenda para Eugénio de Andrade
Companhia de Música Teatral,
Domingo
Tributo a Adriano Correia de Oliveira
Música e poesia de vários intérpretes nacionais,
31 de Janeiro

Exposições

- TAGV -
Jardim de Inverno
Instalação de Paula Vieira,
até quinta-feira
As palavras com o sangue dos outros - corpos
Evento Sartre e Beauvoir,
até sexta-feira
Ofício de Paciência a partir de livros de Eugénio de Andrade,
de sábado até 31 de Janeiro

- Mosteiro de Sta. Cruz -
Memórias de Santa Cruz
exposição sobre a história do monumento,
até 29 de Fevereiro

- Círculo de Artes Plásticas de Coimbra -
Coimbra C
Instalação no âmbito das artes plásticas,
até sábado

Dança

- TAGV -
"Ciclo de Dança Contemporânea - Luz, Corpos, Fragmentos"
One woman show
Concepção e interpretação de Cláudia Dias,
22 e 23 de Janeiro
Materiais Diversos
Concepção e interpretação de Tiago Guedes,
22 e 23 de Janeiro
Ariel
Arexplutáriadasartes,
27 e 28 de Janeiro

Cinema

- Cinemas Millenium Avenida -
Cine-Teatro
O Último Samurai
De Edward Zwick
Todos os dias - 12h45, 15h40, 18h35, 21h30, 0h30

Estúdio 1
O Senhor dos Anéis - O Regresso do Rei
De Peter Jackson
Todos os dias - 14h, 17h45, 21h40

Estúdio 2
Zatôichi
De Takeshi Kitano
Todos os dias - 16h45, 19h15, 22h, 00h15

Sessão Especial
À procura de Nemo
De Andrew Satantonde Lee
Todos os dias - 14h15, 16h15

- Cinemas Girassolum -
Sala 1
O Último Samurai
De Edward Zwick
Todos os dias - 13h45, 16h30, 19h15, 22h

Sala 2
O Senhor dos Anéis - O Regresso do Rei
De Peter Jackson
Todos os dias - 14h, 18h, 21h40

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director Emanuel Graça Chefe de Redacção João Pereira Editor de Fotografia Jonas Batista Editor de Academia e Universidade Tiago Azevedo Editor de Cidade, Nacional e Internacional Mário Guerreiro Editora de Ciência Lurdes Lagarto Editor de Desporto João Cortesão Editor de Cultura João Vasco Paginação Emanuel Graça Redacção Ana Maria Oliveira, André Jegundo, Bruno Fernandes, Bruno Vicente, Carina Valério, Carina Fonseca, Carla Pinto, Carlos Portela, Cecília Santos, Cláudia Rodrigues, Cláudio Vaz, Cristina Bastos, Diana Ramos, Dinarte Melim Velosa, Filipa Oliveira, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Inês Saraiva, Joana Fialho, Joana Moreira, João Pedro Marques, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luís Miguel Silva, Manuel Eduardo, Marco Pereira, Marília Frias, Marilene Alves, Marta Póiares, Nuno Curado, Nuno Felício, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Costa Gomes, Pedro Santos, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Pimentel Colaboradores Ana Martins, Ana Teresa, Andreia Ferreira, Ângela Loureiro, António Leitão, Arlete Moraes, Bruno Costa, Bruno Gonçalves, Carla Santos, Catarina Santos, Cláudia Martins, David Jacob, Helena Fagundes, Hélder João Pinto, João Pedro Campos, José Miguel Abrantes, José Miguel Pereira, Isidro Fagundes, Laura Cazaban, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Marisa Ferreira, Nâdia Albasini, Nuno Braga, Nuno Paiva, Olga Telo Cordeiro, Patrícia Martinho, Patrícia Ramos, Ricardo Duarte, Rita Faria, Rita Gouveia, Rosa Ramos, Sandra Pereira, Sara Peres Fotografia Ana Laura, Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Carla Pinto, Clarisse Magalhães, Cláudio Vaz, Daniela Pereira, Francisca Moreira, Joana Fonseca, José Sousa, Marilene Alves, Pedro Costa Gomes, Pedro Bonifácio, Rui Couto, Susana Ventura Publicidade Sofia Carvalho - 239821554; 914941677 Impressão CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com Tiragem 4000 exemplares Produção Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Propriedade Associação Académica de Coimbra Agradecimentos Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 - Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra
e-mail: cabra@aac.uc.pt

VINTE&TRÊS 23

2003: o ano num relance

janeiro



20 O professor de Engenharia Civil **Seabra Santos** é eleito reitor da Universidade de Coimbra, com 70 por cento dos votos



24 Abertura oficial de **Coimbra 2003 - Capital da Cultura**

27 O inspetor-chefe das Nações Unidas no Iraque **Hans Blix** apresenta o seu relatório ao Conselho de Segurança. Acusa o regime iraquiano de ser não-cooperante mas afirma que não foram encontradas armas de destruição maciça

fevereiro



1 Os sete tripulantes da nave espacial **Columbia** morrem, quando esta explode sobre o Texas, quando se preparava para aterrar na base espacial de Cabo Canaveral



2 **Vaclav Havel** abandona o cargo de presidente da República Checa, após 13 anos no poder

27 **João Moreno** é eleito presidente da Associação Académica de Coimbra/ Organismo Autónomo de Futebol

março

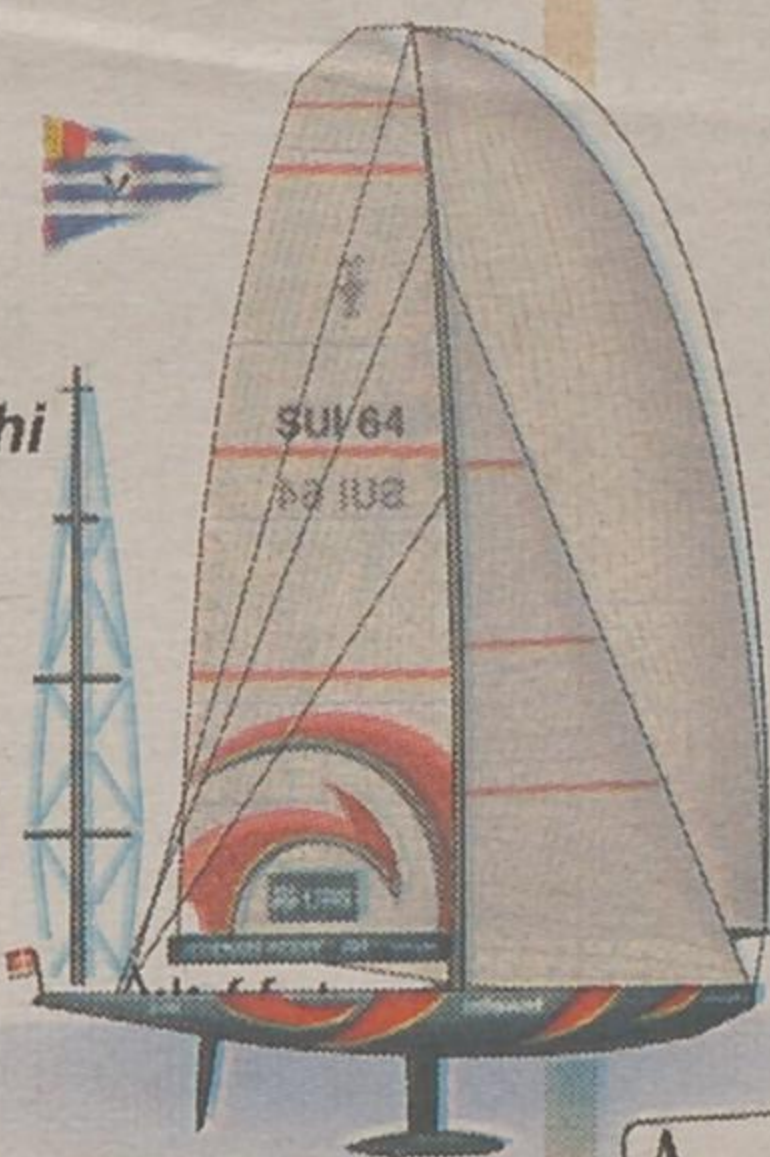
2 A embarcação suíça **Alinghi** ganha a America's Cup

15 **Fórum AAC**, destinado a discutir o ensino superior

19 Começa a ofensiva americana e britânica contra o **Iraque**

24 **Corrida para a Educação** coloca estudantes a correr contra o Ministério da Ciência e do Ensino Superior

25 Eleições para o **Senado Universitário**



abril

2 Estudantes manifestam-se em Lisboa contra provável aumento das **propinas**



9 Iraquianos jubilantes com a chegada de tropas americanas a Bagdad derrubam estátua de Saddam

10 A **Coreia do Norte** abandona o Tratado de Não-Proliferação Nuclear

30 Anunciado o "Roteiro para Paz" para o Médio-Oriente



maio



1 W. Bush dá como terminada a **guerra no Iraque**

14 **Greve** na Universidade de Coimbra

22 A sueca **Annika Sorenstam** torna-se na primeira mulher a competir contra homens numa competição de golfe da PGA

29 50º aniversário da primeira ascensão do topo do Monte Everest

29 O comediante **Bob Hope** comemora o seu centésimo aniversário



junho

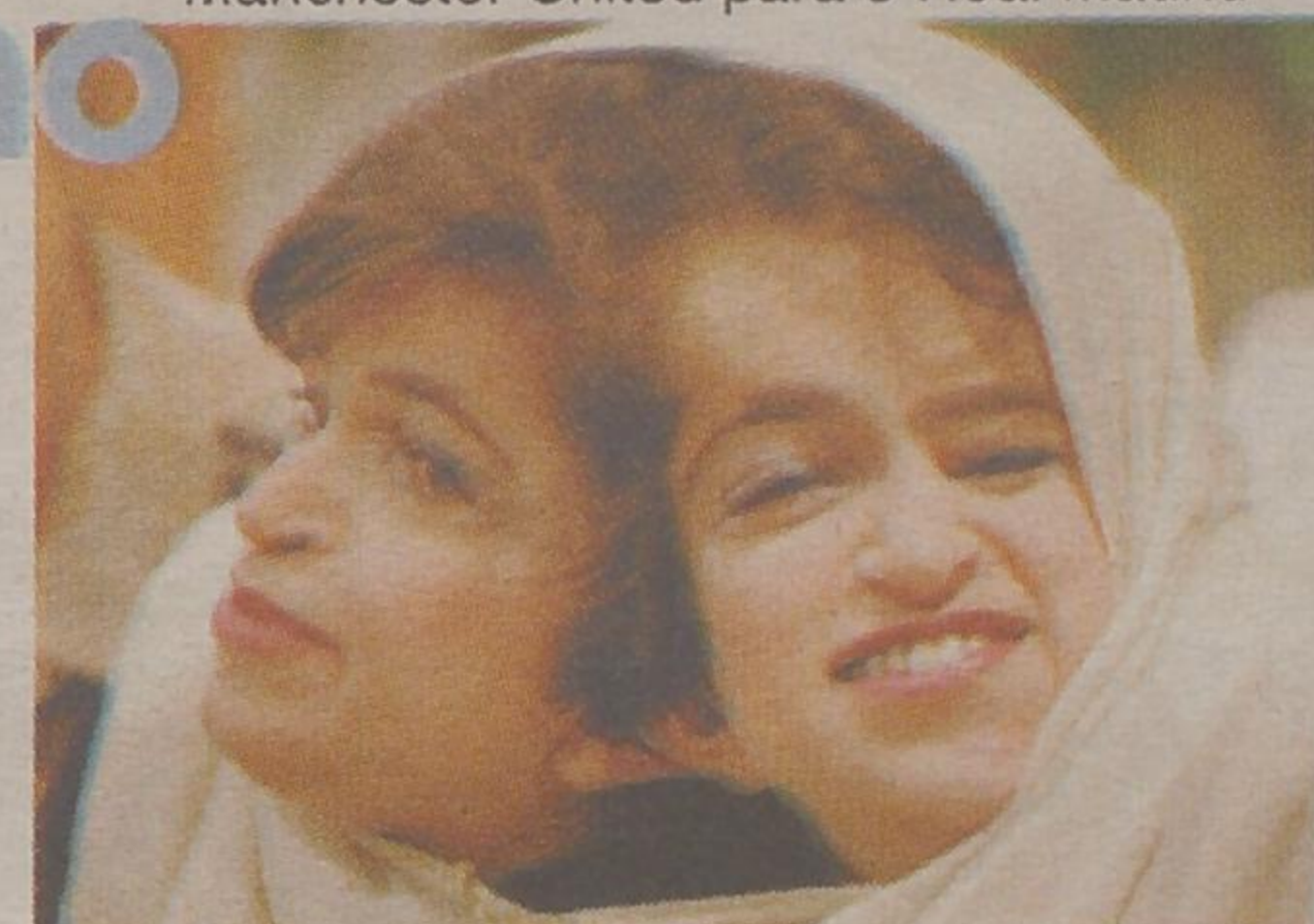
5 Apresentação do novo **logotipo da cidade de Coimbra**

5 A Organização Mundial de Saúde reporta um pico da misteriosa **pneumonia atípica**

17 A guerra civil agrava-se na Libéria, após o presidente **Charles Taylor** ter voltado atrás na sua promessa em abandonar o poder

17 **David Beckham** transfere-se do Manchester United para o Real Madrid

julho



8 As gémeas iranianas **Ladan e Laleh Bijani**, unidas pela cabeça desde a nascença, morrem após uma operação de 50 horas em Singapura para separá-las



22 Os filhos de Saddam Hussein **Uday e Qusay**, morrem durante um confronto com as tropas americanas, em Mossul

27 O ciclista **Lance Armstrong** vence o seu quinto título consecutivo do Tour de France



agosto

4 **Incêndios** lavram em 15 dos 18 distritos portugueses. O Governo aprova a "**declaração de calamidade pública**" para algumas dessas áreas

7 **Amrozi bin Nurhasyim** é sentenciado à pena de morte após ter sido condenado pelos atentados em Bali, em 2002

19 Ataque suicida à sede da ONU em Bagdad mata 22 pessoas, incluindo **Sergio Vieira de Mello**



setembro

6 O primeiro-ministro palestiano **Mahmoud Abbas** demite-se, alegando falta de apoio de **Yasser Arafat**; **Ahmed Qurei** substitui-o



10 A ministra sueca dos Negócios Estrangeiros **Anna Lindh** é assassinada, poucos dias antes de um referendo acerca do euro, em que os votantes disseram "não" à integração na moeda europeia

25 **Benfica** inaugura Estádio da Luz

28 **Sofia de Mello Breyner** recebe o Prémio Rainha Sofia de Poesia Iberoamericana

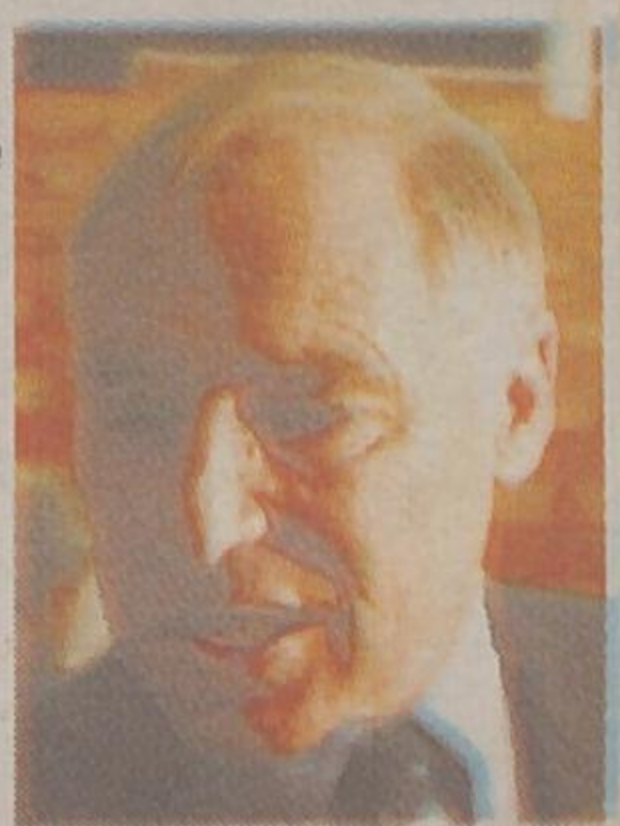


outubro

3 **Pedro Lynce** demite-se na sequência de alegada "cunha". Maria da Graça Carvalho substitui-o

16 **Papa João Paulo II** celebra 25 anos de pontificado

24 Última viagem comercial do avião supersónico **Concorde**



novembro

2 É ordenado o **primeiro bispo assumidamente homossexual**, pela Igreja Anglicana norte-americana

5 **Maior manifestação estudantil depois do 25 de Abril** junta 15 mil em Lisboa contra nova legislação para o sector

5 **Senado da Universidade de Coimbra** fixa propina mínima para ano lectivo de 2003/04 e máxima para 2004/05



22 Comerações do 40º aniversário do assassinato do presidente norte-americano **Kennedy**, em Dallas

dezembro

10 A advogada iraniana **Shirin Ebadi** torna-se a primeira mulher muçulmana a ganhar o Nobel da Paz

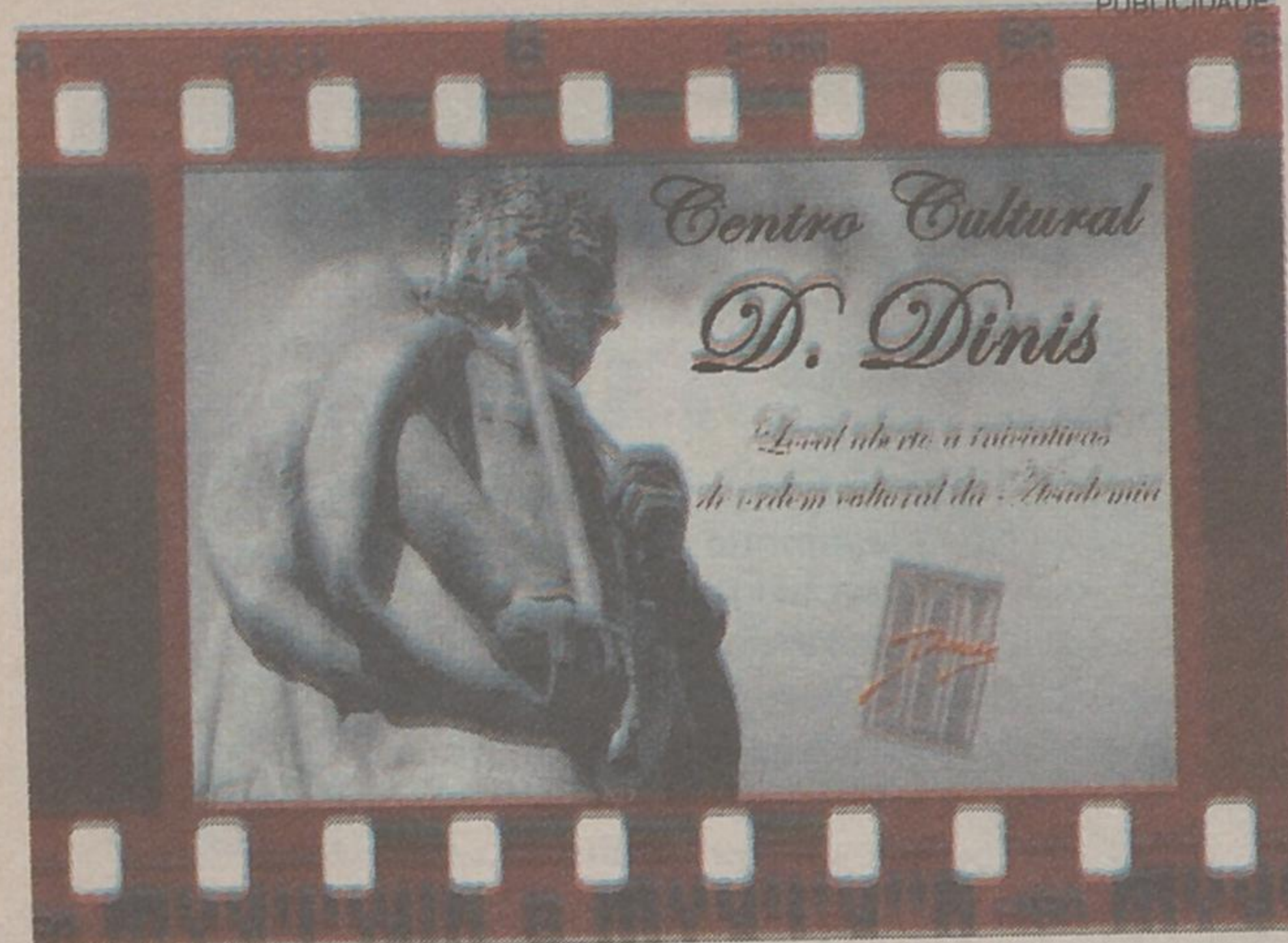
14 **Saddam Hussein** é capturado pelas tropas americanas, em Tikrit

17 Comemoração dos cem anos do primeiro voo dos irmãos **Wright**



© A CABRA/GRAPHIC NEWS

Fotos: Associated Press, arquivo. Caricaturas: Bob Hoare

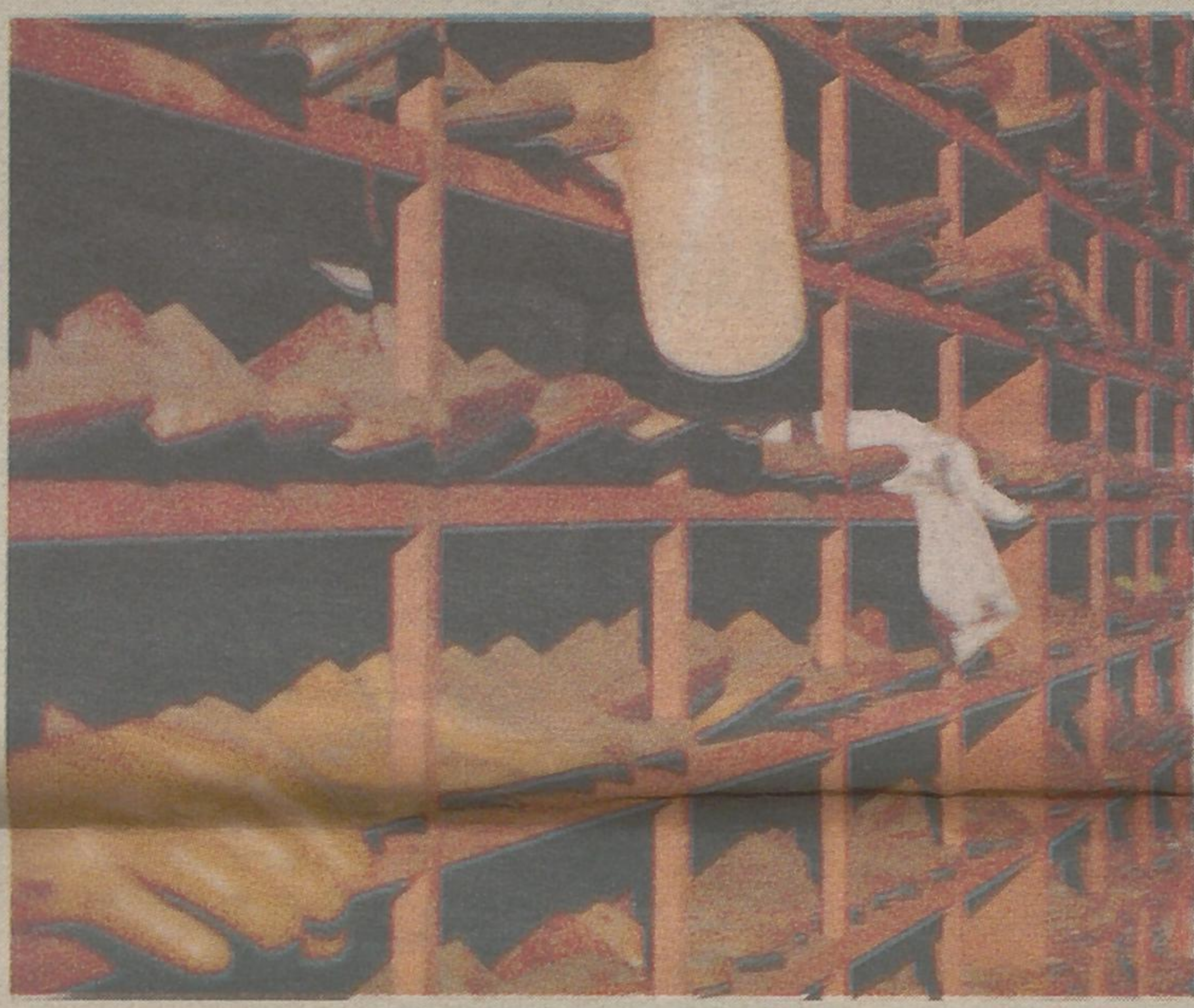


Imagetica

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

Sob a aurora desmesurada perfilada no horizonte de cada novo dia, reluzente, magnificante, imersa no denso manto do silêncio, do vazio de vida característico dos primeiros momentos de luz solar no interior fechado da cidade, a besta sai da toca em busca das próximas vítimas, das próximas presas, de carne tenra ensanguentada, braços, pés, pernas, mãos e outros membros humanos capazes de saciar um apetite incomensurável que começa a tomar a forma de obsessão, de dor, a partir das primeiras horas de privação, ou negação, do alimento tão desejado e necessitado, para uma criatura que vive no escuro da noite, distante, escondido, receoso de aparecer, de se mostrar, que sente uma profunda vergonha pelos seus actos, embora nunca demonstre qualquer tipo de misericórdia pela presa que surge no seu caminho de morte, na

mira do seu instinto primário, pois nesses momentos de risco a besta transforma-se no mais cruel e violento bicho peçonhento, arrancando à dentada o fruto proibido, a carne humana que lhe confere a energia necessária para sobreviver, satisfazendo também uma espécie de pulsão sexual, um desejo contido, reprimido, uma vontade perversa de trincar a pele macia e perfumada de uma das presas, bela, doce, sublime, como uma luz quente ao fundo de um corredor emparedado pelo escuro melancólico de uma solidão profunda que se abate sobre a besta quase todas as noites, noites brancas de recordações apaixonadas, de um tempo que já foi mas jamais voltará a ser, perdido nas circunstâncias de um mal-entendido, ou de um conflito forçado, obrigado, injusto, causador maior da revolta que move a besta na sua incessante vingança de morte.



Ferreira Leite abre excepção no superior

João Vasco

O Ministério das Finanças autorizou o Ministério da Ciência e do Ensino Superior a disponibilizar as verbas necessárias ao normal funcionamento das instituições de ensino superior durante o passado mês de Dezembro.

Depois de ter emitido uma circular para todos os serviços e fundos autónomos da Administração Pública sobre "controlo de despesa pública no mês de Dezembro", a Direcção-Geral do Orçamento (DGO) voltou atrás com a palavra e, a pedido do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), permitiu que fossem disponibilizados os montantes indispensáveis para o normal funcionamento dos estabelecimentos de ensino superior.

No despacho do início de Dezembro de 2003, a DGO definia que "durante o mês não podem ser assumidos novos compromissos de despesa, quer no âmbito do orçamento do funcionamento, quer no de investimento, sem a prévia autorização da ministra de Estado e das Finanças". Mas Manuela Ferreira Leite acabou por dar carta branca a centenas de autorizações de despesa em vários sectores, incluindo o ensino superior.

Com este acordo entre os dois ministérios, "o assunto ficou resolvido", afirmou o presidente do CRUP e reitor da Universidade do Algarve, Adriano Pimpão, acrescentando que caso não fosse autorizada esta medida, a situação podia ser "catastrófica no caso das universidades, que poderiam não receber a tempo e horas o material necessário para as aulas".

Universidade pública pode surgir em Viseu

A criação de uma universidade pública e de uma faculdade de Medicina são os próximos planos para o distrito de Viseu

Tiago Azevedo

O Governo acedeu às reivindicações da Câmara Municipal de Viseu e deve anunciar a criação de uma universidade pública e de uma faculdade de Medicina. Esta última ficará a cargo de uma das instituições privadas já existentes na cidade. Fernando Ruas, presidente da câmara de Viseu, acredita que o anúncio pode surgir até ao final do mês.

No entanto, Viseu não aceita a extensão de outra universidade e aguarda a criação de uma universi-

dade pública e autónoma. Durante os últimos anos, já se equacionou a hipótese da instalação de um pólo da Universidade de Aveiro que atingiria a autonomia total dois anos após o término das primeiras licenciaturas, situação que não agradou às forças políticas do distrito. Outra das hipóteses pensada foi a transferência da Universidade Aberta, que não se concretizou por este estabelecimento não abdicar da sede em Lisboa. Mas, tanto os responsáveis locais como os regionais sustentam a fundação de uma universidade que não esteja dependente de outras instituições.

A criação de um estabelecimento com estas características sustenta-se na necessidade de leccionar cursos que respondam às exigências do mercado e que apostem no desenvolvimento social e económico da região, através de áreas ligadas à ciência e às novas tecnologias, tal

como defende o edil Fernando Ruas.

Por outro lado, a licenciatura em Medicina, que deve ser um dos novos cursos que o elenco governativo pretende criar, deverá ficar sob alçada de uma das instituições privadas. Tanto a Universidade Católica como o Instituto Politécnico, já instalados em Viseu, demonstraram interesse em garantir a agregação do curso. Estas reivindicações vêm já do tempo de governação socialista e sempre obrigaram os governos a garantirem uma especial atenção a esta temática. Já no tempo do Governo socialista tinha sido viabilizado o surgimento do curso de Medicina Dentária na Universidade Católica, para culminar no curso de Medicina, um plano entretanto alterado.

A criação da universidade em Viseu já suscitou uma reacção junto do antigo ministro da Educação, Marçal Grilo, que afirma que esta decisão é má e que permitirá que outras

regiões possam pressionar o Governo a reclamar o mesmo direito. Da mesma forma, o presidente da Associação de Institutos Politécnicos do Centro, Valter Lemos, contesta esta medida referindo que se sustenta em interesses políticos e partidários locais. Valter Lemos acrescenta que não tem lógica que se despenda dinheiro na criação de uma universidade sem se criar as mesmas opções de formação no politécnico, salientando os elevados cortes no financiamento do ensino superior.

Após o anúncio da criação de uma universidade pública em Viseu, a autarca da Guarda, Maria do Carmo Borges, também reclama uma universidade pública para o concelho. A presidente da câmara municipal salienta que a Guarda também merece receber uma universidade, não escondendo, contudo, a intenção de transformar a Escola de Enfermagem em Escola Superior de Saúde.



CITACAPRESENTA
EVENTOS SARTRE
BEAUVOIR

AVENTURAS EXTRAORDINÁRIAS DO PRÍNCIPE E DO CASTOR
TEATROACADÉMICO GIL VICENTE

EXPOSIÇÕES
CONVERSAS
DOCUMENTÁRIOS
E O ESPECTÁCULO

12-16
012004